

• ORGANIZADO POR TIM CHESTER •



O MUNDO

UMA MISSÃO
A CUMPRIR

JOHN STOTT





A BÍBLIA

JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR **TIM CHESTER** •



O MUNDO

UMA MISSÃO A CUMPRIR

TRADUZIDO POR **DENIS TIMM**



Sumário

Capa

Folha de rosto

Prefácio

Uma nota ao leitor

Introdução da série “O Cristão Contemporâneo”

Introdução

1. A singularidade de Jesus Cristo

2. Nosso Deus é um Deus missionário

3. Missão holística

4. A cristologia da missão

Conclusão

Notas

Créditos

PREFÁCIO

SER “CONTEMPORÂNEO” é viver no presente e mover-se com os tempos sem se preocupar demais com o passado ou o futuro.

Ser um “cristão contemporâneo”, porém, é viver num presente que é enriquecido pelo nosso conhecimento do passado e pela nossa expectativa do futuro. Nossa fé cristã exige isso. Por quê? Porque o Deus em quem confiamos e que adoramos é “o Alfa e o Ômega... o que é, o que era e que há de vir, o Todo-poderoso”,¹ enquanto o Jesus Cristo que seguimos é “o mesmo, ontem, hoje e para sempre”.²

Assim, este livro e esta série falam de como os cristãos lidam com o tempo – como podemos unir o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver. Temos diante de nós dois desafios principais. O primeiro é a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente), e o segundo é a tensão entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro).

A introdução aborda o primeiro problema. É possível honrarmos verdadeiramente o passado e, ao mesmo tempo, vivermos no presente? Podemos preservar intacta a identidade histórica do cristianismo sem nos isolar daqueles que estão ao nosso redor? Podemos comunicar o evangelho de maneiras vibrantes e modernas, mas sem distorcê-lo ou até mesmo destruí-lo? Podemos ser autênticos e puros ao mesmo tempo, ou temos de escolher?

A conclusão aborda o segundo problema: a tensão entre o “agora” e o “ainda não”. Até onde podemos explorar e experimentar tudo o que Deus tem dito e feito por meio de Cristo sem nos desviar para o que ainda não foi revelado ou dado? Como podemos desenvolver um senso adequado de

humildade sobre um futuro que ainda vai se revelar sem nos tornarmos acomodados sobre onde estamos no presente?

Em meio a essas questões sobre as influências do passado e do futuro surge uma investigação sobre as nossas responsabilidades cristãs no presente.

Esta série trata de questões de doutrina e discipulado sob os cinco títulos: “O Evangelho”, “O Discípulo”, “A Bíblia”, “A Igreja” e “O Mundo” (o livro que você tem em mãos), embora eu não faça tentativa alguma de ser sistemático nem, muito menos, exaustivo.

Além da questão do tempo e das relações entre passado, presente e futuro, há um segundo tema que percorre esta série: a necessidade de falarmos menos e escutarmos mais.

Creio que somos chamados à difícil e até dolorosa tarefa da “dupla escuta”. Devemos escutar com atenção (embora, naturalmente, com diferentes graus de respeito) tanto a Palavra antiga como o mundo moderno, a fim de relacionar um ao outro com uma combinação de fidelidade e sensibilidade.

Cada livro desta série é uma tentativa de dupla escuta. É minha firme convicção que, se conseguirmos desenvolver a nossa capacidade de dupla escuta, evitaremos as armadilhas antagônicas da infidelidade e da irrelevância, e seremos verdadeiramente capazes de falar a Palavra de Deus ao mundo de Deus hoje de maneira eficaz.

ADAPTADO DO PREFÁCIO ORIGINAL ESCRITO POR JOHN STOTT EM 1991.

UMA NOTA AO LEITOR

O LIVRO ORIGINAL intitulado *O Cristão Contemporâneo*, no qual este volume e esta série estão baseados, pode não parecer “contemporâneo” para os leitores de hoje, mais de um quarto de século depois. Mas tanto a editora quanto os Executores Literários de John Stott estão convencidos de que as questões abordadas por John Stott neste livro são tão relevantes hoje como eram quando foram abordadas pela primeira vez.

A questão era como tornar esta obra seminal acessível para as novas gerações de leitores. Assim, procuramos fazer isso da seguinte maneira:

- A obra original foi dividida em uma série de volumes menores, levando em conta as cinco principais seções do original.
- Palavras que podem não comunicar ao leitor do século 21 foram atualizadas, ao mesmo tempo em que foi tomado grande cuidado para manter o processo de pensamento e o estilo do autor no original.
- Cada capítulo agora é seguido por perguntas feitas por um autor cristão atual e best-seller, a fim de ajudar a reflexão e a resposta.

Os amantes da obra original expressaram alegria pelo fato de este livro estar sendo disponibilizado de uma forma que amplia o seu alcance e influência em um novo século. Oramos para que você tenha a sua vida enriquecida por esta leitura, pois a vida de muitas pessoas já foi grandemente enriquecida pela edição original.

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO O ANTES E O AGORA

A EXPRESSÃO “o cristão contemporâneo” atinge muitos como uma contradição em termos. Para muitos, o cristianismo não passa de uma relíquia antiga do passado remoto, irrelevante para as pessoas do mundo de hoje.

O meu propósito nesta série é mostrar que existe algo como “cristianismo contemporâneo” – não algo ultramoderno, mas um cristianismo original, histórico, ortodoxo e bíblico, sensivelmente relacionado com o mundo moderno.

CRISTIANISMO: TANTO HISTÓRICO

COMO CONTEMPORÂNEO

Começamos reafirmando que o cristianismo é uma religião histórica. É claro que cada religião surgiu em um contexto histórico particular. O cristianismo, no entanto, faz uma reivindicação especialmente forte de ser histórico, porque repousa não só sobre uma *pessoa* histórica, Jesus de Nazaré, mas em certos *acontecimentos* históricos que o envolveram, especialmente o seu nascimento, morte e ressurreição. Há uma linha comum

aqui com o judaísmo, a partir do qual o cristianismo surgiu. O Antigo Testamento apresenta Deus não só como “o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, mas também como o Deus da aliança que ele fez com Abraão e, depois, renovou com Isaque e Jacó. Mais uma vez, ele não é apenas “o Deus de Moisés”, mas também é visto como o Redentor responsável pelo êxodo, que renovou a aliança mais uma vez no monte Sinai.

Os cristãos estão para sempre amarrados pelo coração e pela mente a estes acontecimentos históricos decisivos do passado. A Bíblia constantemente nos encoraja a olhar para eles com gratidão. De fato, Deus deliberadamente providenciou tudo para que o seu povo recordasse as suas ações salvadoras com regularidade. De modo emblemático, a Ceia do Senhor ou Eucaristia nos permite ter em mente a morte expiatória de Cristo, de modo regular, trazendo o passado para o presente.

Mas o problema é que os acontecimentos fundamentais do cristianismo ocorreram há muito tempo. Há alguns anos tive uma conversa com dois irmãos – estudantes que me disseram ter se afastado da fé professada pelos seus pais. Um deles agora era agnóstico, e o outro era ateu. Eu perguntei por quê. Será que eles não acreditavam mais na verdade do cristianismo? Não, o dilema deles não era se o cristianismo era *verdadeiro*, mas se era *relevante*. E como poderia ser? O cristianismo – eles continuaram – era uma religião primitiva da Palestina de muito tempo atrás. Então, o que tinha para oferecer a eles, que viviam no agitado mundo moderno?

Esta visão do cristianismo é generalizada. O mundo mudou dramaticamente desde os dias de Jesus e continua a mudar com uma velocidade cada vez mais desconcertante. As pessoas rejeitam o evangelho não necessariamente porque pensam que ele seja falso, mas porque já não diz nada para elas.

Em resposta a isso, precisamos ser claros sobre a convicção cristã básica de que Deus continua a falar por meio do que ele falou. A sua Palavra não é um fóssil pré-histórico, mas uma mensagem viva para o mundo contemporâneo. Mesmo admitindo as particularidades históricas da Bíblia e as imensas complexidades do mundo moderno, ainda existe uma correspondência fundamental entre elas. A Palavra de Deus permanece uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho.¹

No entanto, nosso dilema permanece. Será que o cristianismo consegue, ao mesmo tempo, manter a sua identidade autêntica e demonstrar a sua relevância?

O desejo de apresentar Jesus de uma maneira que apele para a nossa própria geração é obviamente certo. Esta foi a preocupação do pastor alemão Dietrich Bonhoeffer enquanto estava na prisão durante a Segunda Guerra Mundial: “O que mais me preocupa”, escreveu ele, “é a questão: [...] ‘quem Cristo realmente é, hoje, para cada um de nós?’”.² É uma questão difícil. Ao responder a ela, a Igreja em todas as gerações tinha tendência a desenvolver imagens de Cristo que se desviam do retrato pintado pelos autores do Novo Testamento.

TENTATIVA DE MODERNIZAR JESUS

Aqui estão algumas das muitas tentativas da Igreja de apresentar um retrato contemporâneo de Cristo, algumas das quais têm sido mais bem-sucedidas do que outras quanto a permanecer fiel ao original.

Penso em primeiro lugar em *Jesus, o asceta*, que inspirou gerações de monges e eremitas. Ele era muito parecido com João Batista, pois também vestia roupas feitas de pelo de camelo, usava sandálias ou até andava

descalço e comia gafanhotos com prazer evidente. Mas seria difícil conciliar este retrato com a crítica dos seus contemporâneos de que ele era um festeiro que vivia “comendo e bebendo”.³

Também havia *Jesus, o pálido galileu*. O imperador apóstata Juliano tentou restabelecer os deuses pagãos de Roma depois que Constantino os substituiu pela adoração a Cristo, e relata-se que ele teria dito o seguinte em seu leito de morte, em 363 depois de Cristo: “Venceste, ó galileu”. Suas palavras foram popularizadas por um poeta do século 19, Swinburne:

Venceste, ó pálido galileu;

O mundo tornou-se cinzento do ar que respiras.

Esta imagem de Jesus foi perpetuada na arte medieval e vitrais, com um halo celeste e uma pele sem cor, olhos levantados para o céu e pés que não tocavam o chão.

Em contraste com as apresentações de Jesus como fraco, sofredor e derrotado, havia *Jesus, o Cristo cósmico*, muito amado pelos líderes da igreja bizantina. Eles o descreveram como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Criador e governante do universo. No entanto, exaltado acima de todas as coisas, glorificado e reinando, ele parecia distante do mundo real e até mesmo da sua própria humanidade, como foi revelado na encarnação e na cruz.

No extremo oposto do espectro teológico, os deístas do Iluminismo dos séculos 17 e 18, à própria imagem deles, construíram *Jesus, o mestre do senso comum*,⁴ inteiramente humano e nada divino. O exemplo mais dramático é a obra de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos de 1801 a 1809. Rejeitando o sobrenatural como algo incompatível com a razão, ele produziu a sua própria edição dos Evangelhos, em que todos os milagres e mistérios

foram sistematicamente eliminados. O que resta ali é um guia para um professor de moral meramente humana.

No século 20, fomos apresentados a uma ampla gama de opções. Duas das mais conhecidas devem sua popularidade a musicais. Há *Jesus, o palhaço de Godspell*, que passa o tempo cantando e dançando, e assim capta algo da alegria de Jesus, mas dificilmente leva a sério a sua missão. Um pouco semelhante é *Jesus Cristo Superstar*, a celebridade desiludida, que uma vez pensou que sabia quem era, mas no Getsêmani já não tinha tanta certeza.

O falecido presidente de Cuba Fidel Castro referiu-se frequentemente a Jesus como “um grande revolucionário”, e houve muitas tentativas de retratá-lo como *Jesus, o lutador da liberdade*, o guerrilheiro urbano, o Che Guevara do primeiro século, com barba negra e olhos brilhantes, cujo gesto mais característico foi derrubar as mesas dos cambistas e expulsá-los do templo com um chicote.

Esses diferentes retratos ilustram a tendência recorrente de atualizar Cristo de acordo com as modas atuais. Isso começou na era apostólica, com a necessidade de Paulo advertir sobre os falsos mestres que pregavam “um Jesus que não é aquele que [nós, os apóstolos] pregamos”.⁵ Cada geração que chega tende a ler para si as suas próprias ideias e esperanças, criando um Jesus à sua própria imagem.

A motivação deles até é certa (pintar um retrato contemporâneo de Jesus), mas o resultado é sempre distorcido (como o retrato não é autêntico). O desafio diante de nós é apresentar Jesus à nossa geração de maneiras ao mesmo tempo precisas e atraentes.

CHAMADO À DUPLA ESCUTA

A principal razão de cada traição ao Jesus autêntico é que prestamos muita atenção às tendências contemporâneas e muito pouca atenção à Palavra de Deus. A sede de relevância torna-se tão exigente que sentimos a necessidade de ceder a ela, custe o que custar. Tornamo-nos escravos da última moda, preparados para sacrificar a verdade no altar da modernidade. A busca da relevância degenera para um desejo de popularidade. No extremo oposto da irrelevância está a acomodação, uma rendição covarde e sem princípios ao *espírito do tempo*.

O povo de Deus vive em um mundo que pode ser ativamente hostil. Estamos constantemente expostos à pressão para nos conformarmos a este mundo.

Graças a Deus, no entanto, que sempre houve aqueles que ficaram firmes, às vezes sozinhos, e se recusaram a ceder. Penso em Jeremias, no sexto século antes de Cristo, Paulo, em sua época (“todos... me abandonaram”),⁶ Atanásio, no século quarto, e Lutero, no século 16.

Em nossos dias, também precisamos decidir apresentar o evangelho bíblico de tal forma a lidar com os dilemas modernos, medos e frustrações, mas com a igual determinação de não comprometê-lo ao fazermos isso. Algumas *pedras de tropeço* são intrínsecas ao evangelho original e não podem ser eliminadas ou empurradas suavemente para torná-lo mais fácil de aceitar. O evangelho contém algumas características tão estranhas ao pensamento moderno que sempre poderá parecer tolo, por mais que nos esforcemos para mostrar que ele é “verdadeiro e de bom senso”.⁷ A cruz será sempre um ataque à autojustiça humana e um desafio à autoindulgência humana. O seu “escândalo” (pedra de tropeço) simplesmente não pode ser removido. A Igreja fala mais autenticamente não quando se torna indistinta do mundo ao nosso redor, mas justamente quando a sua luz distintiva brilha mais.

Por mais que estejamos desejosos de comunicar a Palavra de Deus aos outros, devemos ser fiéis a essa Palavra e, se necessário, estar preparados para sofrer por ela. A palavra de Deus a Ezequiel nos encoraja: “Não tenha medo dessa gente [...] Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes”.⁸ Somos chamados para ser fiéis e relevantes, não meramente modernos.

Como, então, podemos desenvolver uma mente cristã que seja moldada pelas verdades do cristianismo histórico e bíblico e, ao mesmo tempo, totalmente imersa nas realidades do mundo contemporâneo? Temos de começar com uma dupla recusa. Nós nos recusamos a ficar tão absorvidos na Palavra, que *fugimos* para ela, que falhamos em deixar que ela confronte o mundo; e nos recusamos a ficar tão absorvidos no mundo, que nos *conformamos* a ele e deixamos de submetê-lo ao julgamento da Palavra.

Em lugar desta dupla recusa, somos chamados à dupla escuta. Precisamos escutar a Palavra de Deus com expectativa e humildade, prontos para Deus talvez nos confrontar com uma palavra que pode ser perturbadora e inesperada. E devemos também escutar o mundo ao nosso redor. As vozes que ouvimos podem assumir a forma de protesto agudo e estridente. Haverá também os gritos angustiados daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a raiva, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão em desacordo com Deus. Escutamos a Palavra com humilde reverência, ansiosos para compreendê-la, e resolvemos crer e obedecer ao que passamos a entender. Escutamos o mundo com atenção crítica, ansiosos para compreendê-lo, e resolvemos não necessariamente acreditar e obedecer-lhe, mas simpatizar com ele e procurar graça para descobrir como o evangelho se relaciona com ele.

Todos acham difícil escutar. Mas será que os cristãos, às vezes, têm mais dificuldade para escutar do que os outros? Podemos aprender com os

chamados “consoladores” do livro de Jó, no Antigo Testamento. Eles começaram bem. Quando ouviram falar dos problemas de Jó, foram visitá-lo e, vendo quão grandes eram os seus sofrimentos, nada lhe disseram durante uma semana inteira. Se ao menos tivessem continuado como começaram e mantido a boca fechada! Em vez disso, eles propuseram a sua visão convencional – a visão de que o pecador sofre por causa dos seus próprios pecados – da maneira mais insensível. Eles realmente não escutaram o que Jó tinha a dizer. Eles se limitaram a repetir o seu próprio discurso impensado e sem coração, até que, no final, Deus entrou em cena e os repreendeu por terem deturpado a situação.

Precisamos cultivar essa “dupla escuta”, a capacidade de escutar duas vozes ao mesmo tempo – a voz de Deus por meio da Bíblia e as vozes de homens e mulheres ao nosso redor. Essas vozes muitas vezes se contradizem, mas o nosso propósito ao escutá-las é descobrir como elas se relacionam umas com as outras. A dupla escuta é algo indispensável para o discipulado cristão e para a missão cristã.

Somente por meio desta disciplina de dupla escuta é possível tornar-se um “cristão contemporâneo”. Nós juntamos o “histórico” e o “contemporâneo” enquanto aprendemos a aplicar a Palavra ao mundo, proclamando a boa-nova que é tanto verdadeira como nova.

Para resumir, vivemos no “agora” à luz do que já aconteceu “antes”.

INTRODUÇÃO

O MUNDO

EM TEORIA, o mundo é a comunidade velha e caída, enquanto a Igreja é a nova e redimida sociedade de Deus. Alguns teólogos, ansiosos para minimizar a diferença, vão tão longe a ponto de identificá-los, aplicando a todos os seres humanos indiscriminadamente o rótulo de “o povo de Deus”. Outros alcançam o mesmo objetivo por uma rota diferente. Permitem que o mundo dite à Igreja quais devem ser os seus pontos de vista e valores, até que a Igreja se conforme com o mundo e seja praticamente impossível distinguir os dois. Um terceiro grupo se contenta no fato de a Igreja e o mundo viverem juntos em convivência amigável, sem que um invada o território do outro ou interfira nos assuntos do outro.

Uma quarta possibilidade, no entanto, é aquilo que Jesus e seus apóstolos previam. É que a Igreja tem a responsabilidade dada por Deus de se infiltrar no mundo, ouvindo seus desafios, mas também trazendo seu próprio desafio, compartilhando as boas novas em palavras e ações. O termo correto para essa tarefa é “missão”. É para a “missão” que Deus envia a Igreja ao mundo. Vamos considerar quatro aspectos principais.

No capítulo 1, olhamos para a singularidade de Jesus Cristo, sem dúvida a questão mais importante e mais urgente que se apresenta à Igreja mundial hoje. Será que ainda podemos aplicar palavras tradicionais como “único”, “absoluto” e “final” a Jesus? Ou devemos nos render às pressões do pluralismo, que insiste em dizer que Jesus era apenas um de vários líderes religiosos, e que cada religião tem a sua própria validade independente? Se

Jesus foi e é único em sua pessoa e obra, então temos a obrigação de torná-lo conhecido. Se ele não é, então o principal fundamento da missão cristã foi minado, e teremos de desistir de nossa ambição de ganhar o mundo para Cristo.

No capítulo 2, definiremos a base bíblica completa para a missão cristã. Isto vai além da singularidade de Cristo, chegando à natureza do próprio Deus, pois a missão começa no coração de Deus. O Deus vivo da revelação bíblica é um Deus missionário. Um rápido levantamento de toda a Escritura demonstrará que cada uma de suas cinco seções tem uma ênfase inevitavelmente missionária.

No capítulo 3, “Missão holística”, veremos que a comunicação do evangelho pela Igreja não pode ser feita apenas em palavras, mas deve ser feita também em obras. Na missão da Igreja, como na de Cristo, boas novas e boas obras caminham juntas.¹ Nos propósitos de Deus, a evangelização e a responsabilidade social são casadas, e elas não devem ser divorciadas.

No capítulo 4, voltaremos a Cristo, já que nada é mais importante na missão cristã do que uma visão clara e viva dele. Sob o título “A cristologia da missão”, vamos olhar para os seis principais eventos da carreira salvadora de Jesus, a fim de ver que cada um tem uma dimensão missionária. A partir deles, aprenderemos o modelo e o custo da missão a que somos chamados, o mandato, o incentivo e o poder para essa missão e a sua urgência.

CAPÍTULO 1

A SINGULARIDADE DE JESUS CRISTO

CERTA VEZ, uma assistente social na Nigéria visitou um jovem em uma das vielas de Lagos. Ao lado de sua cama ela encontrou a Bíblia, o Livro de Oração Comum, o Alcorão, três cópias da *Torre de Vigia* (a revista das Testemunhas de Jeová), uma biografia de Karl Marx, um livro de exercícios de ioga e – o que aquele pobre jovem claramente mais necessitava – um livreto popular intitulado *Como Parar de Preocupar-se*.¹

Em 1966, a primeira cerimônia multirreligiosa foi realizada na igreja de St. Martin-in-the-Fields, em Londres. Hindus, budistas, muçulmanos e cristãos participaram em igualdade de condições, fazendo quatro afirmações de uma fé supostamente comum, dando quatro leituras de suas respectivas escrituras sagradas e pronunciando quatro bênçãos. Foi apenas em uma dessas bênçãos que o nome de Jesus foi mencionado – pela primeira e última vez. A imprensa secular estava entusiasmada, saudando o momento como um marco significativo na história religiosa. Mas os jornais cristãos descreveram aquilo como uma traição à fé cristã. É duvidoso se iriam escrever algo semelhante hoje em dia, uma vez que cerimônias multirreligiosas são realizadas regularmente.

Esses dois incidentes, um em Lagos e outro em Londres, são exemplos do espírito de sincretismo. O doutor Visser't Hooft, o primeiro secretário-geral do Conselho Mundial das Igrejas, definiu sincretismo como a visão de “que não há nenhuma revelação única na história, que há muitas maneiras diferentes de alcançar a realidade divina, que todas as formulações de

verdade ou experiência religiosa são por sua própria natureza expressões inadequadas dessa verdade, e que é necessário harmonizar o máximo possível todas as ideias e experiências religiosas, de modo a criar uma religião universal para a humanidade”². Ele foi franco em sua rejeição desta perspectiva. “Está mais do que na hora de os cristãos redescobrirem”, prosseguiu ele, “que o próprio coração da sua fé é que Jesus Cristo não veio para dar uma contribuição para o armazém religioso da humanidade, mas que Deus reconciliou com ele o mundo”³.

Hoje, o principal desafio para a compreensão tradicional da singularidade de Cristo não é o “sincretismo”, mas o “pluralismo”, não a tentativa de fundir as religiões do mundo em uma única fé universal, mas o reconhecimento da integridade de cada uma em toda a sua diversidade distintiva.

As opções que temos agora diante de nós são geralmente resumidas como “exclusivismo”, “inclusivismo” e “pluralismo”.⁴

O “exclusivismo” (um termo infelizmente negativo, que dá a impressão de querer excluir as pessoas do reino de Deus) é usado para denotar a visão histórica cristã de que a salvação não pode ser encontrada em outras religiões, mas apenas em Jesus Cristo.

O “inclusivismo” permite que a salvação seja possível para os adeptos de outras fés, mas diz que esta salvação é devido à obra secreta e muitas vezes não reconhecida de Cristo. No Concílio Vaticano II, os católicos romanos abraçaram este ponto de vista, afirmando que a obra salvífica de Cristo é boa “não só para os cristãos, mas para todos os homens de boa vontade no coração de quem a graça funciona de uma forma invisível”⁵.

O “pluralismo” vai ainda mais longe. Seus defensores rejeitam o exclusivismo como algo “presunçoso” e “arrogante”, e o inclusivismo como sendo “paternalista” ou “condescendente”. Considerando que a “pluralidade” expressa o simples fato de que existem muitas religiões, o “pluralismo”

afirma a validade independente de cada uma delas. Ele renuncia a todas as reivindicações de que o cristianismo é “absoluto”, “único”, “definitivo”, “final”, “normativo”, “supremo” ou “universal”. “Crescimento ilimitado é câncer, e isso se aplicaria a uma religião cristã única e sempre crescente em todo o mundo.”⁶ Em vez disso, o cristianismo deveria ser visto como apenas uma religião entre muitas, e Jesus como apenas um salvador entre outros. Este é o chamado “ecumenismo mais profundo e amplo, que abraça toda a humanidade”, do qual o arco-íris permanece “um símbolo atemporal”.⁷

ARGUMENTOS PARA O PLURALISMO

O que muitos acham atraente no “pluralismo”?

Primeiro, há uma *consciência global*. As ameaças ao ambiente natural, os receios de um conflito nuclear e a contínua injustiça econômica entre o Norte e o Sul conduziram a uma perspectiva planetária. A própria sobrevivência da raça humana parece depender de que todos aprendam a viver juntos em harmonia e cooperem para o bem comum. Portanto, o que quer que cause divisão, incluindo as nossas religiões, é compreensivelmente considerado como um crescente desfavor.

Em resposta, os cristãos devem realmente estar na vanguarda da busca da harmonia global. Pela criação de Deus, somos um só povo no mundo. Devemos estar comprometidos com a busca da paz internacional, com a democracia, com os direitos humanos, com as relações comunitárias, com a responsabilidade ambiental e com a procura de uma nova ordem econômica internacional. Além disso, pessoas de diferentes raças e religiões podem, devem e de fato cooperam neste tipo de ação social. No entanto, para fazer isso, não é necessário renunciar a nossa crença na singularidade de Jesus

Cristo. Seria loucura procurar a unidade à custa da verdade, ou a reconciliação sem Cristo, o Mediador. Além disso, Cristo inevitavelmente divide as pessoas, assim como as une. Ele disse que não tinha vindo para “trazer paz à terra [...] mas espada”⁸. Ele previu que algum conflito iria continuar, como as pessoas se colocarem a favor dele ou contra ele.

Em segundo lugar, há *uma apreciação de outras religiões*. As comunicações modernas (especialmente a televisão, as viagens e a *internet*) fizeram com que o mundo encolhesse. Pessoas de crenças e costumes estranhos, que anteriormente eram muito distantes de nós, agora vivem ao nosso lado. Eles entram em nossa casa – seja pessoalmente, seja pelas telas. Isto é “uma realidade recém-experimentado para muitos hoje”⁹. Os livros sagrados de outras religiões agora estão disponíveis em traduções para as nossas línguas. E, à medida que nos familiarizamos melhor com as religiões do mundo, o que o professor John Hick chamou de suas “imensas riquezas espirituais” então “tendem a corroer a plausibilidade do antigo exclusivismo cristão”¹⁰. Além disso, algumas crenças antigas estão mostrando sinais de ressurgimento, justamente quando a percepção é de que o cristianismo, declinando no Ocidente, “não conseguiu quebrar o poder das grandes religiões históricas”¹¹.

Devemos ser receptivos ao conhecimento mais profundo das diversas fés que há no mundo, sobretudo por meio do estudo comparativo das religiões nas escolas. Mas se descobrirmos “riquezas” em outras religiões, também vamos discernir mais claramente a singularidade absoluta de Jesus Cristo, como veremos mais tarde. “Fazer reivindicações de exclusividade para a nossa tradição particular”, escreve Stanley Samartha, um defensor do pluralismo, “não é a melhor maneira de amar o nosso próximo como a nós mesmos”¹². Mas, de fato, é a melhor e mais alta maneira de expressar o amor ao próximo, se o evangelho for verdadeiro. Pois se o evangelho é verdadeiro,

então não podemos afirmar que amamos o nosso próximo se o deixarmos sem conhecer Cristo. Quanto à vitalidade de outras religiões, e ao fracasso comparativo do cristianismo, essas coisas devem nos levar não à conclusão de que o evangelho é falso, mas sim ao autoexame, ao arrependimento, à mudança e à adoção de melhores maneiras de compartilhar as boas novas com os outros.

Terceiro, há *uma modéstia pós-colonial*. Durante quatro séculos o Ocidente dominou o mundo em termos políticos, militares, econômicos e científicos, e tomou como certos a sua superioridade moral e espiritual. Na verdade, a atitude do cristianismo “para com outras religiões foi moldada pela mentalidade colonial”¹³. O fim da Segunda Guerra Mundial, no entanto, anunciou o fim da era colonial. Enquanto o Ocidente passava por uma profunda mudança cultural “de uma posição de clara superioridade para uma de mera paridade”, uma mudança paralela ocorria na consciência teológica. O professor Langdon Gilkey escreve: “Esta situação dramática forçou [...] uma nova compreensão dos inter-relacionamentos das religiões, um novo equilíbrio de poder espiritual, por assim dizer, sobre todos”. Isto empurrou todos nós para fora da “superioridade”, para a “paridade”.¹⁴ Continuar, portanto, a reivindicar a universalidade cristã, como se diz, é voltar à velha mentalidade imperialista.

Para nós, no Ocidente, é certamente embaraçoso reconhecer que, durante esses séculos de expansão colonial, a conquista territorial e a espiritual muitas vezes andavam de mãos dadas, assim como a política e a religião, as armas e a Bíblia, a bandeira e a cruz. Representantes do poder imperial desenvolveram atitudes de superioridade orgulhosa em relação àqueles que governavam. Mas “superioridade” é uma palavra escorregadia, pois pode descrever um ar de intolerável presunção – e precisamos nos arrepender de cada vestígio disso. Mas procurar conquistar seguidores de outras religiões

para Cristo não é em si mesmo uma marca de arrogância. Em vez disso, indica uma profunda e humilde convicção de que o evangelho é superior a outras fés, porque é a verdade revelada de Deus.

No entanto, o atrativo do pluralismo é mais do que uma preocupação com a harmonia global, uma apreciação de outras religiões e um desejo de modéstia pós-colonial. Tem raízes ainda mais profundas, que foram examinadas pelos doze colaboradores do livro *The Myth of Christian Uniqueness* [O mito da singularidade cristã], de 1987. Esses estudiosos se descrevem como tendo “cruzado um rubicão teológico”, não só do exclusivismo ao inclusivismo, mas do inclusivismo ao pluralismo,¹⁵ e eles nos contam sobre as três “pontes” que os levaram a fazer a travessia.

A primeira foi chamada por eles de ponte *histórico-cultural*, ou *relatividade*. Desde que as pessoas começaram a aplicar a teoria geral da relatividade de Einstein além da física para outras áreas (incluindo a religião), aparentemente nada permaneceu absoluto. Um estudo histórico e comparativo das religiões, argumenta o professor Gordon Kaufman, sugere que elas são simplesmente “criações do imaginário humano”,¹⁶ cada uma de sua perspectiva cultural particular. Assim, a teologia cristã deve desistir de qualquer reivindicação de verdade absoluta ou final e, em vez disso, entender-se como “uma imaginativa resposta humana à necessidade de encontrar orientação para a vida em uma determinada situação histórica”¹⁷. O professor Tom Driver vai mais longe, declarando que “até mesmo a Escritura [...] é criação de nós seres humanos”¹⁸.

É claro que também afirmamos que a Bíblia é um livro culturalmente condicionado no sentido de que cada um dos seus autores falou dentro de sua própria cultura particular. Mas esta ênfase no aspecto humano, histórico e cultural da Bíblia é um relato completo de sua natureza? Não. Há boas razões para crer na dupla autoria da Escritura, ou seja, que por trás dos

autores humanos estava o autor divino, que falou sua Palavra por meio das palavras deles, e que sua Palavra transcende tanto a história quanto a cultura. Talvez outras religiões possam ser descritas (quaisquer que sejam suas afirmações) como produtos da imaginação humana. Mas a crença cristã histórica é de que o evangelho é o produto da revelação divina, embora mediada pela mente e boca dos autores humanos.

A segunda “ponte” para cruzar o “rubicão teológico” é chamada de *teológico-mística*, ou *mistério*. Ou seja, há em cada religião algum sentido do Transcendente ou experiência de Deus que, por ser infinito e inefável, permanece sempre além de nossas apreensões dele. O professor Wilfred Cantwell Smith diz que todas as nossas teologias são apenas “imagens conceituais de Deus” e, “como outras imagens, cada uma pode ser menos ou mais digna de seu Sujeito”. Ele continua dizendo que, em princípio, “não há diferença fundamental [...] entre uma doutrina e uma estátua”. O primeiro é uma imagem intelectual de Deus; a segunda, uma visual. “É errado para os nossos intelectos ter por absoluta a sua própria obra”, pois “tanto teologia como arte oferecem apreensões relativas do Absoluto”; ter por absoluta a nossa imagem de Deus é idolatria.¹⁹ Ele vai mais longe: “O fato de os cristãos pensarem que o cristianismo é verdade, ou final, ou salvífica, é uma forma de idolatria. Os cristãos imaginarem que Deus construiu o cristianismo [...] em vez de que ele/ela/isso nos inspirou a construí-lo [...] Isso é idolatria”²⁰. Ou, como Tom Driver resume, “idolatria é a insistência de que só há um caminho, uma norma, uma verdade”²¹.

Em resposta, certamente concordamos que Deus é a Realidade Transcendente além de toda imaginação, apreensão ou descrição humana possível. As palavras não podem capturá-lo, muito menos contê-lo. Como ele é infinito, nunca chegaremos ao fim dele. Em vez disso, vamos passar a eternidade explorando e adorando seu ser insondável. No entanto, dizer que

ele permanece um mistério é compatível com afirmar que ele se revelou. Além disso, sua Palavra encarnada em Jesus e sua Palavra registrada nas Escrituras têm uma posição normativa para todos os cristãos. É extraordinário afirmar que todos os cristãos de todas as igrejas por dois milênios, os quais creram na singularidade de Jesus, são idólatras! Se a referência é ao cristianismo como uma construção humana, então talvez tê-lo por absoluto poderia se tornar uma idolatria. Mas reconhecer o caráter final e absoluto do próprio Cristo não é idolatria, mas adoração autêntica.

Em terceiro lugar, há a ponte ético-prática, ou *justiça*. Algumas pessoas defendem o pluralismo porque acreditam que ele irá contribuir para a busca da justiça global.²² Tomando emprestado uma série de conceitos da teologia da libertação, o professor Paul Knitter escreve que “uma opção preferencial pelos pobres e pelos despersonalizados constitui a necessidade e a finalidade primária do diálogo inter-religioso”. Em outras palavras, o pluralismo não é um fim em si mesmo, mas um meio para o fim que é a libertação dos oprimidos. Uma vez que esta é uma tarefa muito grande para qualquer religião realizar, “um movimento de libertação mundial precisa de um diálogo inter-religioso mundial”²³. O único critério possível pelo qual julgar ou “classificar” a religião não deveria ser nem doutrinal nem místico, mas ético, ou seja, a sua eficácia na promoção do bem-estar humano.

Devemos concordar que as questões contemporâneas de justiça social devem ser de enorme preocupação para todos os cristãos, uma vez que reconhecemos a dignidade do ser humano como pessoas feitas à imagem de Deus. Por isso, deveríamos ter vergonha quando constatamos que os cristãos evangélicos muitas vezes acabam ficando na retaguarda da reforma social, em vez de estar na vanguarda. Não temos nenhuma discussão com a proposta de avaliar as religiões, incluindo o cristianismo, de acordo com seu registro social, uma vez que afirmamos que o evangelho é o poder de Deus

para transformar indivíduos e comunidades. Nós tanto experimentamos este poder em nossa própria vida como vimos em ação na história humana, e é por isso que não podemos concordar com a avaliação negativa do professor Hick do registro social cristão como “uma mistura complexa de elementos valiosos e prejudiciais”, nem melhores nem piores do que as de outras religiões.²⁴

RESUMO

Nossa resposta às seis razões pelas quais alguns acham o pluralismo atraente é, em cada caso, fundamentalmente a mesma. Eles imploram a questão da verdade. Será que Deus se revelou completa e finalmente em Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito de Cristo, ou não?

1. Concordamos com a busca da harmonia global, mas não à custa da verdade.
2. Concordamos que um maior conhecimento das outras religiões é enriquecedor, mas ao compará-las não podemos renunciar a afirmação de que Cristo é a verdade.
3. Concordamos que as atitudes coloniais de superioridade eram arrogantes, mas ainda insistimos que a verdade é superior à falsidade.
4. Concordamos que a Escritura é culturalmente condicionada, mas afirmamos que foi por meio dela que Deus falou a sua Palavra de verdade.
5. Concordamos que o mistério supremo de Deus está além da compreensão humana, mas afirmamos que Deus realmente se revelou em Cristo.

6. Concordamos que é uma parte essencial do nosso chamado cristão para servir os pobres, mas também somos chamados a dar testemunho da verdade.

De acordo com a professora Rosemary Radford Ruether, “a ideia de que o cristianismo, ou mesmo as crenças bíblicas, tem o monopólio da verdade religiosa é um chauvinismo religioso escandaloso e absurdo”²⁵. Se por “monopólio” ela quer dizer que outras religiões não possuem verdade, ou que os cristãos guardam a revelação de Deus para si mesmos e não a compartilham, então talvez possamos concordar com suas palavras estridentes. Mas se por monopólio ela está se referindo à crença de que Deus se revelou plena e finalmente em Cristo, então isso não é nem escandaloso nem absurdo, mas humilde, sábio, sóbrio e considerado fé cristã.

Seria realmente arrogante, até mesmo ultrajante, se estivéssemos reivindicando singularidade ou finalidade para nossas próprias opiniões falíveis e experiências limitadas. Mas nós não estamos. Como o bispo Lesslie Newbigin colocou:

Se, de fato, é verdade que o Deus Todo-Poderoso, Criador e sustentador de tudo o que existe no céu e na terra, assim – em um tempo e lugar conhecido na história humana – se humilhou a ponto de se tornar parte de nossa humanidade pecadora, sofrer e morrer uma morte vergonhosa para tirar nosso pecado e ressuscitar dos mortos como o primeiro fruto de uma nova criação, se isso é um fato, então afirmar isso não é arrogância. Ficar calado sobre isso é traição aos nossos semelhantes. Se é realmente verdade, e é, que “o Filho de Deus me amou e se entregou por mim”, como posso concordar que este incrível ato de incomparável graça

deve simplesmente se tornar parte de um programa para o “estudo comparativo das religiões?”²⁶

A SINGULARIDADE DE JESUS CRISTO

É essencial esclarecer que os cristãos reivindicam singularidade e finalidade apenas para Cristo e não para o cristianismo em qualquer uma das suas muitas formas institucionais ou culturais. Chamo três testemunhas para subscrever esta declaração, que provêm, respectivamente, da África, da Ásia e da Europa.

Primeiro, o professor John Mbiti, do Quênia, escreveu: “A singularidade do cristianismo está em Jesus Cristo”²⁷.

Minha testemunha da Ásia é o indiano Sadhu Sundar Singh, místico e evangelista cristão. Criado em uma casa *sikh*, ele se converteu a Cristo quando adolescente e, mais tarde, se tornou um *Sadhu*, um homem santo itinerante. Certa vez, visitando uma faculdade hindu, um professor agnóstico de religião comparada perguntou o que ele havia encontrado no cristianismo que não havia encontrado em sua antiga religião. “Eu tenho Cristo”, ele respondeu. “Sim, eu sei”, disse o professor um pouco impacientemente. “Mas que princípio ou doutrina particular você descobriu que não tinha antes?” “A coisa particular que eu encontrei”, respondeu ele, “é Cristo”.²⁸

A minha testemunha europeia é o bispo Stephen Neill, estudioso anglicano muito viajado, que enfatizou a centralidade de Cristo no debate com o pluralismo. Ele escreveu: “O velho dito ‘cristianismo é Cristo’ é quase exatamente a verdade. A figura histórica de Jesus de Nazaré é o critério pelo

qual cada afirmação cristã deve ser julgada, e é à luz dela que se mantém ou cai”.²⁹ Respondendo aos críticos do cristianismo, ele perguntou:

Será que nossos interlocutores já olharam realmente para Jesus Cristo e tentaram vê-lo como ele é? Pois, se levarmos os Evangelhos a sério [...] Jesus não é nem um pouco como qualquer outra pessoa que já viveu. As coisas que ele diz sobre Deus não são as mesmas que os ditos de qualquer outro professor religioso. As reivindicações que ele faz para si mesmo não são as mesmas que foram feitas em nome de qualquer outro professor religioso. Suas críticas à vida humana e à sociedade são muito mais devastadoras do que as que qualquer outro homem já fez. As exigências que ele fez aos seus seguidores são minuciosas do que as apresentadas por qualquer outro professor religioso.³⁰

Nossa reivindicação, então, não é apenas de que Jesus foi um dos grandes líderes espirituais do mundo. Seria irremediavelmente incongruente referir-se a ele como “Jesus, o Grande” e compará-lo com Alexandre, o Grande, Carlos, o Grande ou Napoleão, o Grande. Jesus não é o “Grande”; ele é o único.³¹ Ele não tem pares, nem rivais, nem sucessores.

Então, o que os primeiros cristãos pensaram a respeito dele? Eles lhe deram muitos nomes e títulos. Muitas vezes ele é simplesmente “Jesus” ou “Cristo”, ou quando seu nome humano e título messiânico são combinados, “Jesus (o) Cristo”. Muitas vezes, “Senhor” é adicionado, seja “o Senhor Jesus” ou “o Senhor Cristo” ou “O Senhor Jesus Cristo”. Mas quando o seu título é escrito na íntegra, ele é o “nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Esse título aparece, por exemplo, na conclusão da Segunda Carta de Pedro: “Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”³².

Dentro desta designação, três afirmações distintas estão implícitas, ou seja, que Jesus é o Senhor, Jesus é o Salvador e Jesus é nosso. Todas as três declaram que ele é único.

JESUS É O SENHOR

“Senhor Jesus” foi o mais antigo de todos os credos cristãos. É um testemunho da encarnação, uma vez que é uma afirmação da unidade do Jesus humano e do Senhor divino. A palavra *kyrios* foi usada com uma grande variedade de significados. Por um lado, ele poderia ser usado simplesmente como um título de cortesia (como “senhor”) ou para designar o dono de uma propriedade. Por outro lado, foi usado durante todo o período grego clássico para se referir aos deuses como uma forma de reconhecer a sua autoridade sobre a natureza e a história. Então passou a ser usado para governantes humanos, em especial o imperador. Foi também a paráfrase regular para *Yahweh*, o nome do Deus da aliança do Antigo Testamento, adotada pelos estudiosos que traduziram a Bíblia Hebraica para a língua grega. O fato de que ele veio a ser usado no Novo Testamento para o Cristo ressuscitado,³³ com a implicação de que seus seguidores eram seus escravos comprometidos a adorá-lo e obedecer-lhe, é uma indicação clara de que eles reconheciam a sua divindade. É ainda mais notável que os primeiros discípulos judeus usaram este termo, pois eles eram tão ferrenhamente monoteístas como qualquer muçulmano é hoje. Eles recitavam o *Shema* diariamente, confessando que o “O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor”.³⁴ Contudo, apesar disso, eles ousadamente chamaram Jesus de “Senhor” e o adoraram como Deus.

Não existe nada semelhante a isso em qualquer outra religião. Os judeus ainda rejeitam a divindade de Jesus, é claro. Os muçulmanos também. Entendendo mal a encarnação em termos grosseiramente físicos, Maomé escreveu no Alcorão: “Alá proíbe que ele mesmo gere um filho”³⁵.

O budismo primitivo ou clássico não tinha nenhum deus e nenhuma adoração. O status e a honra divinos não foram concedidos ao Buda até cerca de 500 anos após sua morte. Assim, não podemos aceitar o paralelo que o professor Hick faz quando ele escreve: “A budologia e a cristologia se desenvolveram em maneiras comparáveis”³⁶. Ele afirma que cada um deles “veio a ser considerado” uma encarnação como resultado da devoção religiosa de seus seguidores. A comparação é falha, no entanto, pois os próprios contemporâneos de Jesus o chamavam de “Senhor”, enquanto se passou meio milênio antes que o Buda começasse a ser adorado como Deus.

O hinduísmo, é verdade, afirma que há uma série de *avatares* ou seres divinos que “desceram” à Terra, nos quais se diz que o deus Vishnu apareceu em Rama, Krishna e outros. No Bhagavad Gita, Krishna diz a Arjuna que ele frequentemente toma a forma humana: “Eu nasci muitas vezes [...] Embora eu não tenha nascimento, seja eterno e seja o Senhor de todos, eu venho ao meu reino da natureza e através do meu poder maravilhoso eu nasci”³⁷. Talvez ainda mais impressionante foi a afirmação de Ramakrishna, o reformador hindu do século 19, que falava de si mesmo como “a mesma alma que tinha nascido antes como Rama, como Krishna, como Jesus, ou como Buda, nascido de novo como Ramakrishna”³⁸.

Mas “encarnação” não é uma interpretação apropriada ou precisa da palavra sânscrita *avatar*. A tentativa de relacioná-los esconde as duas diferenças fundamentais entre as afirmações hindus e cristãs. Em primeiro lugar, há a questão da *historicidade*. Os *avatares* de Vishnu pertencem à mitologia hindu. Não é importante para os hindus se os *avatares* realmente

existiram ou não. O cristianismo, no entanto, é essencialmente uma religião histórica, com base na afirmação de que a encarnação de Deus em Jesus Cristo foi um evento da história que teve lugar na Palestina, quando Augusto era imperador de Roma. Se a sua historicidade pudesse ser refutada, o cristianismo seria destruído.

A segunda diferença está na *pluralidade* dos *avatares*. Krishna falou de seus renascimentos múltiplos, até mesmo “frequentes”. Mas “encarnação” e “reencarnação” são dois conceitos fundamentalmente diferentes. Os *avatares* eram manifestações temporárias ou encarnações de Vishnu em forma humana. Mas nenhum implicava que a divindade realmente tenha assumido a humanidade, nem isso é algo central para o hinduísmo. A afirmação cristã, em contraste, é de que em Jesus de Nazaré Deus tomou a natureza humana para si de uma vez por todas e para sempre. Afirmamos que a encarnação de Deus em Jesus foi decisiva, permanente e irrepetível, o ponto de virada da história humana e o início da nova era. Quem hoje está reinando à mão direita de Deus é precisamente “o homem Cristo Jesus”, ainda humano e, ao mesmo tempo, divino, embora agora sua humanidade tenha sido glorificada. Tendo assumido a nossa natureza, ele nunca a descartou e nunca o fará.

Assim, o primeiro aspecto da singularidade de Jesus é de que ele é o Senhor. Ele é a “Palavra” ou “Filho” eterno e pessoal de Deus, que se tornou um ser humano. “Em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade.”³⁹ Ele é o governante soberano do universo e da Igreja. É verdade que ele exerce o seu governo através do amor humilde, pois o Senhor se tornou servo e lavou os pés de seus discípulos. No entanto, o nosso lugar de direito está diante de nós aos *seus* pés.

JESUS É O SALVADOR

A segunda afirmação contida no título de Jesus é que ele é o Salvador: o Senhor divino é o Salvador divino. E, embora falar de salvação seja algo desagradável para muitas pessoas hoje, não podemos desistir dele. Afinal, o cristianismo é, em essência, uma religião de resgate. Ele anuncia as boas novas da salvação. Como as igrejas têm recitado durante séculos no Credo Niceno, Jesus, “por nós homens e para nossa salvação, desceu do céu”.

Ora, “salvação” é uma palavra abrangente, compreendendo todos os propósitos redentores de Deus para suas criaturas alienadas. Salvação é liberdade, com os correspondentes aspectos negativos e positivos:

- É a liberdade do justo juízo de Deus sobre os nossos pecados, da nossa culpa e nossa consciência culpada, para um novo relacionamento com ele, no qual nos tornamos seus filhos reconciliados e perdoados e nós o conhecemos como nosso Pai.
- É a liberdade da amarga escravidão da falta de sentido para um novo senso de propósito na nova sociedade de amor de Deus, na qual os últimos são os primeiros, os pobres são ricos e os mansos são herdeiros.
- É a liberdade da prisão escura do nosso próprio egocentrismo para uma nova vida de autorrealização por meio do serviço de autoesquecimento.
- E um dia incluirá a liberdade da futilidade da dor, decadência, morte e dissolução para um novo mundo de imortalidade, beleza e alegria inimaginável.

Tudo isso – e muito mais! – é “salvação”.

Foi para assegurar essas grandes bênçãos que Jesus Cristo veio ao mundo, morreu na cruz e ressuscitou. Foi ele quem tomou a iniciativa, não nós: “O

Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido”⁴⁰. Comparou-se a um pastor que deixou o resto de suas ovelhas para ir atrás daquela uma que estava perdida. Em vez de abandoná-la, na esperança de que pudesse balir e encontrar sozinha o seu caminho para casa, arriscou a sua própria vida para procurá-la.⁴¹ De fato, o Bom Pastor deu a sua vida pelas suas ovelhas.⁴² Deliberada e voluntariamente, Jesus foi à cruz para se identificar conosco. Deus, em Cristo, tomou o nosso lugar, levou os nossos pecados, assumiu a nossa culpa, pagou a nossa pena, morreu a nossa morte, tudo isso para que pudéssemos ser perdoados e recriados. E então ele foi ressuscitado da morte em um evento sobrenatural, para reverter o veredito humano contra ele, e para reivindicar sua pessoa divino-humana e sua obra de salvação.

Isto também é único. Vemos a sua singularidade não só na sua encarnação, mas também na sua morte expiatória e ressurreição histórica. Todo o conceito de um Deus gracioso – que se recusou a tolerar os nossos pecados ou a visitá-los sobre nós, que tomou a iniciativa de nos salvar, que se entregou à vergonha e dor da morte na cruz e que quebrou o poder da morte na sua ressurreição – não tem paralelo em outras fés. “Se qualquer outra religião tem algo minimamente semelhante às doutrinas da encarnação e expiação”, escreveu o bispo Stephen Neill, “isso ainda tenho de encontrar”⁴³. Mas isso não pode ser encontrado. Emil Brunner estava certo quando se referiu ao “otimismo autoconfiante de toda religião não cristã”, ensinando várias formas de autossalvação, enquanto no evangelho toda a ênfase está na graciosa “automovimentação” de Deus em direção aos pecadores, e no desespero pessoal como “a antecâmara da fé”.⁴⁴

O budismo vê o dilema humano no sofrimento em vez do pecado, e no “desejo”, que é visto como a raiz do sofrimento. A libertação vem somente por meio da abolição do desejo pelo esforço próprio. Não há Deus e não há

Salvador. “Lutar sem cessar” foram as últimas palavras do Buda aos seus discípulos antes de morrer.

O hinduísmo filosófico localiza nosso problema em *maia*, geralmente entendido como a “ilusão” de nossa experiência espaço-tempo. O hinduísmo popular, por outro lado, ensina a doutrina inflexível do *carma*, retribuição através da reencarnação. Cada pessoa deve comer o fruto de seus próprios erros em vidas futuras, se não nesta ainda. A partir deste ciclo sem fim (*samsara*) de renascimentos ou reencarnações, não há escapatória pelo perdão. A saída vem apenas por essa libertação final chamada nirvana, que envolve a extinção do ser individual e a absorção na realidade divina impessoal (Brama).

O judaísmo continua, naturalmente, a ensinar a possibilidade de perdão ao penitente, o que é prometido no Antigo Testamento, mas nega tanto que Jesus é o Messias como que sua morte levando os pecados é a única base sobre a qual Deus pode perdoar. C. G. Montefiore, um estudioso judeu meticuloso e honesto, viu a “grandeza e originalidade” de Jesus em sua nova atitude para com os pecadores. Em vez de evitá-los, ele os procurou ativamente. Os rabinos tinham dito que Deus recebe os pecadores que voltam para ele, mas eles não tinham falado de um amor divino que faz o primeiro movimento para procurá-los e salvá-los: “Esta busca direta do – e apelo para o – pecador são notas novas e comoventes de grande importância e significado. O bom pastor que procura a ovelha perdida e a recupera, alegrando-se com ela, é uma nova figura”⁴⁵.

O Islã claramente proclama a misericórdia de Deus. Cada uma das 114 *suras* (capítulos) do Alcorão é introduzida pelas palavras “Em nome de Deus [Alá], o Clemente, o Misericordioso”. Mas não inclui nenhuma exibição histórica de sua misericórdia. E quando investigamos mais, descobrimos que Alá é misericordioso com o meritório, com aqueles que rezam, dão

esmolas e jejuam no Ramadã. Não há mensagem para os pecadores que merecem julgamento, exceto que eles receberão o julgamento que merecem. “Além disso, o que pedimos ao muçulmano para procurar em Jesus é em si mesmo uma causa de grave ofensa ao orgulho muçulmano. Sugerimos – não podemos fazer de outra forma – que ele encontre um Salvador. O muçulmano afirma que ele não tem necessidade de tal coisa.”⁴⁶

Não há qualquer dúvida de que a principal diferença entre o cristianismo e as demais religiões do mundo é a cruz, sendo também o principal obstáculo que encontram nele. A cruz humilha todo o orgulho e frustra todas as esperanças de autossalvação. Ela também fala da imensa generosidade e do amor de Deus em fornecer este caminho de salvação. Foi aqui que Toyohiko Kagawa, líder cristão japonês, encontrou a singularidade do cristianismo:

Sou grato pelo xintoísmo, pelo budismo e pelo confucionismo. Devo muito a essas fés [...] No entanto, essas três fés falharam completamente em atender às necessidades mais profundas do meu coração. Eu era um peregrino viajando por um longo caminho que não tinha volta. Estava cansado. Estava com os pés doloridos. Vagueei por um mundo escuro e sombrio onde as tragédias eram grandes [...] O budismo ensina grande compaixão [...] mas desde o princípio dos tempos, quem foi que declarou: “Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados”?⁴⁷

JESUS É NOSSO

O título completo de Jesus Cristo não é “o Senhor e Salvador”, mas “*nosso* Senhor e Salvador”. Não devemos perder este adjetivo pessoal possessivo. É uma palavra pequena, mas muito significativa. Indica que há uma terceira afirmação escondida em seu título, ou seja, *Jesus é nosso*.

Já no Antigo Testamento, o adjetivo possessivo “meu” expressava regularmente o relacionamento pessoal que o povo da aliança de Deus desfrutava com ele, especialmente quando se dirigiam a ele em oração. Por exemplo, os salmistas escrevem: “Senhor, minha Rocha e meu Resgatador”, “O Senhor é o meu pastor”, “O Senhor é a minha luz e a minha salvação [...] o meu forte refúgio”, “Somente ele é a rocha que me salva; ele é a minha torre segura” e “Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te busco intensamente”.⁴⁸

No Novo Testamento, afirma-se um relacionamento pessoal comparável a esse, agora com Jesus Cristo. Tanto Paulo quanto Pedro nos dão exemplos notáveis. Eis o que Paulo diz: “Considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor”⁴⁹. Quanto a Pedro, ele afirma que esse relacionamento íntimo não é só para si mesmo, mas também para os seus leitores: “Mesmo não o [Cristo] tendo visto, vocês o amam; e apesar de não o verem agora, creem nele e exultam com alegria indizível e gloriosa”⁵⁰.

Aqui estão as afirmações de que Cristo é nosso contemporâneo. O Jesus que nasceu em nosso mundo, que viveu e morreu na Palestina do primeiro século, também ressuscitou dos mortos, está agora vivo para sempre e está disponível e acessível ao seu povo. Jesus Cristo não deve ser relegado, como outros líderes religiosos, à história e aos livros de história. Ele não está morto e desaparecido, acabado ou fossilizado. Ele está vivo e ativo. Ele nos chama a segui-lo, e se oferece a nós como nosso Salvador, que habita em nós e nos transforma.

O Novo Testamento muitas vezes explica que esta disponibilidade para nós se dá por meio do Espírito Santo, que é o seu Espírito.⁵¹ Paulo ora para que “ele [o Pai] os fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite no coração de vocês mediante a fé”⁵². De fato, a fé cristã é essencialmente trinitária. Chegamos ao Pai através do Filho pelo Espírito,⁵³ e o Pai vem a nós através do Filho pelo Espírito⁵⁴.

Mais uma vez isso é único. Não há nada comparável a isso nas outras religiões. O budista não afirma conhecer o Buda; nem o confucionista, Confúcio; nem o muçulmano, Maomé; nem o marxista, Karl Marx. Cada um reverencia o fundador de sua religião ou ideologia como um mestre do passado. Também para os cristãos Jesus é um mestre, mas, mais do que isso, é o nosso Senhor e Salvador vivo. Afirmações nesse sentido “se repetem página após página do Novo Testamento e deixam claro que esse relacionamento íntimo e pessoal de confiança, devoção e comunhão é o coração da fé cristã”⁵⁵.

O arcebispo Coggan chamou a atenção para isso quando se referiu às 164 ocorrências da fórmula favorita de Paulo, “em Cristo”:

É uma frase estranha. Dificilmente podemos encontrar um uso paralelo a ela na vida comum. Se, digamos, um amigo íntimo de Churchill – que tenha passado muitos anos com ele e depois de uma década escrevesse a sua biografia – estivesse falando conosco sobre esse grande homem, ele poderia resumir seu relacionamento com ele em uma ampla variedade de maneiras. Poderia dizer que o temia, admirava, reverenciava ou mesmo que o amava. Mas ele nunca diria: “Eu sou um homem em Churchill”. Nunca lhe ocorreria usar tal frase. Mas Paulo era, acima de tudo, “um homem em Cristo”.⁵⁶

Embora seja correto enfatizar dessa forma o relacionamento pessoal e individual do crente com Cristo, indicada pelo possessivo singular “meu”, seu título completo na verdade inclui o possessivo *plural* “nosso”. Porque Deus está chamando um *povo* para si mesmo, e o foco da unidade do seu povo é Jesus Cristo. É ele quem vem e fica entre nós quando nos encontramos para adorar. Ele diz que sempre está com seu povo, mesmo quando apenas dois ou três se reúnem em seu nome.⁵⁷ E ele repete sua promessa para nós quando saímos para fazer discípulos entre as nações: “Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”⁵⁸.

Aqui, então, estão três aspectos principais da singularidade de Jesus Cristo. Ele é o Senhor. Ele é o Salvador. Ele é nosso. Pois ele é o “nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Historicamente falando, estas são alusões ao seu nascimento, morte e ressurreição. Teologicamente falando, referem-se à encarnação, à expiação e ao dom do Espírito pelo Senhor ressuscitado.

De fato, além do Jesus de Nazaré histórico, em nenhuma outra pessoa Deus se tornou humano, viveu na terra, morreu por nossos pecados, venceu a morte, foi exaltado ao céu e enviou o Espírito Santo. Por tudo isso, não há outro Salvador, pois não há outra pessoa que tenha essas qualificações, com base nas quais ele é o único que pode realmente salvar.

Não é suficiente, portanto, declarar que Jesus é único no sentido de que cada ser humano é único, como de fato cada floco de neve e cada folha de grama são únicos. Também não podemos endossar a afirmação do professor Paul Knitter de que a linguagem do Novo Testamento, afirmando que Cristo é “um só e único”, é “muito parecida com a linguagem que um marido usaria para sua esposa [...] ‘Você é a mulher mais bonita do mundo [...] Você é a única mulher para mim’”⁵⁹. É poesia, hipérbole, mas não verdade literal, afirma ele. Mais tarde, o professor Knitter argumenta que é uma “linguagem de ação”, cujo objetivo *principal* não era nem definir uma doutrina nem

excluir outras, mas sim exortar à ação por Cristo em “compromisso total com sua visão e caminho”.⁶⁰

Mas não é bem isso. Esse apelo a diferentes usos da linguagem, embora engenhoso, é certamente uma concessão especial. Um estudo cuidadoso dos textos que falam de Jesus como “um só e único” em seu contexto mostra que não são expressões puramente poéticas de fé e amor, que devem ser tomadas com uma pitada de sal. Pelo contrário, são afirmações solenes de verdade, que têm consequências eternas para a nossa salvação. Além disso, todas elas, implicitamente (se não explicitamente), tiram uma conclusão negativa (“não há outro”) a partir de sua declaração positiva (“somente ele”). Assim, é porque só Cristo conhece o Pai que só ele o pode revelar;⁶¹ é porque ele é “o caminho, a verdade e a vida” que ninguém pode ir ao Pai senão por ele.⁶² Da mesma forma, visto que o nome de Jesus Cristo, “a quem Deus ressuscitou dos mortos”, é poderoso para salvar, a conclusão é que “não há salvação em nenhum outro”⁶³. Da mesma forma (mesmo no sincretismo profundo do mundo greco-romano), “há um único Deus, o Pai [...] e um só Senhor, Jesus Cristo”⁶⁴. Há um sumo sacerdote que ofereceu um sacrifício (a si mesmo) como oferta pelo pecado de uma vez por todas.⁶⁵ Como resultado de sua morte em resgate por todos, “há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus”⁶⁶.

Um só caminho, um só nome, um só Deus, um só Senhor, um só mediador. A reivindicação é exclusiva e a implicação é inescapável. O que é genuinamente único tem significado universal e deve ser universalmente divulgado, ao passo que, para citar Visser't Hooft novamente, “não há universalidade se não houver um evento singular”⁶⁷. Assim, a singularidade e a universalidade estão juntas. Deus superexaltou Jesus e lhe deu o nome único de “Senhor”, elevando-o acima de qualquer outro nome, e é por isso que cada joelho deve se curvar diante dele. É porque Jesus Cristo é o único

Salvador que somos obrigados a proclamá-lo em toda parte. O “inclusivismo” da missão se deve exatamente ao “exclusivismo” do mediador.

A autoridade universal sobre as nações foi dada a ele. É por isso que ele nos comissiona a ir e discipular as nações.⁶⁸

DUAS PERGUNTAS

Será que existe uma descontinuidade total entre o cristianismo e outras religiões, de modo que toda a verdade está contida neste e nenhuma verdade nas outras? Não. Os cristãos certamente acreditam que Deus se revelou em Jesus Cristo, como testemunhado nas Escrituras, de uma forma única e final. Como resultado, nesta vida Deus não tem nada mais a revelar do que já revelou (embora, é claro, tenhamos muito mais a aprender). Mas não estamos sugerindo que, fora da Igreja, consideramos Deus inativo e a verdade, ausente. De modo nenhum. Deus sustenta todas as suas criaturas e, portanto, não está “longe de cada um de nós”. Pela criação, enquanto seres humanos, todos somos “descendência dele” e “nele vivemos, nos movemos e existimos”⁶⁹. Além disso, Jesus Cristo, como o *logos* de Deus e a luz da humanidade,⁷⁰ ele mesmo está incessantemente ativo no mundo. Visto que ele é descrito como “a verdadeira luz, que ilumina todos os homens”,⁷¹ toda beleza, verdade e bondade, onde quer que sejam encontradas entre os seres humanos, derivam dele, quer as pessoas saibam ou não. Este é um aspecto da chamada “graça comum” de Deus, seu amor mostrado a toda a humanidade. Não é, no entanto, a sua “graça salvadora”, que ele se estende para aqueles que humildemente clamam a ele por misericórdia.

Então, não há esperança de salvação para aqueles que pertencem a outras religiões e que talvez nunca tenham ouvido falar de Jesus? Nossa resposta a esta questão pungente precisa combinar confiança e agnosticismo, o que sabemos (porque a Escritura ensina claramente) e o que não sabemos (porque a Escritura é obscura ou não se manifesta sobre isso).

O que sabemos das Escrituras é que não há possibilidade de autossalvação. Todos os seres humanos, por conta da revelação geral de Deus, têm algum conhecimento de Deus e da bondade; todos falharam em viver de acordo com o seu conhecimento e, portanto, todos são culpados diante de Deus e estão a ponto de “perecer” (a menos que Deus intervenha). Este é o argumento de Romanos 1–3. Ninguém pode alcançar a salvação por sua religião, sinceridade ou filantropia. Aqueles que afirmam ser cristãos não podem, assim como qualquer outra pessoa não pode. Cornélio, o centurião, não é uma exceção a esta regra, como às vezes tem sido sugerido. Sua história ensina que a salvação está disponível tanto para os gentios como para os judeus, nos mesmos termos. Ela não ensina que a salvação foi obtida por sua própria justiça, piedade ou generosidade. Pelo contrário, ele precisava ouvir e responder ao evangelho para receber a salvação, a vida, a purificação e o Espírito Santo⁷². Também sabemos que Jesus Cristo é o único Salvador (porque só ele tem as qualificações necessárias, como vimos) e que a salvação é dada somente pela graça de Deus, somente com base na cruz de Cristo, somente pela fé.

O que não sabemos, no entanto, é exatamente quanto conhecimento e compreensão do evangelho as pessoas precisam antes de poderem clamar a Deus por misericórdia e serem salvas. No Antigo Testamento, as pessoas eram certamente justificadas pela graça por meio da fé, mesmo que tivessem pouco conhecimento de Cristo. Talvez hoje existam outros numa posição semelhante. Eles sabem que são pecadores e culpados diante de Deus, e que

eles não podem fazer nada para ganhar o seu favor, por isso, em seu desespero, chamam o Deus que vagamente percebem para salvá-los. Se Deus salva essas pessoas, como muitos cristãos evangélicos procuram acreditar, sua salvação ainda é apenas pela graça, somente por meio de Cristo, somente pela fé.

Outra coisa que sabemos é que o número final do povo redimido de Deus será na verdade incalculável,⁷³ no cumprimento final da promessa de Deus a Abraão de que sua posteridade (tanto espiritual quanto física) seria “tão numerosos como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar”⁷⁴. No mesmo sentido, parecemos ser assegurados por Paulo de que muito mais pessoas serão salvas do que perdidas, porque a obra de Cristo em causar a salvação será mais bem-sucedida do que a de Adão em causar a ruína, e porque a graça de Deus para trazer vida transbordará muito mais do que a transgressão de Adão para trazer a morte.⁷⁵

Embora tenhamos bases bíblicas sólidas para acalentar essa expectativa, não nos é dito como Deus fará isso. Mas, enquanto permanecemos agnósticos sobre isso, nosso dever é claro. Somos encarregados de pregar o evangelho e fazer discípulos. É difícil para as pessoas invocarem alguém em quem não creem, ou crerem em alguém de quem nunca ouviram, ou ouvirem se ninguém lhes prega.⁷⁶ É muito mais fácil para as pessoas acreditarem depois de terem ouvido as boas novas de Cristo crucificado. Quando elas aprendem a partir da cruz sobre a misericórdia de Deus para com os pecadores, então elas clamam: “Deus, seja misericordioso comigo, pecador!” Como Paulo afirmou: “A fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo”⁷⁷.

Então, negar a singularidade de Cristo é cortar o nervo da missão e torná-la supérflua. Afirmar sua singularidade, por outro lado, é reconhecer a urgência de torná-lo universalmente conhecido.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Qual é a sua experiência de lidar com outras religiões? Como isso moldou as atitudes de seus amigos incrédulos? Como isso moldou as suas atitudes?
2. É possível aprender algo com o ensino de outras religiões?
3. Como você responderia a um amigo que dissesse: “Afirmar que Cristo é o único caminho para Deus é algo ridículo e arrogante”?
4. O que torna o cristianismo diferente de todas as outras religiões?
5. Como devemos evangelizar os membros de outras religiões?
6. Mesmo rejeitando resolutamente o “pluralismo”, Stott identifica o que o torna atraente, permitindo interagir em um nível mais profundo. Aplique essa abordagem para outra posição que você rejeita. Por que seus proponentes acham aquilo atraente? Como isso pode ajudar você a se envolver com eles de forma mais eficaz?

CAPÍTULO 2

NOSSO DEUS É UM DEUS MISSIONÁRIO

O CONCEITO DE “MISSÃO” está fora de moda no mundo de hoje, e a hostilidade contra ele está crescendo. A evangelização, o zelo missionário e as tentativas de converter outras pessoas são todas rejeitadas como “incompatíveis com o espírito de tolerância”, “uma violação grosseira das liberdades individuais” e “uma forma desagradável de arrogância”. Mesmo na igreja algumas pessoas são indiferentes à missão da Igreja, enquanto outros são ativamente resistentes a ela.

“Como pode uma religião reivindicar um monopólio da verdade?”, perguntam as pessoas. “Não há muitos caminhos diferentes para Deus?” “Que direito temos nós de interferir na privacidade de outras pessoas, ou tentar impor-lhes as nossas opiniões? Vamos cuidar da nossa vida e esperar que outras pessoas cuidem da vida delas.”

Meio escondidas nesta retórica negativa, encontram-se três objeções à missão cristã, a saber, que ela é culpada de intolerância, de arrogância e de violência.

Como devemos responder a essas críticas?

INTOLERANTE?

A tolerância talvez seja a virtude mais apreciada na cultura ocidental de hoje. Mas as pessoas nem sempre definem o que querem dizer com isso. Existem três tipos diferentes de tolerância. A primeira pode ser chamada de tolerância *legal*. Isso procura assegurar que os direitos religiosos de todas as minorias (geralmente resumidos como a liberdade de “professar, praticar e propagar” a religião) sejam protegidos por lei. Os cristãos devem estar na vanguarda daqueles que exigem isso. Outro tipo é a tolerância *social*. Isso incentiva o respeito por todas as pessoas, independentemente das opiniões que possam ter. Ela procura compreender e apreciar a sua posição e promove a boa vizinhança. Esta também é uma virtude que os cristãos querem cultivar. Nasce naturalmente do nosso reconhecimento de que todos os seres humanos são criação de Deus e têm a sua imagem. Ele quer que vivamos juntos em amizade. Mas e a tolerância *intelectual*, que é o terceiro tipo? Cultivar uma mente tão ampla que possa acomodar qualquer opinião, mesmo que seja falsa ou negativa, sem nunca questionar ou rejeitar nada, isso não é uma virtude. Na verdade, é o vício do fraco e amoral. Ele acaba em uma inescrupulosa confusão da verdade com o erro e da bondade com o mal. Os cristãos que creem que a verdade e a bondade foram reveladas em Cristo não podem concordar com este tipo de tolerância. Estamos decididos a dar testemunho de Cristo, que é a personificação de ambos. Foi essa convicção que levou o arcebispo William Temple a dizer: “O cristianismo é, estou convencido, uma religião profundamente intolerante”¹.

ARROGANTE?

Se a missão não é, no sentido errado, intolerante, seria arrogante? Acho que devemos começar concordando que algumas atitudes cristãs e métodos

evangelísticos poderiam ser justamente descritos como “orgulhosos” e “paternalistas”. Precisamos nos arrepender dessas falhas. Os evangelistas nunca devem ser imperialistas, ambiciosos para o crescimento do seu império pessoal ou para o prestígio da sua organização, em vez do crescimento e prestígio do reino de Deus. Um espírito de cruzada, uma mentalidade triunfalista e um estilo destemido são todos inapropriados para os embaixadores de Cristo. A humildade é a virtude cristã preeminente e deve caracterizar todos os nossos pensamentos, palavras e ações.

Alguns missionários ocidentais cometeram o erro de confundir Cristo com cultura. Eles, então, se tornaram “culpados de um imperialismo cultural que mina a cultura local desnecessariamente e ainda procura impor uma cultura estranha”². O Relatório Willowbank: Evangelho e cultura coloca assim:

Sabemos que nunca devemos condenar ou desprezar outra cultura, mas sim respeitá-la. Não defendemos nem a arrogância que impõe a nossa cultura sobre os outros, nem o sincretismo que mistura o evangelho com elementos culturais incompatíveis com ele, mas sim uma partilha humilde da boa nova – possibilitada pelo respeito mútuo de uma amizade genuína.³

Em virtude desta necessidade de se arrepender da arrogância pessoal e cultural, será que o próprio conceito de missão é inerentemente arrogante? O bispo Kenneth Cragg argumenta que é exatamente o contrário:

A descrição da missão como egoísmo religioso pode ter alguma validade em relação a algumas de suas deslealdades. Mas, no fim, a suspensão da missão é que seria o egoísmo supremamente condenável, pois

argumentaria um direito de propriedade naquilo que é muito grande para pertencer a uns poucos e demasiado inclusivo para ser atribuído a alguns solitários [...] Crer em Cristo, enfim, é reconhecer nele um Cristo universal. Porque ele é requisito para todos, ele é propriedade de ninguém. A missão cristã é simplesmente um reconhecimento ativo das dimensões do amor de Deus.⁴

VIOLENTO?

A terceira objeção à missão cristã é que é um ataque violento contra as pessoas. Evangelização parece-lhes algo ao mesmo tempo agressivo e intrusivo, envolvendo uma invasão indesejada de território privado. Mais uma vez, temos de reconhecer que, por vezes, isso é verdade. A Grande Comissão não nos dá nenhuma ordem para invadir o espaço pessoal de outras pessoas ou derrubar as barreiras com as quais elas procuram se proteger. Pessoalmente, eu gostaria que pudéssemos tirar de nosso vocabulário evangelístico algumas metáforas violentas. “Cruzadas” trazem muitas lembranças das expedições militares medievais à Terra Santa, “campanhas” apontam para operações do exército e até mesmo “missões” evocam os bombardeios em tempo de guerra, enquanto falar de comunidades como “alvos” sugere mais que vão receber bombas e balas do que o evangelho da paz. Como podemos evangelizar com integridade se não mostramos a humildade e a mansidão do Cristo que proclamamos?⁵

Quando as pessoas falam depreciativamente de “proselitismo”, geralmente têm em mente algum tipo de conversão pela força. Isso deve ser claramente distinguido da verdadeira evangelização. De fato, há uma ampla medida de

acordo entre as igrejas de que o “proselitismo” é sinônimo de “testemunho indigno”.⁶ A “indignidade” de um testemunho proselitista pode se referir a

- nossos motivos – preocupação com a nossa própria glória, em vez da glória de Cristo;
- nossos métodos – confiança em técnicas de pressão psicológica ou em ofertas de benefícios como condição de conversão, em vez de poder do Espírito Santo;
- nossa mensagem – focando-se na alegada falsidade e falhas de outros, em vez da verdade e da perfeição de Jesus Cristo.

Não há necessidade de recorrer a qualquer tipo de testemunho indigno, pois a verdade vai prevalecer no final. Como Paulo disse, “nada podemos contra a verdade, mas somente em favor da verdade”⁷. Aqueles que usam pressões impróprias estão, assim, admitindo a fraqueza de seu próprio caso.

A missão cristã autêntica, portanto, é plenamente compatível com uma verdadeira tolerância, uma humildade genuína e uma gentileza semelhante à de Cristo. Também é parte integrante do cristianismo histórico. O cristianismo sem missão não é mais cristianismo. Isto é em parte, como vimos no capítulo anterior, porque o cristianismo afirma tanto a finalidade de Cristo (ele não tem sucessores) como a singularidade de Cristo (ele não tem rivais). Sua singularidade lhe dá significado universal. Ele deve ser conhecido em todo o mundo.

Mais do que isso, a missão cristã está enraizada na natureza do próprio Deus. A Bíblia revela o Pai, o Filho e o Espírito Santo como um Deus missionário, que cria um povo missionário, e está trabalhando para uma consumação missionária. Se este capítulo fosse um sermão, eu teria de anunciar meu texto como sendo toda a Bíblia! Não seria possível escolher

um texto mais curto, não se quisermos estabelecer um fundamento bíblico adequado para a missão cristã.

Proponho, portanto, apresentar um breve resumo da Bíblia, dividindo-a em suas cinco seções principais. Examinaremos:

- o Antigo Testamento e Deus Pai, o Criador do mundo e Deus da aliança com Israel;
- os Evangelhos e o nosso Senhor Jesus Cristo, o Salvador dos pecadores;
- o livro de Atos e o Espírito Santo em ação em e por meio dos apóstolos;
- as Cartas e a Igreja que elas representam, vivendo e testemunhando responsavelmente no mundo;
- o livro do Apocalipse e o clímax da história, quando o povo redimido de Deus será reunido de todas as nações.

Cada etapa sucessiva é uma nova revelação missionária.

O DEUS DO ANTIGO TESTAMENTO É UM DEUS MISSIONÁRIO

A ideia de que o Antigo Testamento é um livro missionário - e que seu Deus é um Deus missionário – vem como uma surpresa para muitas pessoas. Pois eles sempre pensaram no Deus do Antigo Testamento como o Deus exclusivamente de Israel. Eles lembram

- como Deus chamou Abraão e fez uma aliança com ele e com seus descendentes;

- como Deus renovou sua aliança com Isaque e Jacó, e depois com as doze tribos que ele resgatou da escravidão no Egito e trouxe para o Monte Sinai, onde prometeu ser o seu Deus e torná-los seu povo;
- como Deus os estabeleceu na Terra Prometida e os abençoou com reis, sacerdotes e profetas, preparando-os para a vinda do Messias.

Tudo isso é verdade. Mas é apenas uma parte da verdade.

Pois o Antigo Testamento começa

- não com Abraão, mas com Adão;
- não com a aliança, mas com a criação;
- não com a raça escolhida, mas com a raça humana.

O Antigo Testamento declara enfaticamente que *Yahweh*, o Deus de Israel, não era uma pequena divindade tribal como Quemos, o deus dos moabitas, ou Milcom, o deus dos amonitas, mas o Criador do céu e da terra, o Senhor das nações e “o Deus dos espíritos de toda carne”⁸. Essa é a sua perspectiva o tempo todo.

O chamado de Abraão não contradisse essa visão de mundo, mas a estabeleceu. *Yahweh* disse a Abraão que deixasse sua terra, seu povo e sua casa e fosse para outra terra. Então Deus disse a ele:

Farei de você um grande povo,
e o abençoarei.

Tornarei famoso o seu nome,
e você será uma bênção.

Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem;
e por meio de você

todos os povos da terra serão abençoados.⁹

Abraão devia deixar seu próprio povo e ser transformado em outro. Deus prometeu não só abençoá-lo, mas fazer dele uma bênção, não só para dar-lhe uma família, mas para através dela abençoar “todos os povos na terra”.

Não é exagero dizer que Gênesis 12.1-4 é o texto mais unificador de toda a Bíblia, pois o propósito salvador de Deus de abençoar o mundo inteiro por meio de Cristo, que foi a semente de Abraão, está encapsulado aqui. O resto da Bíblia é um desdobramento desse texto, e a história subsequente tem sido o seu cumprimento. Deus primeiro preparou Israel para a vinda de Cristo, e então, pela vinda de Cristo, Deus tem abençoado o mundo a partir dali. Nós mesmos não seríamos seguidores de Jesus hoje se não fosse por este texto: somos beneficiários da promessa que Deus fez a Abraão cerca de 4 mil anos atrás. “E, se vocês são de Cristo”, escreveu Paulo, “são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa”.¹⁰ De novo, se compartilharmos a sua fé, “ele é o pai de todos nós”.¹¹ Porque a promessa de Deus era um anúncio antecipado do evangelho a Abraão, a saber, “que Deus justificaria os gentios pela fé”¹².

A tragédia do Antigo Testamento é que Israel continuava esquecendo o alcance universal da promessa de Deus. Eles ignoraram o fato de que Deus tinha escolhido uma família para abençoar todas as famílias. Eles ficaram preocupados consigo mesmos e com a sua própria história. Eles até perverteram a verdade da eleição de Deus no erro do favoritismo divino, o que os levou a se vangloriar de seu status privilegiado e assumir que eram imunes ao juízo de Deus.

Então os profetas tiveram de continuar ampliando suas perspectivas e lembrando ao povo que o propósito de Deus por meio dos descendentes de Abraão era abençoar as nações. Por exemplo, Deus faria das *nações* a

“herança” e a “propriedade” do Messias;¹³ *todas as nações* o serviriam;¹⁴ ele seria uma luz para as *nações* gentílicas;¹⁵ e naquele dia *todas as nações* correriam para o monte do templo do Senhor¹⁶.

O CRISTO DOS EVANGELHOS É UM CRISTO MISSIONÁRIO

Em 1850, David Livingstone, o intrépido missionário pioneiro na África, escreveu para sua irmã Inês:

Jamais deveríamos considerar tomar parte de uma missão do Rei dos reis como sendo um sacrifício, enquanto outros homens estimam o serviço de um governo terreno como uma honra [...] Eu sou um missionário de coração e alma. Deus tinha um filho único, e ele era um missionário e um médico. Sou apenas uma pobre imitação dele [...] Neste serviço espero viver; nele desejo morrer.¹⁷

Alguns anos depois, Robert Speer, secretário viajante do Movimento de Estudantes Voluntários nos Estados Unidos, escreveu em seu diário: “Se você quer seguir Jesus Cristo, deve segui-lo até os confins da terra, pois é para lá que ele está indo [...] Não podemos pensar em Deus sem pensar nele como um Deus missionário”.

É verdade que Mateus descreve Jesus em duas oportunidades restringindo a sua missão às “ovelhas perdidas de Israel”. Ele disse aos Doze que não evangelizassem as áreas dos gentios ou samaritanos, mas que fossem “antes” às ovelhas perdidas de Israel.¹⁸ Mais tarde, quando uma mulher cananeia apelou a ele em nome de sua filha possuída por demônios, Jesus disse que

tinha sido “enviado apenas” às ovelhas perdidas de Israel.¹⁹ Isso soa perturbador, até mesmo chocante, até que nos lembramos de que essa era apenas uma limitação temporária, relativa somente ao ministério terreno de Jesus. Ele acrescentou que, por meio de sua morte, ressurreição e dom do Espírito, a salvação seria oferecida a todas as nações. E assim, mais tarde Jesus instruiu seus seguidores a levarem as boas novas a essas nações.

Mesmo o Evangelho de Mateus, o mais judeu dos quatro Evangelhos, torna claro este horizonte global. Ele começa com a genealogia de Jesus, que é traçada até Abraão, certamente para indicar que a promessa de bênção para as nações está finalmente sendo cumprida.²⁰ Em seguida, após o nascimento de Jesus, Mateus descreve a visita daqueles misteriosos magos, que trouxeram os seus tesouros ao “rei dos judeus”. Mateus os vê como precursores das multidões gentílicas que mais tarde prestariam homenagem a Jesus.²¹ Mateus também registra a notável predição de Jesus de que muitos virão do Oriente e do Ocidente e ocuparão seus lugares na festa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos Céus.²² E o Evangelho de Mateus termina com a versão mais completa da chamada “Grande Comissão”. A missão dos Doze durante o ministério público de Jesus pode ter sido restrita às ovelhas perdidas de Israel, mas a missão da Igreja não tem tal limitação. Os seguidores de Jesus devem ir e fazer discípulos de todas as nações, acolhendo-os pelo batismo na comunidade cristã, e ensinando-os a obedecer a todas as instruções do seu Mestre.²³

Esta comissão às nações nunca foi rescindida. Ela ainda está vinculada ao povo de Deus. Foi dada pelo Cristo ressuscitado, que podia afirmar que “toda a autoridade nos céus e na terra” tinha sido conferida a ele. Há uma ligação clara entre “toda a autoridade” que Jesus reivindicou e “todas as nações” que ele nos disse para discipular. A missão universal da Igreja brota da autoridade universal de Jesus.

O ESPÍRITO SANTO DOS ATOS É UM ESPÍRITO MISSIONÁRIO

Roland Allen, influente pensador missionário, escreve: “O livro dos ‘Atos’ é estritamente um livro missionário [...] A conclusão irresistível é de que o Espírito dado foi [...] de fato um Espírito missionário”²⁴. Isto, ele continua, é “o grande, fundamental e inconfundível ensinamento do livro [...] É na revelação do Espírito Santo como Espírito missionário que os ‘Atos’ estão sozinhos no Novo Testamento”²⁵.

Roland Allen estava certo. O Espírito Santo é o ator principal nos Atos. O livro de Atos começa com os 120 discípulos esperando. Antes de sua morte, Jesus havia prometido a vinda do Espírito e havia descrito o ministério futuro do Espírito de convencer, ensinar e testemunhar. Durante os quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão, Jesus disse aos seus discípulos para esperarem pelo Espírito que lhes daria o “poder” de testemunhar.²⁶

Assim, o Pentecostes foi um evento missionário. Foi o cumprimento da promessa de Deus, dada por meio do profeta Joel, de derramar o seu Espírito “sobre todos os povos”,²⁷ independentemente da sua raça, sexo, idade ou posição social. E as línguas estrangeiras que os discípulos falavam (que parecem claramente ter sido o que eram as “línguas”, pelo menos no Dia de Pentecostes) eram um sinal dramático da natureza internacional do reino do Messias ao qual o Espírito Santo havia chegado para estabelecer.

O restante dos Atos é um desdobramento lógico desse começo. Observamos encantados como o Espírito missionário cria um povo missionário e os envia em sua tarefa missionária. Eles começaram a testemunhar aos seus companheiros judeus em torno de Jerusalém, a sede judaica. Então Filipe tomou a ousada iniciativa de testemunhar aos samaritanos, que eram uma casa intermediária entre os judeus e os

gentios.²⁸ Em seguida, veio a conversão do centurião Cornélio, um daqueles gentios “tementes a Deus” que aceitavam o monoteísmo e os padrões éticos dos judeus, mas permanecia um gentio, à margem da sinagoga, sem aceitar a conversão completa. O Espírito Santo deu a mais clara evidência possível de que Cornélio era agora um membro totalmente credenciado da Igreja.²⁹ Logo depois, alguns crentes desconhecidos deram o mergulho e “começaram a falar também aos gregos, contandolhes as boas novas a respeito do Senhor Jesus”³⁰. Seguiram-se as três viagens missionárias de Paulo, o apóstolo dos gentios, nas quais evangelizaram as províncias da Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia, com o Espírito Santo tanto o refreando como o guiando.³¹ O livro termina com Paulo em Roma, a capital do mundo e a cidade dos seus sonhos, não como um homem livre, mas como um prisioneiro. No entanto, ele ainda era um evangelista incansável, pregando Jesus e o reino a todos os que o visitavam, “abertamente e sem impedimento algum”³².

Ao longo dos Atos, Lucas deixa claro que o ímpeto para a missão veio do Espírito Santo. O livro de Atos, escreve Harry Boer, “é governado por um motivo dominante, predominante e controlador. Este motivo é a expansão da fé pelo testemunho missionário no poder do Espírito [...] Incansavelmente o Espírito Santo leva a Igreja a testemunhar, e continuamente igrejas se levantam a partir do testemunho”³³. Boer também aponta que o impulso para esta evangelização veio do Espírito Santo, não da Grande Comissão, que de fato não é mencionada novamente depois de Atos 1. Ele escreve: “Devemos parar de pregar a Grande Comissão como uma ordem a ser obedecida, mas devemos apresentá-la *como uma lei que expressa a natureza e que governa a vida da Igreja* [...] O derramamento do Espírito se dá em e pela razão da sua própria natureza a efetivação da Grande Comissão na vida da Igreja”.³⁴

A IGREJA DAS CARTAS É UMA IGREJA MISSIONÁRIA

Os membros da igreja local (seja na imaginação ou na realidade) são frequentemente vistos sentados em um círculo de frente um para o outro. Este quadro não é inteiramente errado, pois pertencemos uns aos outros e precisamos do apoio uns dos outros. De fato, somos muitas vezes instados no Novo Testamento a amar, a encorajar, a consolar, a exortar uns aos outros e a carregar os fardos uns dos outros. E esta característica de “um aos outros” da comunhão cristã só pode ser apreciada e desenvolvida quando nos encaramos. Embora legítima, no entanto, a “reunião em círculo” também é perigosa. Porque sempre que nos viramos uns para os outros, viramos as costas ao mundo. Para desfrutar de comunhão mútua, nós também nos isolamos do mundo. Isso é bom, desde que seja apenas temporário. Nós nos separamos do mundo para adoração e comunhão, a fim de retornar a ele fortalecidos para viver como testemunhas e servos de Cristo.

As vinte e uma Cartas do Novo Testamento, mesmo aquelas dirigidas a indivíduos, têm todas a intenção, em suas diferentes maneiras, de construir a Igreja para que ela cresça em maturidade e extensão. É verdade que as Cartas abordam os assuntos domésticos da Igreja –doutrina, adoração, ministério, unidade e santidade. Mas elas também assumem que a Igreja vive no mundo e é responsável por alcançar o mundo com compaixão.

Paulo assume que as igrejas vão participar de seu próprio ministério apostólico por meio de seu apoio, seus dons e, acima de tudo, suas orações. Ele agradece a Deus pela “cooperação” dos filipenses no evangelho.³⁵ Ele pede aos tessalonicenses que orem para que, por meio dele, “a palavra do Senhor se propague rapidamente e receba a honra merecida”.³⁶ Ele pede aos

colossenses que orem “para que Deus abra uma porta para a nossa mensagem”,³⁷ e aos efésios para que lhe seja dada clareza e ousadia na sua pregação.³⁸

Os apóstolos também assumem que a própria Igreja estará envolvida na difusão da fé. Paulo chama isso de “coluna e fundamento da verdade”,³⁹ o que sugere que a Igreja deve manter a verdade em alta (como colunas empurrando um edifício para cima) e mantê-la firme (agindo como fundação de uma estrutura). Pedro chama a Igreja de “geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus”, a fim de que seus membros possam “anunciar as grandezas” ou “os atos poderosos” (NTLH) do Salvador que os chamou “das trevas para a sua maravilhosa luz”.⁴⁰

E cada igreja local deve exibir o caráter missionário de toda a Igreja. Os filipenses, que viviam “no meio de uma geração corrompida e depravada”, foram instruídos tanto a brilhar “como estrelas no universo” como a reter “firmemente a palavra da vida”, exibindo-a a todos, como um comerciante faz com seus bens ou como um garçom servindo os pratos em uma festa.⁴¹ Os tessalonicenses são descritos como tendo não só recebido “com alegria” a mensagem do Senhor, mas como tendo feito a mensagem conhecida nas regiões vizinhas.⁴²

Os membros individuais da Igreja também devem estar envolvidos no testemunho cristão. Os apóstolos os exortam a ter consciência dos “de fora” que os observavam. “Sejam sábios no procedimento para com os de fora; aproveitem ao máximo todas as oportunidades. O seu falar seja sempre agradável e temperado com sal, para que saibam como responder a cada um.”⁴³ É uma instrução muito prática. Devemos ser sábios na forma como nos relacionamos com pessoas de fora, aproveitar todas as chances de testemunhar, combinar graça com sal (talvez um elemento saudável ou até mesmo de humor) em nossa conversa, e estar prontos para responder a

qualquer pergunta que nos seja feita. Esse último ponto nos lembra da orientação de Pedro: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês”.⁴⁴

Assim, a Igreja das Cartas é uma Igreja missionária, quer estejamos pensando na Igreja universal ou na igreja local, ou ainda em membros individuais da igreja. A missão é uma parte essencial da identidade da Igreja. Nas palavras francas do bispo Lesslie Newbigin, “a comissão para discipular todas as nações está no centro do mandato da Igreja, e uma Igreja que esquece isso, ou a marginaliza, perde o direito aos títulos de ‘católica’ e ‘apostólica’”.⁴⁵

O CLÍMAX DO APOCALIPSE

É UM CLÍMAX MISSIONÁRIO

Quando foi permitido que João espiasse através de “uma porta aberta no céu”,⁴⁶ ele viu uma grande multidão de pessoas em pé diante do trono de Deus. Eles estavam vestindo vestes brancas (o símbolo da justiça) e segurando ramos de palmeiras (o símbolo da vitória), e estavam se reunindo em um poderoso coro de adoração, atribuindo sua salvação a Deus e ao Cordeiro. João também descreve essa grande multidão como vinda “de todas as nações, tribos, povos e línguas”.⁴⁷ A missão da Igreja não será infrutífera. Pelo contrário, resultará em uma enorme reunião de pessoas, uma multidão multirracial e multinacional. E as suas diferentes línguas e culturas enriquecerão a sua incessante celebração da graça de Deus.

A multidão redimida também será incontável. Só então a antiga promessa de Deus a Abraão será completamente cumprida. Para enfatizar o número

ilimitado de descendentes de Abraão, tanto física (os judeus) e espiritual (crentes, tanto judeus como gentios), Deus prometeu que eles seriam tão numerosos como o pó da terra,⁴⁸ as estrelas no céu⁴⁹ e a areia das praias do mar.⁵⁰ Cada metáfora simboliza um número incontável. “Tornarei a sua descendência tão numerosa como o pó da terra. *Se for possível contar o pó da terra, também se poderá contar a sua descendência.*”⁵¹ “Olhe para o céu e conte as estrelas, *se é que pode contá-las.*”⁵² Embora devamos nos contentar em permanecer agnósticos sobre como Deus alcançará este fim, podemos nos alegrar com o fato de que as obras missionárias da Igreja chegarão a um clímax assim glorioso e digno de Deus.

A partir desta rápida visão das Escrituras, vimos que

- o Deus do Antigo Testamento é um Deus missionário, pois chamou uma família para abençoar todas as famílias da terra;
- o Cristo dos Evangelhos é um Cristo missionário, pois comissionou a Igreja para ir e fazer discípulos das nações;
- o Espírito Santo do livro de Atos é um Espírito missionário, pois levou a Igreja a testemunhar;
- a igreja das Cartas é uma igreja missionária, pois é uma comunidade mundial com uma tarefa mundial;
- o clímax do livro do Apocalipse será um clímax missionário, pois envolve uma multidão incontável, de todas as nações.

Assim, a religião da Bíblia é uma religião missionária. A evidência é esmagadora e irrefutável. A missão não pode ser considerada como um desvio lamentável da tolerância religiosa, ou como o passatempo de alguns entusiastas excêntricos. Pelo contrário, ela surge do coração do próprio Deus

e é comunicada do seu coração para o nosso. A missão é o alcance global do povo global de um Deus global.

Sendo assim, precisamos nos arrepender se

- resistimos à dimensão missionária da vida da Igreja;
- rejeitamos a missão como se fosse dispensável;
- meramente sinalizamos para ela com algumas orações superficiais e ofertas escassas;
- ficamos preocupados apenas com questões paroquiais e localizadas.

Professamos crer em Deus? Ele é um Deus missionário. Dizemos que estamos comprometidos com Cristo? Ele é um Cristo missionário. Afirmamos estar cheios do Espírito? Ele é um Espírito missionário. Temos prazer de pertencer à Igreja? Ela é uma sociedade missionária. Esperamos ir para o céu quando morrermos? É um céu cheio de frutos do empreendimento missionário. Não há como evitar essas coisas.

Se alguns de nós precisam se arrepender, todos nós precisamos agir. O cristianismo autêntico da Bíblia não é uma religião segura, convencida, confortável, egoísta e escapista. Pelo contrário, é profundamente perturbadora para a nossa segurança resguardada. É uma força explosiva, centrífuga, que nos puxa para fora do nosso egocentrismo estreito e nos joga no mundo de Deus para testemunhar e servir. Portanto, devemos encontrar maneiras práticas de expressar este compromisso, tanto individualmente como por meio da nossa igreja local.

Em 1885, o general William Booth, fundador do Exército de Salvação, “com os olhos brilhando, desafiou um grande grupo de salvaçãoistas de Londres: ‘Qual é a largura da circunferência do mundo?’ Das fileiras apertadas veio a resposta a plena garganta: ‘Vinte e cinco mil milhas*.’

‘Então’, rugiu Booth, com os braços para cima, ‘devemos crescer até que os nossos braços consigam contorná-la’.⁵³



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Que tipo de atitude em relação à missão cristã você encontra entre seus amigos incrédulos?
 2. Como você responderia à acusação de que a missão é intolerante, arrogante ou violenta?
 3. Qual é a diferença entre evangelização e proselitismo? Você pode pensar em exemplos do que Stott chama de “testemunho indigno”?
 4. O que significa chamar Deus de um “Deus missionário”? Descreva o papel do Pai, do Filho e do Espírito na missão global.
 5. Stott diz: “O cristianismo autêntico da Bíblia não é uma religião segura, convencida, confortável, egoísta e escapista. Pelo contrário, é profundamente perturbadora para a nossa segurança resguardada. É uma força explosiva, centrífuga, que nos puxa para fora do nosso egocentrismo estreito e nos joga no mundo de Deus para testemunhar e servir”. Há atitudes das quais você precisa se arrepender?
 6. De que maneira prática, individualmente e em sua igreja, você poderia expressar este compromisso com a missão global?
- O equivalente a 40.233,6 quilômetros. (N.E.)↩

CAPÍTULO 3

MISSÃO HOLÍSTICA

“NÓS, CRISTÃOS, somos o único povo nesta terra que tem a visão integrada do mundo da matéria e do espírito que nos permite lidar com o desenvolvimento do sistema de esgoto e a salvação das almas com igual entusiasmo.”¹ Assim diz Raymond Bakke. Carl Henry diz que os cristãos evangélicos têm uma mensagem duplamente relevante para os nossos dias: “Pois eles conhecem o *Deus da justiça e da justificação* [...] Sempre que o cristianismo é forte na vida de uma nação, ele tem interesse tanto na lei como no evangelho, no Estado e na Igreja, na jurisprudência e na evangelização”.²

“Missão holística” (de “holismo”, a ideia de que o todo é maior do que a soma de suas partes) é uma tentativa, talvez não totalmente satisfatória, de capturar a ideia de que a missão autêntica é uma atividade abrangente que envolve tanto evangelização quanto ação social e se recusa a deixar que se separem.

Mas tais declarações do tipo “tanto um como outro” não definem o relacionamento entre evangelização e responsabilidade social. Nas últimas décadas, tem havido um considerável desacordo sobre a forma como essas duas responsabilidades se conectam. Isso tem sido afirmado de diferentes maneiras como a tensão

- “entre a ação de Deus na e por meio da Igreja e tudo o que Deus está fazendo no mundo, aparentemente de forma independente da comunidade cristã”;³
- “entre a interpretação vertical do evangelho como essencialmente preocupado com a ação salvadora de Deus na vida dos indivíduos, e a interpretação horizontal dele como principalmente preocupado com as relações humanas no mundo”;⁴
- entre Deus buscando a justificação dos pecadores e Deus buscando justiça nas nações;
- entre redenção e providência;
- entre a salvação da alma e o desenvolvimento da sociedade.

Às vezes, a diferença entre esses pontos de vista se torna uma polarização estéril, geralmente ao longo das linhas divisórias entre evangélicos e liberais, cada um reagindo exageradamente à posição do outro. O primeiro tem tendência a se concentrar exclusivamente na evangelização, negligenciando a necessidade social, como alimento para os famintos ou liberdade para os oprimidos. O último geralmente vai para o extremo oposto, tendendo a negligenciar a evangelização ou tentando reinterpretá-lo em termos sociopolíticos como a humanização das comunidades ou a libertação dos oprimidos. Assim, o estereótipo evangélico tem sido de espiritualizar o evangelho e negar suas implicações sociais, enquanto o estereótipo ecumênico tem sido de politizá-lo e negar a sua oferta de salvação para os pecadores. Esta polarização tem sido um desastre.

O RELACIONAMENTO ENTRE EVANGELIZAÇÃO E RESPONSABILIDADE

SOCIAL

No Pacto de Lausanne, de 1974, uma ampla gama de evangélicos afirmaram “que a evangelização e o envolvimento sociopolítico são ambos parte do nosso dever cristão”, acrescentando que “na missão de serviço sacrificial da igreja a evangelização é primordial”.⁵ A Consulta sobre o Relacionamento entre Evangelização e Responsabilidade Social, de 1982, explicou essa primazia de duas maneiras. Primeiro, a evangelização tem certa prioridade lógica: “O próprio fato da responsabilidade social cristã pressupõe cristãos socialmente responsáveis, e é apenas por meio da evangelização e do discipulado que eles podem se tornaram assim”. Segundo,

a evangelização se relaciona com o destino eterno das pessoas, e ao trazer-lhes boas novas de salvação, os cristãos estão fazendo o que ninguém mais pode fazer. Raramente deveríamos ter de escolher entre [...] curar corpos e salvar almas [...] No entanto, se devemos escolher, então temos de dizer que a suprema e última necessidade de toda a humanidade é a graça salvadora de Jesus Cristo, e que, portanto, a salvação eterna e espiritual de uma pessoa é de maior importância do que o seu bem-estar material e temporal.⁶

Em 1989, o Manifesto de Manila fez uma declaração semelhante: “A evangelização é primordial porque a nossa principal preocupação é com o evangelho, que todas as pessoas possam ter a oportunidade de aceitar Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador”⁷.

Reafirmar oprimado da evangelização não resolve o problema. Isso ainda deixa indefinidas as relações entre evangelização e responsabilidade social.

Foi para provocar essas relações que a Consulta sobre o Relacionamento entre Evangelização e Responsabilidade Social foi convocada em 1982. Seu relatório final identificou três ligações entre a evangelização e a ação social. Em primeiro lugar, “a atividade social é uma *consequência* da evangelização”. Porque a evangelização leva as pessoas à fé, a fé age por meio do amor e amor se manifesta em serviço.⁸ De fato, “a responsabilidade social é mais do que uma consequência da evangelização; é também um de seus principais objetivos”, uma vez que somos salvos “para fazermos boas obras”.⁹ Em segundo lugar, “a atividade social pode ser uma *ponte* para a evangelização”. Apesar do perigo de fazer “cristãos de arroz” (nome dado àqueles que professam a conversão apenas por causa dos benefícios materiais que lhes são oferecidos), permanece verdade que o amor em ação “pode quebrar preconceitos e suspeitas, abrir portas fechadas e ganhar uma audiência para o evangelho”. Em terceiro lugar, “a atividade social não apenas segue a evangelização como sua consequência e objetivo e a precede como sua ponte, mas também a acompanha como seu *parceiro*. Eles são como as duas lâminas de uma tesoura ou as duas asas de um pássaro”, e é assim que estavam presentes no ministério público de Jesus. “A parceria é, na realidade, um casamento.”¹⁰

Esta parceria se aplica tanto para o cristão individualmente como para a igreja local. É claro que diferentes cristãos recebem diferentes dons específicos e chamados, qualificando-os a se concentrar em ministérios especializados, assim como os Doze foram chamados para um ministério pastoral e os Sete para um ministério social.¹¹ É claro, também, que os cristãos podem se encontrar em situações de emergência que exigem respostas específicas. Não culpamos nem o bom samaritano por cuidar das feridas do viajante sem perguntar sobre seu estado espiritual, assim como não culpamos Filipe por compartilhar o evangelho com o etíope e não

perguntar sobre suas necessidades sociais. No entanto, estes são chamados e situações particulares. De um modo geral, todos os seguidores de Jesus Cristo têm uma responsabilidade, de acordo com as oportunidades que lhes são dadas, tanto para testemunhar como para servir.

O mesmo vale para cada igreja local. As necessidades de sua comunidade local serão muitas e variadas, e todos não conseguem fazer tudo. Assim, em uma igreja, independente de seu tamanho, seus membros devem ser encorajados a formar “grupos de estudo e de ação”, de acordo com seus dons, chamados e interesses, cada um assumindo uma determinada necessidade evangelística, pastoral ou social no bairro. A igreja deve reconhecer esses grupos especializados, fornecendo encorajamento, aconselhamento, oração e financiamento, conforme necessário, dando-lhes oportunidades para relatar seus progressos. Se a igreja “assumir” os grupos dessa maneira, então, por meio deles, a igreja será capaz de alcançar a comunidade e servi-la em uma série de necessidades diferentes.

Até agora temos pensado sobre as relações entre evangelização e responsabilidade social. O segundo problema que temos diz respeito ao *vocabulário* que devemos utilizar para exprimir a parceria entre eles. De acordo com o relatório do primeiro Congresso Nacional Anglicano Evangélico, “a evangelização e o serviço compassivo andam juntos na missão de Deus”.¹² Eu mesmo tentei elaborar isso mais tarde, ao escrever: “Missão’ descreve tudo que a Igreja é enviada a fazer no mundo”, ou seja, “o serviço cristão no mundo, abrangendo tanto o evangelismo como a ação social”.¹³

Alguns líderes evangélicos têm criticado essa definição de missão. Eles acreditam que isso é potencialmente prejudicial porque desviará os missionários de suas tarefas prioritárias de evangelização, discipulado e plantação de igrejas. Eles, portanto, querem manter o entendimento tradicional de “missão” e “missionário” como referindo-se apenas a essas

atividades evangelísticas (embora muitas vezes admitam que todos os cristãos têm responsabilidades sociais e políticas também). Certamente, a última coisa da qual eu quero ser culpado é de dificultar a missão da igreja! Também é verdade que “missão” em si não é uma palavra bíblica, assim como “Trindade” e “sacramento” também não são. No entanto, é uma palavra útil para abreviar um conceito bíblico, ou seja, tudo o que Cristo envia o seu povo para fazer no mundo. E isso não pode ser limitado à evangelização de proclamação, mesmo que isso tenha a primazia na igreja. A questão não é meramente uma questão de semântica (o que significa a palavra “missão?”), mas de substância (por que somos enviados ao mundo?). Mesmo que eu admitisse que a palavra “missão” não pode suportar o peso que eu coloquei nela, não faria diferença para o argumento de que somos enviados ao mundo tanto para testemunhar como para servir. E nossa missão deve ter Cristo como modelo. Assim como o seu amor por nós é como o amor do Pai por ele,¹⁴ assim também quando ele nos envia ao mundo é como quando o Pai o enviou ao mundo.¹⁵ Se palavras e obras estavam juntas em seu ministério, também devem fazer parte do nosso.

O principal medo dos meus críticos parece ser que os missionários serão desviados. A melhor maneira de evitar isso, na minha opinião, é não negar que a “missão” é mais ampla do que a evangelização, mas sim insistir que cada “missionário” deve ser fiel ao seu chamado particular. Eu já sugeri que na igreja local, embora os membros individuais possam ter focos diferentes, a própria igreja estará desequilibrada se não incluir uma variedade de ministérios. Da mesma forma, embora alguns missionários sejam chamados à evangelização primária, discipulado, plantação de igrejas e tradução da Bíblia, e outros a ministérios médicos, educacionais ou de desenvolvimento especializados, a igreja nacional (e as agências de missão que cooperam com ela) seriam desequilibradas se juntas não incluíssem tal variedade de

ministérios. De fato, há muito a ser dito para as equipes de missão multinacionais multifuncionais, compostas por nacionais e expatriados, evangelistas e assistentes sociais, especialistas em plantação de igrejas e especialistas em desenvolvimento, pastores e professores.

A BASE BÍBLICA PARA ESTA PARCERIA

Os cristãos evangélicos não são nada se não forem cristãos bíblicos. Nosso desejo é viver “sob” ou “de acordo com” a Escritura. Existe, então, uma boa garantia bíblica para manter juntas a evangelização e a ação social? Existe sim. Foi dito de diversas formas, mas vou concentrar-me em três argumentos fundamentais.

Primeiro, há *o caráter de Deus*.

O Deus da revelação bíblica, sendo Criador e Redentor, é um Deus que se preocupa com o bem-estar espiritual e material de todos os seres humanos que ele criou. Tendo-os criado à sua imagem, anseia que descubram a sua verdadeira humanidade em seus relacionamentos com ele e uns com os outros. Por um lado, Deus anseia por suas criaturas em sua perdição. Ele não tem prazer na morte dos ímpios e não quer que ninguém pereça. Então ele implora para que ouçam a sua Palavra, voltem para ele em arrependimento e recebam o seu perdão. Por outro lado, Deus cuida dos pobres e dos famintos, do estrangeiro, da viúva e do órfão. Ele denuncia a opressão e a tirania e pede justiça. Ele diz que seu povo deve ser a voz dos que não têm voz e o defensor dos impotentes. Portanto, não é um acaso nem uma surpresa que os dois grandes mandamentos de Deus sejam que amemos a Deus com todo o nosso ser e amemos o nosso próximo como a nós mesmos.

O cumprimento destes mandamentos é deixado claro na lei. Por exemplo, o povo de Deus deveria “temer”, “amar” e “servir” a Deus. Como? Em parte, Deus espera de seu povo “que ande em todos os seus caminhos”, “que obedeça aos mandamentos”, porque ele “é o Deus dos deuses e o Soberano dos soberanos” e, por causa de tudo isso, deve ser adorado; e em parte, espera que o povo siga o seu exemplo como aquele que “defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa”.¹⁶ Assim, a adoração e a obediência, por um lado, e a filantropia e a justiça, por outro, são um dever duplo do povo de Deus.

Então vieram os profetas, que continuavam lembrando a lei ao povo e exortando-os a obedecer-lhe. “Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige: pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus.”¹⁷ De novo, a justiça e a misericórdia para com o próximo e a humildade diante de Deus estão unidas.

Junto com este testemunho profético da lei de Deus, havia denúncias ousadas contra aqueles que a desprezavam. Elias foi um exemplo notável. Vivendo num tempo de apostasia nacional, o seu ministério ficou marcado por seus dois maiores confrontos, primeiro no monte Carmelo, quando desafiou o povo a escolher entre *Yahweh* e Baal,¹⁸ e depois em Jezreel, quando acusou o rei Acabe de assassinar Nabote e confiscar seus bens.¹⁹ É impressionante encontrar o mesmo profeta agindo como defensor da lealdade religiosa e da justiça social.

Então, 150 anos depois, encontramos os dois grandes profetas exilados, Jeremias e Ezequiel, continuando a mesma tradição de protesto. Por que o desastre caiu sobre Jerusalém? De acordo com Jeremias, foi porque as pessoas “abandonaram” *Yahweh* em favor de “deuses estranhos” e tinha enchido Jerusalém “com o sangue de inocentes”.²⁰ De acordo com Ezequiel, a cidade traria julgamento sobre si mesma “por derramar sangue em seu

meio e por se contaminar fazendo ídolos”.²¹ Em ambos os casos, o ápice do pecado de Israel foi a combinação de “ídolos” e “sangue” – sendo a idolatria o pior pecado contra

Deus e assassinato o pior pecado contra o próximo.

A lei e os profetas assim refletem o caráter de Deus. O que ele é, seu povo deve ser também, compartilhando e refletindo suas preocupações. Em particular, não há dualismo no pensamento de Deus:

De uma forma nada saudável, tendemos a colocar um contra o outro – alma e corpo, indivíduo e sociedade, redenção e criação, graça e natureza, céu e terra, justificação e justiça, fé e obras. A Bíblia certamente faz distinção entre estes, mas também os relaciona uns com os outros e nos instrui a manter cada um desses pares em uma tensão dinâmica e criativa.²²

O segundo terreno para manter a evangelização e a preocupação social juntos é o *ministério e o ensino de Jesus*.

Não há dúvida de que as palavras e as obras caminharam juntas em seu ministério público. Verdade, Jesus era um pregador que anunciou a vinda do reino de Deus. Mas ele também demonstrou a sua chegada por suas obras de compaixão e poder. Começou “a percorrer os povoados, ensinando”,²³ “fazendo o bem e curando”.²⁴ O que há em comum entre essas declarações é o fato de que ele andava entre as pessoas; ele tinha um ministério itinerante no qual cruzava as regiões palestinas. O que está diferente diz respeito ao que ele fez. De acordo com Marcos, Jesus estava “ensinando”; de acordo com Lucas, estava “fazendo o bem e curando”. Havia em seu ministério um vínculo indissolúvel entre a evangelização e o serviço compassivo. Jesus exibia de maneiras práticas o amor de Deus que estava proclamando. “Ele

estava preocupado”, como Chuck Colson escreveu, “não só em salvar o homem do inferno no mundo porvir, mas em libertá-lo da infernalidade deste mundo”.²⁵

Assim, suas palavras explicavam suas obras, e suas obras dramatizavam suas palavras. Ouvir e ver, voz e visão, ambas estavam unidas. Cada um apoiava o outro. Afinal, as palavras permanecem abstratas até que se concretizem em obras de amor, enquanto as obras permanecem ambíguas até serem interpretadas pela proclamação do evangelho. As palavras sem obras carecem de credibilidade; as obras sem palavras carecem de clareza. Assim, as obras de Jesus tornaram visíveis as suas palavras; as suas palavras tornaram inteligíveis as suas obras. O que Jesus exibiu em sua vida e ministério ele também incluiu em seu ensino. Permitam-me compartilhar uma reflexão sobre duas de suas parábolas mais conhecidas e mais amadas, a saber, a do filho perdido²⁶ (que destaca a conversão) e a do bom samaritano²⁷ (que destaca a ação social). Se as mantivermos juntas, elas reforçam a conexão entre a evangelização e a ação social.

Em ambas as parábolas há uma vítima, um homem que se encontra numa situação de desespero. Na parábola do filho perdido, ele é vítima do seu próprio pecado; na do bom samaritano, ele é vítima dos pecados dos outros, isto é, alguém pecou contra ele. Além disso, na primeira parábola, é o pecado pessoal que é descrito; na segunda, é o pecado social, ou seja, o mal da desordem pública. Ambos devem despertar nossa compaixão. Estamos preocupados tanto com o que peca quanto com o que é alvo do pecado.

Em segundo lugar, em ambas as parábolas há um resgate – da alienação em uma terra distante e do assalto violento na estrada. Na primeira parábola, o pecador se arrepende, volta e é perdoado (é salvação pela fé). Na segunda, a vítima nada pode fazer; deve o seu resgate à caridade do samaritano (é um resgate pelas boas obras).

Terceiro, em ambos há uma demonstração de amor. Na parábola do filho perdido vemos o amor de Deus, o pai que acolhe o filho que volta para casa. Na do bom samaritano vemos o amor do próximo pelo próximo, com o samaritano cuidando das feridas da vítima. Em ambos os casos, o amor triunfa sobre o preconceito. O filho é perdoado, *embora* ele não mereça; o samaritano tem pena da vítima dos ladrões, *embora* a vítima seja um judeu desconhecido que não tem qualquer relação com ele.

Em quarto lugar, em ambas as parábolas há um enredo secundário, que dramatiza a alternativa ao que está sendo elogiado. Na do filho perdido, o irmão mais velho se recusa a se alegrar com o arrependimento e o retorno de seu irmão. Na do bom samaritano, o sacerdote e o levita se recusam a se envolver na situação do homem agredido. Podemos até dizer que aqueles que resistem ao chamado à evangelização, deixando as pessoas sozinhas em seus pecados, se assemelham ao irmão mais velho. Enquanto isso, aqueles que resistem ao chamado à ação social, deixando as pessoas sozinhas em seus sofrimentos, assemelham-se ao sacerdote e ao levita, visto que cada um se afastou e “passou pelo outro lado”.

Assim, cada parábola enfatiza um aspecto vital do discipulado cristão – seu início quando, como o filho perdido, voltamos para casa, para a salvação, e sua continuação, quando, como o bom samaritano, saímos em missão. Cada um de nós se assemelha ao filho perdido; cada um de nós *deveria* se assemelhar ao samaritano. Primeiro enfrentamos nossos próprios pecados, e então enfrentamos os sofrimentos do mundo. Primeiro entramos e recebemos misericórdia, e depois saímos e mostramos misericórdia. A misericórdia não pode ser mostrada até que tenha sido recebida; mas, uma vez que tenha sido recebida, deve ser mostrada aos outros. Não nos divorciemos daquilo que Cristo casou. Todos nós fomos filhos perdidos; Deus quer que todos nós sejamos samaritanos também.

Além do exemplo e do ensino de Jesus Cristo, gostaria de mencionar suas emoções. Quando Jesus ficou cara a cara com o “último inimigo”, a morte, a linguagem de João 11 indica que ele tanto “bufou” de raiva contra este mal e, em seguida, chorou de compaixão por suas vítimas. As mesmas duas emoções devem nos motivar sempre que nos encontrarmos enfrentando o mal – seja o mal da perdição humana, sejam os males sociais dos nossos dias.

Em 1890, o general William Booth publicou *A Solução Para a Sombria Inglaterra*. Booth escreveu com profundo sentimento sobre as misérias causadas pela pobreza, desemprego, falta de moradia, fome, exploração trabalhista, embriaguez, doença, favelas, escravidão branca e prostituição. “O sangue ferve de raiva impotente”, confessou ele, “ao ver essas monstruosidades cruelmente infligidas e silenciosamente suportadas por essas vítimas miseráveis”.²⁸ É claro que ele desejava a conversão das pessoas e insistia que sempre colocava a salvação em primeiro lugar. Mas “qual é o sentido de pregar o evangelho”, perguntou ele, “a pessoas cuja atenção está toda concentrada em uma luta insana e desesperada para continuar vivas?”²⁹ “Ao providenciar o alívio da miséria temporária”, acrescentou, “reconheço que só estou facilitando algo que agora é difícil, e possibilitando algo que agora é quase impossível, para que homens e mulheres encontrem o seu caminho para a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”.³⁰ Na continuação dessa política, a segunda parte do seu livro contém uma espantosa série de propostas – para uma colônia agrícola, uma colônia ultramarina, um hospital ambulante, a brigada de portas de prisão, casas de resgate para prostitutas, casas preventivas para moças em perigo, um gabinete de investigação para pessoas perdidas, refúgios para as crianças das ruas, escolas industriais, aldeias suburbanas modelos, o banco do pobre, um plano de assistência jurídica para os pobres, entre outras. À medida que esta

notável combinação de preocupações sociais e espirituais se tornou conhecida, “inevitavelmente a imaginação pública dotou o Exército com um slogan que o acompanha desde aquela época: ‘sopa, sabão e salvação!’”³¹

O terceiro argumento bíblico para a parceria da evangelização e da ação social diz respeito à comunicação do evangelho.

Como o evangelho deve ser conhecido? Para começar, ele deve ser verbalizado. Uma vez que o próprio Deus escolheu se comunicar por meio de palavras, os cristãos não devem desprezar palavras nem compartilhar do desencanto atual com o discurso como um meio de comunicação. Há uma precisão na comunicação verbal, se as palavras são faladas ou escritas, que é ausente de todos os outros meios. Ao mesmo tempo, a Palavra pessoal de Deus “tornou-se carne”, e como resultado disso as pessoas puderam ver a sua glória.³² Se a Palavra de Deus se tornou visível, nossas palavras também devem ser visíveis. Não podemos anunciar o amor de Deus com credibilidade, a menos que também a manifestemos em ação. Assim, não podemos ficar distantes daqueles a quem falamos o evangelho, nem ignorar sua situação. Temos de entrar em sua realidade social e compartilhar seus sofrimentos. Nesse ponto, diz J. H. Bavinck, nossas ações “se tornam pregação”.³³

Isto nos traz de volta ao ministério de Jesus:

Hoje, somos chamados a uma integração semelhante de palavras e ações. Em espírito de humildade, devemos pregar e ensinar, ministrar aos doentes, alimentar os famintos, cuidar dos prisioneiros, ajudar os desfavorecidos e deficientes e libertar os oprimidos. Ao mesmo tempo em que reconhecemos a diversidade dos dons espirituais, dos chamados e dos contextos, também afirmamos que as boas novas e as boas obras são inseparáveis.³⁴

CINCO OBJEÇÕES CONSIDERADAS

Embora a base bíblica para a parceria entre evangelização e responsabilidade social pareça estar bem estabelecida, algumas objeções a ela são levantadas.

Primeira: *Os cristãos não deveriam ficar longe da política?* Os cristãos devem estar engajados em filantropia, mas não ter envolvimento político.

Se definirmos política como uma mera referência às políticas e aos programas de mudança legislativa desenvolvidos pelos partidos políticos, então é verdade que os cristãos não devem envolver-se se não estiverem preparados para fazer o seu dever de casa. A política é para os políticos que ganharam a experiência necessária. Há poucas coisas mais embaraçosas do que a visão de cristãos se posicionando sobre questões políticas das quais são ignorantes.

A definição mais ampla de “política”, no entanto, refere-se à vida da *pólis* (a cidade) e à arte de viver juntos em comunidade. Neste sentido, todos nós estamos envolvidos na política, uma vez que Jesus nos chama a viver no mundo secular.

O bem-estar social não é suficiente. Fazer campanha pela mudança legislativa é uma expressão essencial do amor ao próximo. Por exemplo, temos de ir

- além da cura individual para a construção de hospitais onde se concentram diferentes especialidades médicas;
- além de alimentar os famintos para o estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional em que a fome seja abolida;
- além de cuidar das feridas das pessoas, como fez o bom samaritano, para a tarefa de livrar a estrada de Jericó dos ladrões;

- além de um tratamento justo aos escravos para a abolição da própria escravidão.

Pode não haver nenhuma base bíblica explícita para essas coisas, e certamente Jesus nunca discutiu a emancipação dos escravos. Mas não estamos profundamente gratos pelo que seus seguidores fizeram séculos mais tarde? A ação política definida como amor em busca de justiça para os oprimidos é uma extrapolação legítima da ênfase bíblica sobre as prioridades práticas do amor.

Segunda: *Não está se voltando ao velho “evangelho social”?* Não, não está. Devemos distinguir entre o evangelho social do liberalismo teológico, desenvolvido por Walter Rauschenbusch no início do século 20, e as implicações sociais do evangelho bíblico. O “evangelho social” tentou identificar o reino de Deus com uma sociedade socializada e, em seguida, falou de ação sociopolítica em termos de “construir o reino de Deus na terra”. A visão era orgulhosa, autoconfiante e utópica. As implicações sociais do evangelho bíblico são diferentes, no entanto. Uma vez que nos tornamos pessoas novas em Cristo e somos membros de sua nova sociedade, devemos aceitar a responsabilidade que ele nos dá de permear a velha sociedade como seu sal e luz.

Terceira: *Esta preocupação social não é a mesma coisa que a “teologia da libertação”?* Não, novamente não é. Nossa principal crítica evangélica sobre a teologia da libertação é que ela tenta igualar a libertação social, política e econômica dos seres humanos com a “salvação” que Cristo obteve com sua vinda, morte e ressurreição. Também tendeu a endossar teorias marxistas (especialmente sua análise social) e a abraçar a violência. Dito isto, a libertação total dos seres humanos de tudo o que os oprime, humilha ou desumaniza é certamente agradável a Deus, seu Criador. Eu gostaria que os

cristãos evangélicos tivessem começado primeiro uma teologia da libertação verdadeiramente *bíblica*. Mas equiparar a “libertação” material com a “salvação” é uma má interpretação e deturpação da Escritura.

Quarta: *Não* é impossível esperar mudanças sociais a menos que as pessoas se convertam? Mais uma vez, não, não é. É claro que desejamos que as pessoas se convertam. Mas Jesus Cristo, por meio do seu povo, teve uma enorme influência para o bem da sociedade como um todo. Pense, por exemplo, no aumento dos padrões de saúde e higiene, na maior disponibilidade de educação, no crescente respeito pelas mulheres e crianças, na preocupação com os direitos humanos e as liberdades civis, nas melhores condições nas fábricas, minas e prisões e na abolição da escravidão e do tráfico de escravos.

A legislação pode garantir a melhoria social, embora não converta as pessoas nem as torne boas. Mesmo os seres humanos decaídos retêm traços suficientes da imagem divina para preferir a justiça à injustiça, a liberdade à opressão e a paz à violência. Martin Luther King estava certo quando disse: “A moralidade não pode ser legislada, mas o comportamento pode ser regulado. Decretos judiciais podem não mudar o coração, mas eles podem restringir os sem coração [...] A lei não pode fazer um empregador me amar, mas pode impedi-lo de se recusar a me contratar por causa da cor da minha pele”.³⁵

Quinta: *O compromisso com a ação social não vai nos distrair da evangelização?* Sim, é possível, mas não precisaria ser assim. Certamente devemos ter cuidado com essa possibilidade. Devemos ser gratos pelos cães de guarda evangélicos que ladram alto e por muito tempo quando percebem quaisquer sinais de um comprometimento diminuído com a evangelização. Mas se vivermos à luz da morte, ressurreição e ascensão de Jesus, nossos incentivos para a evangelização serão continuamente renovados nessa

primavera perene. Em particular, sua exaltação ao lugar supremo de honra nos dará o desejo de que lhe seja dada a glória devida ao seu nome. Assim sendo, a ação social, longe de nos desviar da evangelização, pode torná-la mais eficaz ao fazer o evangelho mais visível e mais crível.

ALGUNS EXEMPLOS DA PARCERIA

“A ação social na missão”, escreveu o missiologista americano doutor R. Pierce Beaver, “pode ser traçada a partir do tempo dos apóstolos”. Além disso, “a preocupação nunca se limitou ao alívio”; incluía o que hoje chamamos de “desenvolvimento”, permitindo que as comunidades se tornassem autossuficientes, o que se fazia introduzindo plantas e gado melhorados, eliminando doenças, cavando poços mais profundos para obter água pura e constante ou estabelecendo escolas. Além disso, os missionários (e, com o tempo, as igrejas nacionais) representavam a justiça social. Eles

constantemente eram os protetores dos povos nativos contra a exploração e a injustiça por parte do governo e de empresas comerciais. Desempenharam um papel muito importante na abolição do trabalho forçado no Congo. Resistiram ao tráfico de escravos no Pacífico Sul. Combateram ferozmente pelos direitos humanos na luta contra o ópio, os pés de lótus e a exposição [à morte] de bebês meninas na China. Travaram uma guerra contra a queima de viúvas, infanticídios e prostituição cultural na Índia e, acima de tudo, quebraram a escravidão social e econômica do sistema de castas para as classes baixas e os párias.³⁶

Havia, de fato, certa inevitabilidade sobre essas preocupações. Era impossível para os primeiros missionários proclamar a mensagem do amor de Deus em Cristo para a salvação dos pecadores e, ao mesmo tempo, ignorar as condições sociais das pessoas. O próprio evangelho os obrigou a se opor a qualquer coisa que fosse incompatível com ele, seja a escravidão na África e o sistema de castas na Índia, seja a exploração de povos tribais ou a pobreza degradante das massas na América Latina. Da mesma forma, é impossível evangelizar no Ocidente e fechar os olhos para a situação dos desempregados e dos sem-teto, ou de jovens alienados e famílias monoparentais em áreas degradadas e carentes do centro das cidades. Será que o evangelho não tem nada a dizer sobre essas coisas? Nosso Deus está interessado apenas em trazer as pessoas para o céu, e não em melhorar a situação delas na terra? Não, ignorar os males desumanizadores da sociedade enquanto prega a influência humanizadora da salvação é ser culpado de uma contradição interior que deturpa Deus e distorce o evangelho. O envolvimento compassivo nas necessidades sentidas pelas outras pessoas é parte integrante da missão encarnacional. É algo exigido pelo evangelho de Cristo.

O doutor David Howard descreve seu amigo Gregorio Landero como “um dos evangelistas mais talentosos que já conheci”. Ele continua:

À medida que ele viajava divulgando o evangelho por muitas partes do Norte da Colômbia, ele ficava pesadamente sobrecarregado, porque as pessoas para quem ele estava ministrando os assuntos da alma estavam sofrendo por falta de nutrição. Ele agonizava pensando como poderia pregar um evangelho de salvação quando as pessoas estavam famintas e sofrendo doenças que poderiam ser evitadas com uma ajuda mais adequada. Então começou a estudar as possibilidades de uma divulgação

mais plena do evangelho. O resultado, ao longo de vários anos de trabalho árduo, foi o desenvolvimento da Ação Unida, um programa de alcance total para as necessidades das pessoas. Gregorio é o líder da Ação Unida e deu a visão e o impulso para todo o desenvolvimento do programa. Hoje, junto com sua pregação evangelística, ele e seus colegas estão ajudando as pessoas a melhorarem os métodos agrícolas, desenvolvendo projetos avícolas familiares que vão colocar mais proteína em sua dieta, ensinando higiene doméstica, continuando o trabalho odontológico, trabalho de alfabetização e outras coisas que irão desenvolver a vida familiar e comunitária das pessoas. Houve também esforços para ajudar a conservar os recursos naturais que fazem parte da criação total.³⁷

Festo Kivengere, de Uganda, tinha uma visão e um compromisso holísticos semelhantes. Ele foi, em primeiro lugar, um evangelista. E, quando se tornou bispo da diocese de Kigezi, continuou seu ministério evangelístico mundial extraordinariamente eficaz, em que muitos foram ganhos para Cristo. Mas também se preocupava com o desenvolvimento em sua diocese, especialmente com a melhoria da educação, saúde e agricultura. A sua mensagem centrava-se no amor e na reconciliação através de Cristo, mas também pedia justiça. Embora não fosse um bispo político no sentido de que ele não participou do trabalho das funções legislativas, judiciais ou executivas do Estado, ele, no entanto, desempenhou um papel importante na derrubada do presidente Idi Amin. Várias vezes ele arriscou sua vida confrontando Amin em particular e protestando contra seu reinado de terror. “Festo era tão corajoso”, seus colegas lembraram. “Enquanto as apreensões continuavam, ele continuava indo até Amin para enfrentá-lo com a enormidade do que fazia”.³⁸

O bispo Festo não viu nenhuma inconsistência entre esses diferentes aspectos de seu ministério. Ele falou da “trágica divisão entre o que, de acordo com o Antigo Testamento e o Novo Testamento, são os dois lados da mesma moeda – *a salvação das almas perdidas dos homens [...] e a preocupação com as suas necessidades sociais*”.³⁹ O bispo Shannon Mallory disse a respeito dele:

Nosso querido Festo foi um profeta ardente no meio desse debate [sobre as violações dos direitos humanos que eram perpetradas na época], chamando apaixonadamente, por um lado, para a renovação espiritual e reconciliação da Igreja de Uganda e, ao mesmo tempo, corajosamente em pé (quase sozinho, parecia), para falar e condenar a tirania política e militar que ainda estava acontecendo no país.⁴⁰

Assim, o testemunho evangelístico e o protesto político, longe de serem incompatíveis, eram e são gêmeos naturais. Embora poucos cristãos possam ser chamados a se engajar neles simultaneamente, uma vez que pessoas diferentes são chamadas a diferentes ministérios, no entanto, a Igreja como um todo deve se envolver em ambos, uma vez que ambos pertencem à sua missão dada por Deus no mundo.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. O relatório da Consulta Grand Rapids (que o próprio Stott redigiu) disse que a responsabilidade social é (1) uma consequência da, (2) uma ponte

para e (3) um parceiro da evangelização. Você pode pensar em exemplos que você tenha visto de cada uma dessas conexões?

2. Por que a evangelização é primária? Como isso pode parecer na prática?
3. Que pressões as igrejas enfrentam para ignorar a ação social e se concentrar apenas na evangelização? Como podemos combater essas pressões?
4. Que pressões as igrejas enfrentam para ignorar a evangelização e se concentrar apenas na ação social? Como podemos combater essas pressões?
5. Por que os cristãos devem ser envolvidos na política? Quais são os perigos do envolvimento político cristão?
6. E você? Você tem negligenciado a evangelização ou a ação social – ou ambos? Quais dois ou três próximos passos você poderia dar para tornar seu discipulado mais holístico?

CAPÍTULO 4

A CRISTOLOGIA DA MISSÃO

NADA É MAIS IMPORTANTE para a recuperação da missão da Igreja (onde ela foi perdida), ou seu desenvolvimento (onde ela é fraca) do que uma visão renovada, clara e abrangente de Jesus Cristo. Quando ele é humilhado, e especialmente quando ele é negado, na plenitude de sua pessoa e obra únicas, a Igreja carece de motivação e direção, nossa moral desmorona e nossa missão se desintegra. Mas quando vemos Jesus, isso é suficiente. Temos toda a inspiração, o incentivo, a autoridade e o poder de que precisamos.

Neste capítulo, então, olhamos de novo para o nosso Senhor e Salvador. Vamos ensaiar os seis grandes eventos em sua caminhada salvífica (encarnação, cruz, ressurreição, exaltação, envio do Espírito e retorno), e vamos notar a inevitável (embora muitas vezes negligenciada) dimensão missionária de cada um.

A ENCARNAÇÃO DE CRISTO

O modelo para a missão

“A encarnação foi o mais espetacular exemplo de identificação cultural na história da humanidade”.¹ Porque o Filho de Deus não ficou na imunidade e

segurança do seu céu, afastado do pecado e da tragédia humanas. Ele realmente entrou no nosso mundo. Ele se esvaziou de sua glória e se humilhou para servir. Jesus tomou a nossa natureza, viveu a nossa vida, suportou as nossas tentações, experimentou as nossas tristezas, sentiu as nossas feridas, levou os nossos pecados e morreu a nossa morte. Tomou parte profundamente em nossa humanidade e nunca ficou distante das pessoas que alguns esperavam que ele evitasse. Fez amizade com os abandonados da sociedade e até tocou nos que não deviam ser tocados. Ele não poderia ter se tornado mais um conosco do que ele fez. Foi a identificação total do amor.

Às vezes tenho comparado a missão de Cristo à terra com a missão da nave Apolo à lua. A analogia é superficial, sem dúvida, mas é instrutiva, pois há semelhanças e diferenças entre elas. São semelhantes no sentido de que cada uma é descrita como uma “missão” e consistiam de uma sensacional viagem transcultural, no caso de Cristo do céu à terra, e dos astronautas da terra à lua. São diferentes, entretanto, no grau e na profundidade da identificação envolvida. Os astronautas da Apolo nunca se identificaram com a lua. Se tivessem tentado fazê-lo, teriam morrido. Em vez disso, eles levaram consigo suprimentos da terra – oxigênio, equipamentos, roupas e alimentos. Mas quando Jesus veio do céu à terra, ele deixou o céu para trás e não trouxe nada além de si mesmo. Sua aterrissagem não foi superficial. Ele se tornou um ser humano como nós, e assim tornou-se vulnerável como nós.

No entanto, quando Cristo se identificou conosco, ele não se submeteu ou de alguma forma alterou a sua própria identidade. Para tornar-se um de nós, porém, ele permaneceu em si mesmo. Tornou-se humano, mas sem deixar de ser Deus.

Agora ele nos envia ao mundo, como o Pai o enviou ao mundo.² Em outras palavras, nossa missão deve ter a dele como modelo. De fato, toda missão autêntica é missão encarnacional, pois exige identificação sem perder a identidade. Significa entrar no mundo de outras pessoas, como ele entrou no nosso, embora sem comprometer nossas convicções, nossos valores ou nossos padrões cristãos.

Paulo não era um pregador para rostos anônimos na sinagoga ou ao ar livre. Pelo contrário, embora fosse livre, fez-se escravo de todos. “Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus [...] Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei [...] a fim de ganhar os que não têm a Lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns”.³ Esse é o princípio da encarnação. É a identificação com as pessoas onde elas estão.

Na história das missões tem havido muitos exemplos dramáticos de cristãos tentando aplicar este princípio. Em 1732, o conde Zinzendorf, o líder morávio, enviou dois de seus missionários para as plantações de açúcar da Índia Ocidental. Descobriram que a única maneira de chegar aos escravos africanos era juntar-se aos seus bandos e partilhar as suas cabanas.

Em 1882, o major Frederick Tucker fundou o Exército de Salvação na Índia. As últimas palavras do General Booth para ele foram: “Entre na pele deles, Tucker”. Foi o que ele fez. Profundamente preocupado com os párias, decidiu que tanto ele como seus soldados deviam viver como eles viviam. Então se vestiram com túnicas cor de açafrão, adotaram nomes indianos, andavam descalços, limpavam os dentes com carvão e comiam seu *curry* sentados no chão com as pernas cruzadas.⁴

Em 1950, um jovem padre católico romano italiano, Mario Borelli, horrorizado com a situação sem amparo e sem-teto dos *scugnizzi*, as crianças de rua de Nápoles, decidiu que a única maneira de alcançá-los era

se tornar um deles. Ele assumiu “a vestimenta, a fala e os hábitos deles”.⁵ Ele talvez até tenha ido um pouco longe demais. E os missionários nem sempre são sábios para “se tornarem nativos”, “principalmente porque a tentativa de um estrangeiro fazer isso pode não ser vista como autêntica, mas como atuação”.⁶ No entanto, não se pode deixar de admirar essas tentativas ousadas de seguir o exemplo da encarnação de Cristo.

Para a maioria de nós, entretanto, o modelo encarnacional envolverá um esforço mais mundano.

Primeiro, há necessidade de entrar no mundo do *pensamento* das outras pessoas. Eu sempre gostei do título do livro de Jim Sire *O Universo ao Lado*.⁷ Ele esboça o significado de deísmo, naturalismo, niilismo, existencialismo, monismo panteísta oriental e assim por diante. Seu ponto é que tais pessoas vivem em outro universo de pensamento. Portanto, será preciso uma espécie de encarnação para alcançá-los. Da mesma forma, John V. Taylor, ex-bispo de Winchester, diz que nunca seremos capazes de recomendar o evangelho para os céticos modernos “enquanto permanecermos dentro de nossas próprias cercas culturais”. “Forasteiros genuínos”, continua ele, “só podem ser alcançados fora [...] Se não pertencemos naturalmente ao mundo dos ‘forasteiros’ particulares que queremos alcançar, alguns de nós devem ter o trabalho de atravessar e aprender a se familiarizar naquele território estrangeiro”.⁸

Creio que deveríamos estar orando e trabalhando por toda uma nova geração de pensadores e apologistas cristãos que dedicarão a Cristo a mente que Deus lhes deu, entrando simpaticamente nos dilemas de seus contemporâneos e desmascarando falsas ideologias. Então, eles poderão apresentar o evangelho de Jesus Cristo de tal maneira que seja visto oferecendo algo que outros sistemas religiosos não podem, porque ele e somente ele pode cumprir as nossas mais profundas aspirações humanas.

No Ocidente, onde o Iluminismo perdeu força, o tempo está agora maduro, nas palavras do bispo Lesslie Newbigin, para “um encontro genuinamente missionário com a cultura pós-iluminismo”.²

Em segundo lugar, precisamos entrar no mundo do *coração* das outras pessoas, no mundo de sua angústia e alienação, para chorar com aqueles que choram.¹⁰ Em cada não cristão (e em muitos cristãos também), mesmo nos mais extrovertidos, há dores profundamente escondidas. Só podemos alcançá-los se estivermos dispostos a entrar em seu sofrimento. Isso também incluirá entrar na realidade social das pessoas, como vimos no último capítulo, pois é impossível compartilhar o evangelho com as pessoas em um vácuo social, isolando-as de seu contexto real e ignorando seu sofrimento.

A CRUZ DE CRISTO

O custo da missão

Um dos aspectos mais negligenciados da missão bíblica hoje é o lugar indispensável do sofrimento, até mesmo da morte. No entanto, isso é claro na Escritura. Permitam-me dar três exemplos.

Primeiro, vemos isso no *Servo Sofredor de Isaías*. Antes que o Servo possa ser uma luz para as nações e trazer a salvação para os confins da terra,¹¹ ele oferece as costas para aqueles que batem nele, o rosto para aqueles que arrancam sua barba, e a face para zombaria e cuspes.¹² Ele “aspergirá muitas nações”,¹³ mas antes precisa ser “desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores e experimentado no sofrimento”.¹⁴ Mais do que isso, ele leva os nossos pecados e morre por nós como uma oferta pela culpa.¹⁵ Douglas Webster escreveu:

A missão mais cedo ou mais tarde leva à paixão. Nas categorias bíblicas [...] o servo deve sofrer [...] é isso que torna a missão eficaz [...] Cada tipo de missão leva a alguma forma de cruz. O próprio formato de missão é cruciforme. Só podemos entender a missão nos termos da cruz.¹⁶

Segundo, *o próprio Senhor Jesus* ensinou e exibiu este princípio e o estendeu a seus seguidores. Quando alguns gregos queriam vê-lo, ele disse: “Chegou a hora de ser glorificado [na cruz] o Filho do homem. Digo-lhes verdadeiramente que, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto”.¹⁷ Em outras palavras, somente por meio de sua morte é que o evangelho seria estendido ao mundo dos gentios. Assim, a morte é mais do que o caminho para a vida; é a condição para a fecundidade. A menos que morra, a semente permanece sozinha. Mas, se morrer, multiplica-se. Assim foi para o Messias; é o mesmo para a comunidade messiânica. Pois “quem me serve precisa seguir-me”, disse Jesus.¹⁸

Terceiro, *o apóstolo Paulo* também aplicou esse princípio a si mesmo. Considere estes textos extraordinários:

Portanto, peço-lhes que não desanimem por causa das minhas tribulações em seu favor, pois elas são uma glória para vocês.¹⁹ Por isso, tudo suporte por causa dos eleitos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus, com glória eterna.²⁰

De modo que em nós atua a morte; mas em vocês, a vida.²¹

Paulo se atreve a afirmar que, por meio dos seus sofrimentos, outros entrarão na glória; que, por meio da sua resistência, outros serão salvos; e

que, por meio da sua morte, outros viverão. Será que o apóstolo está fora de si? Não! Ele quer realmente dizer isso? Sim! É claro que ele não está atribuindo qualquer poder expiatório aos seus próprios sofrimentos e à sua morte, como ele faz com os sofrimentos e a morte de Jesus Cristo. Pelo contrário, as pessoas podem receber salvação, vida e glória somente quando o evangelho é pregado a elas, e aqueles que pregam o evangelho com fidelidade sofrem invariavelmente por isso. Paulo sabia do que estava falando. A razão pela qual ele se tornou um prisioneiro era que tinha sido fiel à visão celeste de que os gentios seriam recebidos na comunidade cristã exatamente nos mesmos termos que os judeus. Foi este aspecto do evangelho que suscitou oposição quase fanática contra ele. Assim, os gentios deviam a sua salvação à disposição de Paulo de sofrer para que esta boa notícia fosse proclamada.

Desde o apóstolo Paulo, tem surgido muitos exemplos de sofrimento em favor do evangelho. Não é por acaso que a palavra grega para “testemunha” é a mesma para *mártir*. As páginas da história da Igreja estão cheias de histórias de perseguição. Às vezes a perseguição podia ser *física*. Em 1880, logo após o Exército de Salvação ter sido fundado na Grã-Bretanha,

taberneiros e donos de bordéis estavam lançando um selvagem contra-ataque [...] O Exército aprendeu a verdade sombria do provérbio espanhol: “Aquele que quer ser um cristão deve esperar a crucificação”[...] Em um ano – 1882 – 669 oficiais de Exército de Salvação foram derrubados ou brutalmente atacados. Quando os Salvacionistas dedicaram seus filhos na década de 1880, eles confessaram sua disposição para que seus filhos fossem “desprezados, odiados, amaldiçoados, espancados, chutados, presos ou mortos por amor a Cristo”.²²

Outras vezes o sofrimento era mais *mental* do que físico. Por exemplo, a Maréchale – como a filha mais velha do General Booth sempre foi conhecida – escreveu um artigo em 1883 para o *Grito de Guerra* de sua cela na prisão em Neuchatel, na Suíça, em que refletia sobre a crucificação interior:

Jesus foi crucificado [...] Desde aquele dia, os homens têm tentado encontrar um caminho mais fácil, mas os caminhos mais fáceis falham. Se você quer ganhar milhares de pessoas que estão sem Deus, deve estar pronto para ser crucificado: os seus planos, as suas ideias, os seus gostos e as suas inclinações. As coisas mudaram, você diz, agora existe liberdade. Será que existe? Vá e viva a vida de Cristo, fale como ele falou, ensine o que ele ensinou, denuncie o pecado onde quer que você o encontre, e veja se o inimigo não se voltará contra você com toda a fúria do inferno [...] Cristo não foi crucificado na sala de estar. Seu negócio não era algo cômodo [...] Você foge de apanhar, de ser deturpado e de falarem mal de você? Está na hora de você ser crucificado [...] ²³

Um terceiro tipo de sofrimento é *social*. Vincent Donovan, um padre católico romano americano que trabalhou por dezessete anos entre os Masai, na Tanzânia, uma vez se perguntou qual era a marca distintiva de um missionário. Esta é a resposta que ele deu a si mesmo:

Um missionário é essencialmente um mártir social, separado das suas raízes, do seu sangue, da sua terra, da sua origem, da sua cultura [...] Ele deve ser despido como um ser humano pode ser, até a própria essência do seu ser [...] [Ele deve] despojar-se de sua própria cultura, para que

possa ser um instrumento nu do evangelho para as culturas do mundo.²⁴

Este chamado ao sofrimento e à morte, como condição para a fecundidade da missão, soa estranho aos nossos ouvidos ocidentais contemporâneos. O respeitável cativo de classe média da Igreja não é exatamente uma arena para perseguição. Onde está a disposição de sofrer por Cristo hoje? Parece haver pouco lugar para a tribulação na tendência evangélica ao triunfalismo. E o falso “evangelho da prosperidade”, prometendo saúde e riqueza ilimitadas, fecha os olhos das pessoas para as advertências bíblicas quanto às dificuldades. No entanto, o fato continua sendo este: se nos comprometermos menos, certamente sofreremos mais.

Há três razões principais para a oposição; elas pertencem às esferas da doutrina, ética e disciplina:

1. Quanto à doutrina, o evangelho de Cristo crucificado continua a ser loucura para os intelectualmente orgulhosos e uma pedra de tropeço para os que buscam a autojustificação, de modo que ambos os grupos consideram o evangelho humilhante.
2. Quanto à ética, o chamado de Cristo é para a autonegação e o autocontrole, de modo que o autoindulgente considera o seu desafio inaceitável.
3. Quanto à disciplina, tanto o batismo como a Ceia do Senhor pressupõem arrependimento e fé naqueles que desejam recebê-los; assim sendo, negar esses sacramentos do evangelho a alguém, mesmo àqueles que admitem abertamente que não se arrependem nem creem, provoca indignação.

Assim, aqueles que procuram ser fiéis na doutrina, na ética e na disciplina têm a certeza de que vão despertar perseguição, tanto na igreja como no mundo.

Então, será que estamos prontos para suportar o sofrimento de sermos ridicularizados, a solidão de sermos ostracizados, a dor de sermos difamados e caluniados? Estamos mesmo dispostos, se necessário, a morrer com Cristo para a popularidade e a promoção, para o conforto e o sucesso, para o nosso sentido arraigado de superioridade pessoal e cultural, para a nossa ambição egoísta de sermos ricos, famosos ou poderosos?

A semente que morre é a que se multiplica.

Um irmão de Orissa, na Índia, disse-me uma vez que, quando tinha oito anos, o seu pai evangelista foi martirizado por assassinos contratados. Ele acrescentou que, no momento da morte de seu pai, havia apenas doze igrejas na região. Quando ele falou comigo, havia 150.

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

O mandato para a missão

É de suma importância lembrar que a ressurreição precedeu a Grande Comissão. Foi o Senhor ressuscitado que emitiu sua comissão para que seus seguidores fossem e fizessem discípulos de todas as nações. Ele não poderia ter dado a ordem mais cedo, antes de ter sido levantado da morte e investido de autoridade. “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra”, ele poderia agora dizer. “Portanto, vão e façam discípulos.”²⁵

Johannes Blauw argumentou que a perspectiva do Antigo Testamento era de “universalismo” (Deus prometeu que todas as nações que ele tinha feito

viriam e o adorariam),²⁶ mas não de uma “missão” (com Israel saindo para ganhar as nações). A visão profética dos últimos dias era de uma “peregrinação das nações” a Jerusalém. O monte Sião seria exaltado como o principal entre as colinas, “e todas as nações correrão para ele”.²⁷ No Novo Testamento, no entanto, esta “consciência missionária centrípeta” é substituída por uma “atividade missionária centrífuga”.²⁸ Isto é, em vez de as nações fluírem para a Igreja, a Igreja agora sai para as nações. E qual foi o momento da mudança? “O Grande Ponto de Virada”,²⁹ diz Blauw, foi a ressurreição. Ela precedeu a Grande Comissão para ir, porque toda a autoridade agora já tinha sido dada a Cristo, em cumprimento a Daniel 7.13-14. “Com a Páscoa começou uma nova era, a entronização de um novo governante do mundo, e a proclamação deste novo governante entre as nações. *A missão é a invocação do Senhorio de Cristo.*”³⁰

“Se a missão do Novo Testamento”, explica Blauw, “à primeira vista parece centrífuga, é para permitir que seja centrípeta. Saímos pelo mundo para o ajuntar; lançamos a rede para o atrair; semeamos para colher.”³¹ “Na pessoa de Paulo, os aspectos centrípetos e centrífugos da pregação estão reunidos.”³² Isto é, enquanto sai para pregar o evangelho, ele está reunindo os gentios e o povo de Israel, trazendo-os para casa.

A ressurreição, no entanto, é a chave para ambos os movimentos. É o Senhor ressuscitado que nos envia ao mundo, e é o mesmo Senhor ressuscitado que reúne as pessoas na sua Igreja. A missão universal da Igreja tem a sua legitimidade derivada do senhorio universal de Cristo. Desta forma, a ressurreição fornece o mandato para a missão.

A EXALTAÇÃO DE CRISTO

○ incentivo para a missão

A motivação é um aspecto importante em cada empreendimento humano. Precisamos saber não apenas o que deveríamos estar fazendo, mas por que deveríamos estar fazendo aquilo. Quando nossos motivos são sólidos e fortes, podemos persistir em qualquer tarefa. Mas quando nossa motivação é falha, começamos a dar sinais. Isto é sem dúvida verdade sobre a missão cristã. Procurar conquistar pessoas para Cristo é um trabalho árduo, amplamente desvalorizado e impopular e, como acabamos de ver, muitas vezes provoca oposição. Assim, a Igreja vai precisar de incentivos poderosos se é para perseverar. A exaltação de Jesus Cristo à mão direita do Pai, isto é, à posição de honra suprema, proporciona o mais forte de todos os incentivos missionários.

Neste contexto, é melhor referir-se à “exaltação” de Cristo do que à sua “ascensão”. Pois, embora seja verdade que “ele ascendeu ao céu”, dizer que ele foi “exaltado” destaca o fato de que Deus Pai justificou, promoveu, entronizou e investiu seu Filho por meio da ascensão. As declarações apostólicas sobre a exaltação de Jesus são um esforço para enfatizar que ele foi levantado acima de todos os possíveis rivais, na verdade, “*muito acima* de todo governo e autoridade, poder e domínio, e de todo nome que se possa mencionar, não apenas nesta era, mas também na que há de vir”.³³ Esta é a “mais alta posição” para a qual Deus exaltou Jesus³⁴ e a “supremacia” que Deus quer que ele desfrute.³⁵

Isto lança luz sobre o uso da palavra “superioridade”, que é visto com desgosto por aqueles que abandonam o velho exclusivismo e inclusivismo em favor do novo pluralismo (veja o capítulo 1). Certamente adotar um ar de superioridade em relação aos adeptos de outras religiões é uma forma horrível de descortesia e arrogância. Certamente também, como o professor

Hick aponta, “nos séculos 18 e 19, a convicção da superioridade decisiva do cristianismo deu um poderoso impulso à expansão imperial do Ocidente”.³⁶ Mas não é para o “cristianismo” como uma instituição ou sistema empírico que os cristãos devem reivindicar superioridade. É a Cristo, e somente Cristo. Devemos afirmar, sem qualquer tipo de constrangimento ou vergonha, que ele é “superior” a todos os outros líderes religiosos, precisamente porque ele sozinho humilhou-se, no amor, para a cruz e, portanto, Deus o levantou “acima” de qualquer outra pessoa, posto ou título.

À luz da elevação ou exaltação de Cristo ao lugar mais alto, Deus deseja que “todo joelho” se curve diante dele e “toda língua” confesse o seu senhorio.³⁷ O termo “todo”, que se repete, é absoluto; não permite exceções. Se Deus deu essa suprema honra a Jesus e deseja que todos os outros o honrem, então o povo de Deus deve compartilhar seu desejo. Isso às vezes é falado nas Escrituras em termos de “zelo” ou até mesmo de “ciúme”. O profeta Elias, por exemplo, profundamente angustiado pela apostasia de Israel, em particular sua adoração aos deuses cananeus, disse: “Tenho sido muito zeloso pelo Senhor, o Deus dos exércitos”.³⁸ O apóstolo Paulo falou do “zelo” que tinha pelos coríntios, “um zelo que vem de Deus”, porque ele os tinha prometido a Cristo como seu único marido, mas estava com medo de que eles poderiam agora ser levados a se afastar “da sua sincera e pura devoção a Cristo”.³⁹ Da mesma forma, Henry Martyn, um brilhante e fiel missionário cristão no Irã muçulmano no início do século 19, uma vez disse: “Eu não conseguiria suportar a existência se Jesus não fosse glorificado; seria um inferno para mim se ele tivesse de ser sempre assim desonrado”.⁴⁰

Esse mesmo sentimento de dor sempre que Jesus Cristo é desonrado e esse mesmo sentimento de zelo de que ele deve receber a honra que lhe é devida também deve se agitar dentro de nós, em qualquer cultura particular que vivemos. O principal motivo para a missão não é nem a obediência à

Grande Comissão, nem mesmo o amor por aqueles que estão oprimidos, solitários, perdidos e perecendo, que também são incentivos importantes como os demais. Nosso principal motivo é o zelo ou “ciúme” pela glória de Cristo. Foi “por causa do seu nome”,⁴¹ foi para que ele pudesse receber a honra que merecia, que os primeiros missionários saíram. O mesmo desejo apaixonado deve nos motivar.

Esta, certamente, é a nossa resposta para aqueles que nos dizem que não devemos mais evangelizar ou buscar conversões. O professor Gregory Baum, por exemplo, disse que, depois de Auschwitz, “as igrejas cristãs já não querem converter os judeus”, pois “as igrejas reconheceram o judaísmo como uma religião autêntica diante de Deus, com valor e significado independentes, não como uma etapa no caminho para o cristianismo”.⁴² Da mesma forma, um bispo grego, em sua renúncia, escreveu aos seus amigos: “Como bispo e pregador do evangelho, nunca tentei converter um judeu ou muçulmano árabe para o cristianismo; preferi convertê-los a ser um melhor judeu, um melhor muçulmano”.⁴³ Porventura estes homens não têm zelo pela honra de Jesus Cristo? Não se importam quando ele é desprezado e rejeitado? Será que eles não desejam, como Deus deseja, que todos os seres humanos, qualquer que seja a sua cultura ou religião, venha a curvar os joelhos diante de Jesus, submetendo-se a ele como seu Senhor?

É este zelo por Cristo que integra a adoração e o testemunho da Igreja. Como podemos adorar Cristo e não nos importarmos que os outros não o adorem? É a nossa adoração a Cristo que nos obriga a dar testemunho de Cristo, a fim de que outros possam vir e adorá-lo também.

O ENVIO DO ESPÍRITO DE CRISTO

O poder para a missão

John R. Mott, a figura principal por trás da Conferência Missionária Mundial de 1910, em Edimburgo, identificou quatro requisitos para a evangelização mundial. Ele começou com (1) um plano adequado, (2) uma base adequada e (3) uma igreja eficiente no campo da missão. O quarto requisito ele chamou de “fator sobre-humano”. Ele continuou dizendo que, embora os missionários e os líderes nacionais e de missão possam discordar sobre os planos, meios e métodos, eles

estão absolutamente unidos na convicção de que a evangelização do mundo é um empreendimento divino, que o Espírito de Deus é o grande Missionário, e que somente quando ele domina a obra e os obreiros é que podemos esperar o sucesso na tarefa de levar o conhecimento de Cristo a todas as pessoas. Acreditam que ele deu o impulso missionário à Igreja primitiva, e que hoje toda obra missionária verdadeira deve ser inaugurada, dirigida e sustentada por ele.⁴⁴

Já durante seu ministério público, Jesus havia chamado a atenção para o propósito missionário do Espírito Santo. Ele o havia comparado a “rios de água viva” que irrigavam o deserto, e havia prometido que estes sairiam de dentro de cada crente.⁴⁵ “Ninguém pode [...] ser habitado pelo Espírito de Deus”, comenta William Temple, “e manter esse Espírito para si mesmo. Onde o Espírito está, ele flui; se não há fluxo, ele não está lá”.⁴⁶ E assim ele provou estar na Igreja primitiva a partir do Dia de Pentecostes, como vimos no capítulo 2.

Há, naturalmente, diferenças entre e dentro das igrejas a respeito do Movimento Carismático, o chamado “batismo do Espírito”, a diversidade de

dons espirituais e o lugar de “sinais e maravilhas” na evangelização. Mas todos nós devemos ser capazes de afirmar que a evangelização é impossível sem o Espírito Santo, sem o Deus Evangelista, como o professor David Wells o chama em um livro com esse título.⁴⁷ O Manifesto de Manila diz:

As Escrituras declaram que o próprio Deus é o evangelista principal. Pois o Espírito de Deus é o Espírito da verdade, do amor, da santidade e do poder, e a evangelização é impossível sem ele. É ele quem unge o mensageiro, confirma a Palavra, prepara o ouvinte, convence o pecador, ilumina o cego, dá vida aos mortos, nos capacita a nos arrepender e crer, nos une ao corpo de Cristo, nos assegura que somos filhos de Deus, nos conduz ao carácter e ao serviço de Cristo e, por nossa vez, nos envia para sermos testemunhas de Cristo. Em tudo isso, a principal preocupação do Espírito Santo é glorificar a Jesus Cristo, mostrando-o a nós e formando-o em nós.

Toda evangelização envolve a guerra espiritual com os principados e poderes do mal, em que somente as armas espirituais podem prevalecer, especialmente a Palavra e o Espírito, com a oração. Por isso, apelamos a todos os cristãos a serem diligentes em suas orações, tanto para a renovação da Igreja como para a evangelização do mundo.

Toda conversão verdadeira envolve um encontro de poder, no qual a autoridade superior de Jesus Cristo é demonstrada. Não há maior milagre do que este, em que o crente é libertado da escravidão de Satanás e do pecado, do medo e da futilidade, das trevas e da morte.

Embora os milagres de Jesus fossem especiais, sendo sinais de seu messiado e antecipações de seu reino perfeito, quando toda a natureza estará sujeita a ele, não temos liberdade para colocar limites no poder do Criador vivo hoje. Rejeitamos tanto o ceticismo que nega milagres

quanto a presunção que os exige, tanto a timidez que retrai a plenitude do Espírito quanto o triunfalismo que retrai a fraqueza na qual o poder de Cristo é aperfeiçoado.

Arrependemo-nos de todas as tentativas de evangelizar confiando em nossa própria força ou de ditar ordens ao Espírito Santo. Determinamos que, no futuro, não devemos “entristecer” nem “extinguir” o Espírito, mas sim procurar espalhar as boas novas “em poder, no Espírito Santo e em plena convicção”.⁴⁸

Há uma necessidade urgente de nos humilharmos diante do soberano Espírito Santo hoje. Conhecimento sociológico e conhecimento de comunicação são importantes. Na verdade, eles são dons de Deus para serem usados na evangelização. Mas temos de ter cuidado para que eles não diminuam a nossa confiança no poder do Espírito Santo. Somente o Espírito Santo pode usar as palavras ditas na fraqueza humana e conduzi-las com poder para a mente, consciência e vontade dos ouvintes.⁴⁹ Só ele pode abrir os olhos dos cegos para que vejam a verdade que está em Jesus, abrir os ouvidos dos surdos para que ouçam a sua voz e soltar a língua dos mudos para que confessem que ele é o Senhor. O Espírito Santo é a testemunha principal; “sem o *seu* testemunho, o *nosso* é fútil”.⁵⁰

O RETORNO DE CRISTO

A urgência da missão

A atitude dos Doze imediatamente após a ascensão estava errada. Eles tinham sido comissionados para ir “até os confins *da terra*”, mas eles

estavam em pé no monte das Oliveiras “olhando para o céu”!⁵¹ Eles então receberam a promessa de que o mesmo Jesus que tinha acabado de desaparecer iria, no devido tempo, reaparecer. Para este evento, eles deviam esperar; não adiantava ficar observando o céu para apressá-lo. Enquanto isso, uma vez que eles tinham sido revestidos com o poder do Espírito, eles deviam continuar com a sua tarefa. A sua preocupação deveria ser a terra, não o céu. Assim, as quatro fases do programa divino eram simples. Primeiro, Jesus voltou para o Pai (ascensão). Segundo, o Espírito veio (Pentecostes). Terceiro, a Igreja saiu para fazer discípulos (missão). Quarto, Jesus voltará (*parousia*). Entre o primeiro e o quarto eventos, a ascensão e o retorno, o desaparecimento e o reaparecimento de Jesus, haveria um período não especificado. A lacuna era para ser preenchida com o testemunho mundial da Igreja. Assim, a mensagem implícita dos anjos após a ascensão foi esta: “Vocês o viram ir. Vocês o verão vir. Mas entre aquele ir e vir deve haver outro. O Espírito deve vir, e vocês devem ir – ao mundo por Cristo”.⁵²

É assim que o retorno de Jesus está ligado à missão da Igreja. O retorno trará ao fim o período de missão que começou com o Pentecostes. Temos apenas um tempo limitado para completar a nossa responsabilidade dada por Deus. Precisamos, então, recuperar a expectativa ansiosa do regresso de Cristo que os primeiros cristãos tinham, juntamente com o sentido de urgência que isso lhes deu. Jesus havia prometido que o fim não viria até que o evangelho do reino fosse pregado a todas as nações.⁵³ Mas não temos liberdade para presumir que temos muito tempo, e assim arrastar os pés ou diminuir o nosso ritmo na missão. Pelo contrário, a Igreja está “em movimento – apressando-se até os confins da terra para exortar todos os homens a que se reconciliem com Deus, e apressando-se até o fim dos tempos para encontrar seu Senhor, que reunirá todos em um”.⁵⁴ Os dois fins coincidirão.

O julgamento forma outro elo importante entre a missão da Igreja e o retorno do Senhor. “Todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo”, escreveu Paulo, “para que cada um receba de acordo com as obras praticadas”.⁵⁵ Este não é evidentemente o julgamento universal relativo ao destino eterno de cada um de nós, mas um julgamento particular do povo de Deus em relação à nossa vida e ministério cristão. Trata-se da promessa de reconhecimento e recompensa de algum tipo, ou o seu oposto. O versículo seguinte diz: “Uma vez que conhecemos o temor ao Senhor, procuramos persuadir os homens”.⁵⁶ Ou seja, a razão pela qual buscamos persuadir as pessoas da verdade do evangelho é que ficamos admirados com o Senhor Jesus e seu tribunal, diante do qual um dia teremos de prestar contas. Lembro-me daquelas passagens solenes na profecia de Ezequiel,⁵⁷ nas quais Deus o nomeia “sentinela para a casa de Israel” e o faz responsável por avisá-los do juízo vindouro. Se ele falhar em dar ao ímpio uma advertência adequada, e não falar para dissuadi-lo de seus maus caminhos, Deus diz: “eu considerarei você responsável pela morte dele”.⁵⁸

De maneira semelhante, o apóstolo fundamentou sua exortação a Timóteo para que ele “pregue a palavra” com urgência, não apenas “na presença de Deus e de Cristo Jesus”, mas também “por sua manifestação e seu Reino”, o qual “há de julgar os vivos e os mortos”.⁵⁹ Viver, trabalhar e testemunhar na antecipação consciente do retorno e do julgamento de Cristo é um estímulo saudável à fidelidade. A Escritura nos chama a recordar que, na perspectiva de Deus, o tempo é curto, a necessidade é grande e a tarefa é urgente.

RESUMO

Deixe-me resumir o que a carreira salvadora de Cristo nos diz sobre a missão:

- o *modelo* para a missão é a sua encarnação (identificação sem perda de identidade);
- o *custo* da missão é a sua cruz (a semente que morre multiplica);
- o *mandato* da missão é a sua ressurreição (toda a autoridade agora é dele);
- o *incentivo* da missão é a sua exaltação (a honra de seu nome);
- o *poder* da missão é o seu dom do Espírito (que é a testemunha suprema);
- a *urgência* da missão é o seu retorno (teremos de prestar-lhe contas quando ele vier).

A Igreja precisa continuar retornando para sua inspiração e direção para esta base cristológica da missão. O desafio diante de nós é ver Jesus Cristo como adequado para a nossa tarefa. Devemos nos arrepender de nosso pessimismo (especialmente no Ocidente), nossas baixas expectativas, nossa cínica incredulidade de que, embora a Igreja possa crescer em outros lugares, ela não pode crescer entre nós. Bobagem! Se ao menos pudéssemos ter uma visão renovada e convincente de Jesus Cristo, encarnado e crucificado, ressuscitado e reinante, outorgando o Espírito e voltando novamente! Então teríamos a clareza de propósito e a força de motivação, a coragem, a autoridade, o poder e a paixão pela evangelização mundial no nosso tempo. Em um sermão de aniversário da Sociedade Missionária da Igreja, John Venn, reitor de Clapham, descreveu um missionário nos seguintes termos. Seu retrato eloquente é igualmente aplicável a todo tipo de testemunho cristão:

Com o mundo debaixo de seus pés, com o céu em seus olhos, com o evangelho em sua mão e Cristo em seu coração, ele implora como um embaixador de Deus, sabendo nada além de Jesus Cristo, desfrutando nada além da conversão dos pecadores, esperando apenas a promoção do reino de Cristo e gloriando-se em nada a não ser a cruz de Cristo Jesus, pela qual ele é crucificado para o mundo, e o mundo para ele.⁶⁰



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Pense no povo entre o qual você vive e trabalha. Inspirado pela encarnação de Jesus, o que você poderia fazer para entrar em seu mundo de *pensamento* e seu mundo de *coração*?
2. Stott diz: “Se nos comprometermos menos, certamente sofreremos mais”. De que maneira você sofreu por causa da missão? De que maneira você é tentado a se comprometer para evitar o sofrimento?
3. Veja 1 Pedro 3.15-16. Como o senhorio de Cristo ressuscitado molda a missão? Pedro nos chama a explicar o senhorio de Cristo “com mansidão e respeito”. O que acontece quando afirmamos o senhorio de Cristo sem mansidão? O que acontece quando agimos com mansidão sem afirmar o senhorio de Cristo?
4. Stott diz: “É este zelo por Cristo que integra a adoração e o testemunho da Igreja”. Como podemos garantir que a adoração da Igreja nos motiva a estar envolvidos na missão?
5. O que significa para você ser dependente do Espírito Santo estando envolvido na missão? Como isso muda seu comportamento ou atitudes?

6. Stott diz que precisamos recuperar “o senso de urgência” que o retorno de Cristo deveria nos dar, e que “devemos nos arrepender de nosso pessimismo e de nossas baixas expectativas”. Como este capítulo desafiou suas atitudes? Do que você precisa se arrepender?

CONCLUSÃO

O AGORA E O AINDA NÃO

EU COMECEI na introdução com a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente). E termino com outra tensão, entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro). Estas duas tensões estão juntas. Pois é em e por meio de Jesus Cristo que o passado, o presente e o futuro são trazidos para um relacionamento criativo. Os cristãos vivem no presente, mas o fazem em gratidão pelo passado e em antecipação ao futuro.

Ao concluir este livro, quero me focar no cristianismo bíblico equilibrado. O equilíbrio é um bem raro hoje em dia em quase todas as esferas, e não é diferente entre nós que buscamos seguir a Cristo.

Uma das características do diabo é que ele é um fanático e inimigo de todo senso comum, moderação e equilíbrio. Um de seus passatempos favoritos é desviar o equilíbrio dos cristãos. Se ele não pode nos levar a negar Cristo, ele nos fará distorcer Cristo. Como resultado, o cristianismo desequilibrado é generalizado, no qual enfatizamos demais um aspecto de uma verdade, ao mesmo tempo em que enfatizamos pouco outro aspecto.

Uma compreensão equilibrada da tensão entre o agora e ainda não seria muito benéfica para a unidade dos cristãos e especialmente para uma maior harmonia entre os cristãos evangélicos. Podemos concordar com os fundamentos doutrinários e éticos da fé. No entanto, parecemos constitucionalmente propensos a brigas e divisões, ou simplesmente a seguir nosso próprio caminho e construir nossos próprios impérios.

REINO VINDO E VINDOURO

É fundamental para o cristianismo do Novo Testamento a perspectiva de que estamos vivendo entre os tempos – entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, entre o reino que veio e o reino que virá.

A base teológica para essa tensão pode ser encontrada no próprio ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus. Todo mundo aceita que o reino teve grande destaque no ensino de Jesus e também que ele anunciou a vinda desse reino. No entanto, os estudiosos têm discordado sobre o tempo de sua chegada. Será que o reino já veio, pois Jesus o trouxe com ele? Ou o reino ainda virá no futuro, e temos de esperá-lo com expectativa? Ou será que a verdade está entre essas posições?

Albert Schweitzer é um exemplo de um estudioso que pensou que, de acordo com Jesus, o reino estava inteiramente no futuro. Como um profeta apocalíptico, Jesus ensinou (equivocadamente) que Deus estava prestes a intervir sobrenaturalmente e estabelecer o seu reino. As exigências radicais que ele fez aos seus discípulos foram uma “ética interina” à luz da chegada iminente do reino. A posição de Schweitzer é conhecida como escatologia “completa” ou “consistente”.

No extremo oposto estava C. H. Dodd, com sua crença de que a vinda do reino estava totalmente no passado (posição conhecida como escatologia “realizada”). Ele colocou uma forte ênfase em dois versículos cujos verbos no grego estão no tempo perfeito, ou seja, “O reino de Deus está próximo”¹ e “chegou a vocês o reino de Deus”.² Dodd concluiu que não há uma vinda futura do reino e que as passagens que falam disso não faziam parte do próprio ensinamento de Jesus.

No lugar dessas polaridades extremas, a maioria dos estudiosos tomou uma posição intermediária – que Jesus falou do reino como uma realidade

presente e uma expectativa futura.

Jesus ensinou claramente que o tempo do cumprimento havia chegado;³ que o “homem forte” estava agora amarrado e desarmado, permitindo a pilhagem de seus bens, como ficou evidente em seus exorcismos;⁴ que o reino já estava “dentro de” ou “entre” as pessoas;⁵ e que agora era possível “receber” ou “entrar” nele.⁶

No entanto, o reino também era uma expectativa futura. Não seria aperfeiçoado até o último dia. Então ele olhou para a frente até o fim e ensinou seus discípulos a fazê-lo também. Eles oravam: “Venha o teu reino”⁷ e “busquem em primeiro lugar”,⁸ dando prioridade à sua expansão. Às vezes, ele se referia também ao estado final de seus seguidores em termos de “entrar” no reino⁹ ou “receber” o reino.¹⁰

Uma maneira pela qual a Bíblia expressa a tensão entre o “agora” e o “ainda não” está na terminologia das duas “eras”. Do ponto de vista do Antigo Testamento, a história é dividida entre “esta presente era” e “os últimos dias”, ou seja, o reino da justiça a ser introduzido pelo Messias.¹¹ Essa estrutura simples de duas eras consecutivas, no entanto, foi decisivamente alterada pela vinda de Jesus. Pois ele trouxe a nova era e morreu por nós, a fim de nos livrar “desta presente era perversa”.¹² Como resultado, o Pai já “nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado”.¹³ Até fomos ressuscitados da morte e assentados com Cristo no reino celestial.¹⁴

Ao mesmo tempo, a velha era persiste. Logo, as duas eras se sobrepõem. “As trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz.” Um dia a velha era será terminada (o que será “o fim desta era”),¹⁵ e a nova era, que foi introduzida com a primeira vinda de Cristo, será realizada na segunda. Enquanto isso, as duas eras continuam, e estamos presos nessa tensão entre elas. Somos convocados a “não nos amoldar ao padrão deste mundo”, mas

sim a nos transformar de acordo com a vontade de Deus e a viver coerentemente como filhos da luz.¹⁶

No entanto, a tensão permanece: já *fomos* salvos, mas um dia também *seremos* salvos.¹⁷ E já somos filhos adotivos de Deus, mas também estamos esperando nossa adoção.¹⁸ O cristão “já passou da morte para a vida”, mas a vida eterna ainda será recebida no futuro.¹⁹ Cristo já está reinando, embora seus inimigos ainda não se tenham tornado o estrado de seus pés.²⁰

Vivendo entre o presente e o futuro, a postura característica dos cristãos é descrita de formas variadas como ter esperança,²¹ esperar,²² aguardar com expectativa²³ e gemer,²⁴ enquanto esperamos tanto “ansiosamente”²⁵ como “pacientemente”.²⁶

A essência do período interino entre o “agora” e o “ainda não” é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, o dom do Espírito é a bênção distintiva do reino de Deus e o principal sinal de que a nova era começou.²⁷ Por outro, porque a habitação do Espírito é apenas o início da herança do nosso reino, é também a garantia de que o resto um dia será nosso. O Novo Testamento usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é visto como “os primeiros frutos”, garantindo que virá a colheita completa,²⁸ a “garantia” ou a primeira parcela, sinalizando que o pagamento integral será feito,²⁹ e a degustação, prometendo que a festa completa um dia será desfrutada.³⁰

Aqui estão alguns exemplos da tensão entre o “agora” e o “ainda não”.

REVELAÇÃO, SANTIDADE E CURA

O primeiro exemplo está na *esfera intelectual*, ou na questão da *revelação*.

Afirmamos com alegre confiança que Deus se revelou aos homens, não só no universo criado, na nossa razão e na nossa consciência, mas também supremamente no seu Filho Jesus Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito dele. Ousamos dizer que conhecemos a Deus, porque ele mesmo tomou a iniciativa de remover o véu, que de outra forma o esconderia de nós. Alegramo-nos muito porque a sua Palavra lança luz sobre o nosso caminho.³¹

Mas ainda não conhecemos a Deus como ele nos conhece. Nosso conhecimento é parcial porque sua revelação foi parcial. Ele revelou tudo o que pretende revelar e que considera ser para o nosso bem, mas não tudo o que há para revelar. Ainda restam muitos mistérios e, por isso, vivemos pela fé, não pela vista.³²

Devemos tomar a nossa posição ao lado daqueles autores bíblicos que, embora soubessem ser agentes da revelação divina, confessaram humildemente que o seu conhecimento permaneceu limitado. Mesmo Moisés, “a quem o Senhor conheceu face a face”, reconheceu: “Ó Soberano Senhor, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua mão poderosa!”.³³ Então pense no apóstolo Paulo, que comparou seu conhecimento tanto aos pensamentos imaturos de uma criança quanto aos reflexos distorcidos de um espelho.³⁴

Assim, então, embora seja certo gloriar-se na doação e na finalidade da revelação de Deus, também é certo confessar a nossa ignorância a respeito de muitas coisas. Nós sabemos e não sabemos. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei.”³⁵ É muito importante manter esta distinção. Falando de modo pessoal, gostaria de ver mais ousadia na nossa proclamação daquilo que foi revelado e mais reserva sobre o que foi mantido em segredo. A concordância na verdade

claramente revelada é necessária para a unidade, mesmo quando damos liberdade uns aos outros em assuntos secundários. E a maneira de reconhecê-los é quando os cristãos que estão igualmente ansiosos para ser submissos às Escrituras, no entanto, chegam a conclusões diferentes sobre eles. Estou pensando, por exemplo, nas controvérsias sobre o batismo, governo da igreja, liturgia e cerimônias, dons espirituais e cumprimento das profecias.

A segunda tensão está na *esfera moral*, ou na questão da *santidade*.

Deus já colocou o seu Espírito Santo dentro de nós, a fim de nos tornar santos.³⁶ O Espírito Santo está ativamente trabalhando dentro de nós, subjugando nossa natureza humana caída e egoísta e fazendo com que seu fruto amadureça em nosso caráter.³⁷ Já, podemos afirmar que ele está nos transformando à imagem de Cristo.³⁸

Mas nossa natureza caída não foi erradicada, pois “a carne deseja o que é contrário ao Espírito”,³⁹ de modo que, “se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos”.⁴⁰ Ainda não vivemos completamente de acordo com a perfeita vontade de Deus, porque ainda não amamos a Deus com todo o nosso ser, nem ao nosso próximo como a nós mesmos. Como Paulo colocou, ainda não somos perfeitos, mas continuamos em direção a esse objetivo, confiantes de que “aquele que começou boa obra em [nós], vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”.⁴¹

Sendo assim, estamos presos em uma tensão dolorosa entre o “agora” e o “ainda não”, entre o desânimo por causa das nossas falhas contínuas e a promessa de liberdade final. Por um lado, devemos seguir com a maior seriedade a ordem de Deus: “Sejam santos porque eu [...] sou santo”;⁴² e também a instrução de Jesus: “Vá e não peque mais”.⁴³ Por outro lado, temos de reconhecer a realidade do pecado em nós convivendo com a realidade do

Espírito em nós.⁴⁴ A perfeição sem pecado pela qual ansiamos continua nos iludindo.

A terceira tensão entre o “já” e o “ainda não” está na *esfera física*, ou na questão da *cura*.

Afirmamos que o reino de Deus, há muito prometido, entrou na história com Jesus Cristo, que não se contentou apenas em proclamar o reino, mas continuou a demonstrar a sua chegada pelas coisas extraordinárias que fez. Seu poder era especialmente evidente no corpo humano: ele curou os doentes, expulsou os demônios e ressuscitou os mortos.

Ele também deu autoridade aos Doze e aos Setenta para ampliar sua missão em Israel e para realizar milagres. Quanto mais ele pretendia ampliar sua autoridade é um assunto em discussão. De um modo geral, os milagres e os sinais eram “as marcas de um apóstolo” verdadeiro.⁴⁵ No entanto, seria insensato tentar limitar ou domesticar Deus. Devemos permitir que ele use sua liberdade e sua soberania, estando inteiramente abertos à possibilidade de milagres físicos hoje.

Mas o reino de Deus ainda não chegou em toda a sua plenitude. Pois “o reino do mundo” ainda não “se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo”, quando “ele reinará para todo o sempre”.⁴⁶ Em particular, nosso corpo ainda não foi redimido, e a natureza ainda não foi inteiramente submetida ao governo de Cristo.

Então nós temos de reconhecer a tensão entre o “já” e o “ainda não” também nessa esfera. Para ter certeza, nós experimentamos “os poderes da era que há de vir”,⁴⁷ mas até agora isso continua sendo apenas um gostinho. Parte da nossa experiência cristã é que a vida de ressurreição de Jesus é “revelada em nosso corpo”.⁴⁸ Ao mesmo tempo, nosso corpo permanece frágil e mortal. Reivindicar uma saúde perfeita agora seria antecipar nossa ressurreição. A ressurreição corporal de Jesus foi o penhor, e de fato o

começo, da nova criação de Deus. Mas Deus ainda não pronunciou a palavra decisiva: “Estou fazendo novas todas as coisas”.⁴⁹ Aqueles que descartam a própria possibilidade de milagres hoje se esquecem do “já” do reino, enquanto aqueles que os esperam como o que tem sido chamado de “vida cristã normal” esquecem que o reino “ainda não” é.

IGREJA E SOCIEDADE

Em quarto lugar, a mesma tensão é experimentada na *esfera eclesiástica*, ou a questão da *disciplina da igreja*.

Jesus, o Messias, reúne à sua volta um povo que lhe pertence, uma comunidade caracterizada pela verdade, pelo amor e pela santidade para a qual foi chamada. Mas Cristo ainda não apresentou sua noiva a si mesmo “como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável”.⁵⁰ Pelo contrário, a vida e o testemunho atuais da Igreja são marcados pelo erro, pela discórdia e pelo pecado.

Então, sempre que pensamos na Igreja, precisamos manter juntos o ideal e a realidade. A Igreja está comprometida com a verdade e propensa ao erro, unida e dividida, pura e impura. Não significa que temos de aceitar suas falhas. Devemos acalentar a visão tanto da pureza doutrinária e ética quanto da unidade visível da Igreja. Somos chamados a combater “o bom combate da fé”,⁵¹ e a fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”.⁵² E, na busca destas coisas, há lugar para disciplina em casos de heresia ou pecado grave.

Mesmo assim, o erro e o mal não vão ser erradicados completamente da Igreja neste mundo. Eles continuarão a coexistir com a verdade e a bondade. “Deixem que cresçam juntos até a colheita”, disse Jesus na parábola do trigo

e do joio.⁵³ Nem a Bíblia nem a história da Igreja justificam o uso de severas medidas disciplinares na tentativa de garantir uma Igreja perfeitamente pura neste mundo.

A quinta área de tensão entre o “agora” e o “antes”, o “já” e o “ainda não”, é a *esfera social*, ou a questão do *progresso*.

Afirmamos que Deus está trabalhando na sociedade humana. Isto, em parte, se deve à sua “graça comum”, ao dar ao mundo as bênçãos da família e do governo, pelos quais o mal é contido e os relacionamentos são ordenados. E é também por meio dos membros da sua comunidade redimida, que penetram na sociedade como sal e luz, fazendo a diferença ao impedir a decadência e dissipar as trevas.

Mas Deus ainda não criou os prometidos “novos céus e nova terra, onde habita a justiça”.⁵⁴ Ainda existem “guerras e rumores de guerras”.⁵⁵ As espadas ainda não foram forjadas em arados, nem as lanças em foices.⁵⁶ As nações ainda não renunciaram à guerra como um método para resolver suas disputas. O egoísmo, a crueldade e o medo continuam.

Portanto, embora seja correto fazer campanha pela justiça social e ter expectativas de que a sociedade melhore, sabemos que nunca poderemos torná-la perfeita. Embora conheçamos o poder transformador do evangelho e os efeitos benéficos do sal e da luz dos cristãos, também sabemos que o mal está enraizado na natureza humana e na sociedade humana. Somente Cristo em sua segunda vinda erradicará o mal e entronizará a justiça para sempre.

Aqui, então, estão cinco áreas (intelectual, moral, física, eclesiástica e social) nas quais é vital preservar a tensão entre o “já” e o “ainda não”.

TRÊS TIPOS DE CRISTÃO

Existem três tipos distintos de cristãos, de acordo com a extensão em que eles conseguem manter este equilíbrio bíblico.

Em primeiro lugar, há os “*cristãos já*”, que enfatizam o que Deus já nos deu em Cristo. Mas eles dão a impressão de que, em consequência, não há mais mistérios, não há pecados que não possam ser vencidos, não há doenças que não possam ser curadas nem males que não possam ser erradicados.

Em suma, eles parecem acreditar que a perfeição pode ser alcançada agora.

Seus motivos são irrepreensíveis. Eles querem glorificar a Cristo – então eles se recusam a estabelecer limites para o que ele é capaz de fazer. Mas seu otimismo pode facilmente degenerar em presunção e acabar em desilusão. Eles se esquecem do “ainda não” do Novo Testamento e de que a perfeição aguarda a segunda vinda de Cristo.

Em segundo lugar, há os *cristãos “ainda* não”, que enfatizam a incompletude da obra de Cristo para o momento e aguardam ansiosamente o momento em que ele vai completar o que começou. Mas eles parecem estar preocupados com a nossa ignorância e fracasso humanos, o reinado penetrante de doença e da morte e a impossibilidade de garantir uma igreja pura ou uma sociedade perfeita.

Seu motivo também é excelente. Se os “cristãos já” querem glorificar a Cristo, os “cristãos ainda não” querem humilhar os pecadores. Eles estão determinados a ser fiéis à Bíblia para enfatizar nossa depravação humana. Mas seu pessimismo pode facilmente degenerar em complacência; ele também pode levar à aceitação do *status quo* e à apatia diante do mal. Eles se esquecem do que Cristo “já” fez por sua morte, ressurreição e envio do Espírito – e do que ele pode fazer em nossa vida e, como resultado, na Igreja e na sociedade.

Em terceiro lugar, existem os “*cristãos já/ainda não*”. Eles querem dar igual peso às duas vindas de Jesus. Por um lado, eles têm muita confiança no “já”, no que Deus disse e fez por meio de Cristo. Por outro lado, eles exibem uma humildade genuína diante do “ainda não”, humildade para confessar que o mundo vai permanecer caído e meio salvo até que Cristo aperfeiçoe em sua segunda vinda aquilo que ele começou na primeira vinda.

É essa combinação do “já” e do “ainda não” que caracteriza o evangelicalismo bíblico autêntico e que exemplifica o equilíbrio que é tão urgentemente necessário hoje.

Nossa posição como “cristãos contemporâneos” repousa com segurança sobre a pessoa de Jesus, cuja morte e ressurreição pertencem ao “já” do passado, e cuja gloriosa segunda vinda pertence ao “ainda não” do futuro. Como aclamamos em fé e triunfo:

Cristo morreu!

Cristo ressuscitou!

Cristo virá novamente!

Notas

PREFÁCIO

1. Apocalipse 1.8.↵
2. Hebreus 13.8.↵

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

1. Salmos 119.105; cf. 2 Pedro 1.19.↵
2. Bonhoeffer, Dietrich. Letters and Papers from Prison [Cartas e papéis da prisão]. SCM Press, 1971. p. 279.↵
3. Mateus 11.19.↵
4. Veja Pelikan, Jaroslav. Jesus Through the Centuries [Jesus através dos séculos]. Yale University Press, 1985. p. 182-193.↵
5. 2 Coríntios 11.4.↵
6. 2 Timóteo 1.15; cf. 4.11, 16.↵
7. Atos 26.25.↵
8. Ezequiel 2.6-7.↵

INTRODUÇÃO

1. Cf. Mateus 5.16.↵

CAPÍTULO 1

1. A história é contada por Douglas Webster em Not Ashamed [Não me envergonho]. Hodder & Stoughton, 1970. p. 66.↵
2. W. A. Visser't Hooft, No Other Name [Nenhum outro nome]. SCM Press, 1963. p. 11.↵
3. Ibid., p. 95.↵
4. Estas categorias foram empregadas pela primeira vez por Alan Race em Christians and Religious Pluralism [Os cristãos e o pluralismo religioso] (Orbis, 1982), foram popularizados pelo Conselho para a Missão e a Unidade do Sínodo Geral da Igreja da Inglaterra em seu relatório Towards a Theology for Inter-Faith Dialogue [Para uma teologia para o diálogo inter-religioso] (Conselho Consultivo Anglicano, 1984. ed., 1986) e foram desenvolvidos por Paul F. Knitter em No other name? [Nenhum outro nome?] (SCM Press, 1985), enquanto as implicações do pluralismo foram exploradas em John Hick e Paul F. Knitter (eds.), The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã] (SCM Press, 1987). Uma crítica criteriosa do Dr. Christopher Wright em Towards a Theology for Inter-Faith Dialogue apareceu em Anvil (v. 1, n. 3, 1984), e este material já foi incorporado em seu livreto, What's So Unique about Jesus? [O que há de tão singular em Jesus?] (MARC, 1990). Então, em 1991 (tarde demais para ser considerado neste livro), apareceu uma reviravolta vigorosa a The Myth of Christian Uniqueness intitulado Christian Uniqueness Reconsidered: The Myth of a Pluralist Theology of Religions [A singularidade cristã reconsiderada: o mito de uma teologia pluralista das religiões], ed. Gavin D'Costa (Fowler Wright). É outra compilação e inclui contribuições de teólogos contemporâneos

como Jürgen Moltmann, Lesslie Newbigin, Wolfhart Pannenberg, Rowan Williams e M. M. Thomas.↵

5. Gaudium et Spes. Parágrafo 22.↵
6. Esta é uma posição possível descrita por Raimundo Panikkar na sua contribuição para The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 91.↵
7. Stanley J. Samartha em The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 79-80.↵
8. Mateus 10.34.↵
9. Paul F. Knitter, No Other Name? [Nenhum outro nome?]. SCM Press, 1985. p. 2.↵
10. The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 17.↵
11. Rosemary Radford Ruether em The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 139.↵
12. Ibid., p. 76.↵
13. Tom F. Driver em The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 207.↵
14. The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 39-40.↵
15. Ibid., p. viii.↵
16. Ibid., p. 8.↵
17. Ibid., p. 12-13.↵
18. Ibid., p. 211.↵
19. Ibid., p. 56-57.↵
20. Ibid., p. 59.↵
21. Ibid., p. 216.↵

22. Ibid., Parte III.↵
23. Ibid., p. 180.↵
24. Ibid., p. 23-30.↵
25. Ibid., p. 141.↵
26. O texto completo de seu sermão aparece na International Review of Mission, jul. 1988, p. 325-331.↵
27. Mbiti, John. African Religions and Philosophy [Religiões e filosofia africanas]. Heinemann, 1969. p. 277.↵
28. Jones, Stanley. The Christ of the Indian Road [O Cristo da estrada indiana]. 1925; Hodder & Stoughton, 1926. p. 64.↵
29. Neil, Stephen. Crises of Belief [Crises de crença]. Hodder & Stoughton, 1984. Publicado nos Estados Unidos como Christian Faith and Other Faiths [Fé cristã e outras fés]. IVP Estados Unidos, 1984. p. 23.↵
30. Ibid., p. 286.↵
31. Veja Simpson, P. Carnegie. The Fact of Christ [O fato de Cristo]. 1930; James Clarke, 1952. p. 19-22.↵
32. 2 Pedro 3.18.↵
33. Por exemplo, Atos 2.36; Romanos 10.9; cf. Mateus 28.18.↵
34. Deuteronômio 6.4.↵
35. Capítulo sobre Maria, no Alcorão, traduzido em inglês por N. J. Dawood. Penguin, 1968. p. 34.↵
36. Hick, John (ed.), The Myth of God Incarnate [O mito de Deus encarnado]. SCM Press, 1977. p. 169.↵
37. Traduzido em inglês por Juan Mascaro, Bhagavad Gita. Penguin, 1962. p. 61-62.↵
38. Citado por W. A. Visser't Hooft, No Other Name [Nenhum outro nome]. SCM Press, 1963. p. 36-37.↵

39. Colossenses 2.9.↵
40. Lucas 19.10.↵
41. Lucas 15.1-7.↵
42. João 10.11,15.↵
43. De um artigo no Church of England Newspaper, 28 maio 1976.↵
44. Brunner, Emil. The Mediator [O mediador]. 1927; ET Westminster, 1947. p. 291-299.↵
45. Montefiore, C. G. The Synoptic Gospels [Os Evangelhos sinóticos]. Macmillan, 2. ed., 1927, v. 1, p. cxviii, 55; v. 2, p. 520-521.↵
46. Neil, S. C. Crises of Belief [Crises de crença]. p. 87.↵
47. Kagawa, T. Christ and Japan [Cristo e o Japão]. SCM Press, 1934. p. 108, 113. Cf. Mateus 26.28.↵
48. Salmos 19.14; 23.1; 27.1; 62.2; 63.1.↵
49. Filipenses 3.8.↵
50. 1 Pedro 1.8.↵
51. Por exemplo, João 14.16-18; Romanos 8.9-10.↵
52. Efésios 3.16-17.↵
53. Efésios 2.18.↵
54. João 14.16-23.↵
55. Neil, Stephen C. Christian Faith Today [Fé cristã hoje]. Penguin, 1955. p. 17-18.↵
56. Coggan, Donald. Paul: Portrait of a Revolutionary [Paulo: retrato de um revolucionário]. Hodder & Stoughton, 1984. p. 75.↵
57. Cf. Mateus 18.20.↵
58. Mateus 28.20.↵
59. Knitter, P. F. No Other Name? [Nenhum outro nome?]. p. 185.↵

60. The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã].
p. 196.↵
61. Mateus 11.25-27.↵
62. João 14.6.↵
63. Atos 4.10-12.↵
64. 1 Coríntios 8.6.↵
65. Hebreus 10.12-14.↵
66. 1 Timóteo 2.5.↵
67. W. A. Visser't Hooft, No Other Name [Nenhum outro nome]. p. 102.↵
68. Mateus 28.18-29.↵
69. Atos 17.27-28.↵
70. João 1.1-5.↵
71. João 1.9.↵
72. Atos 11.14,18; 15.9.↵
73. Apocalipse 7.9.↵
74. Gênesis 22.17.↵
75. Romanos 5.15-21.↵
76. Romanos 10.14.↵
77. Romanos 10.17.↵

CAPÍTULO 2

1. De uma carta ao Lorde Samuel, datada de 26 de novembro de 1942, publicada em F. S. Temple (ed.), Some Lambeth Letters [Algumas cartas de Lambeth]. OUP, 1963. p. 40-41.↵

2. Relatório Willowbank: Evangelho e cultura. Comissão Lausanne para a Evangelização Mundial, 1978. p. 14.↵
3. Ibid., p. 16.↵
4. Cragg, Kenneth. The Call of the Minaret [O chamado do minarete]. OUP, 1956. p. 182-183.↵
5. 2 Coríntios 10.1.↵
6. Veja, por exemplo, o documento de estudo da junta Católico Romana e Conselho Mundial intitulado Common Witness and Proselytism [Testemunho comum e proselitismo] (1970).↵
7. 2 Coríntios 13.8.↵
8. Números 16.22; 27.16 (ARC).↵
9. Gênesis 12.2-4.↵
10. Gálatas 3.29.↵
11. Romanos 4.16-17.↵
12. Gálatas 3.8.↵
13. Salmos 2.8.↵
14. Salmos 72.11.↵
15. Isaías 49.6.↵
16. Isaías 2.2.↵
17. Blaikie, W. G. David Livingstone (1908).↵
18. Mateus 10.6.↵
19. Mateus 15.24.↵
20. Mateus 1.2.↵
21. Mateus 2.1-12.↵
22. Mateus 8.11.↵
23. Mateus 28.19-20.↵

24. Allen, Roland. Pentecost and the World [Pentecostes e o mundo]. OUP, 1917. p. 36.↵
25. Ibid., p. 40.↵
26. Por exemplo, Lucas 24.49; Atos 1.4, 8.↵
27. Joel 2.28; Atos 2.17.↵
28. Atos 8.5-8.↵
29. Atos 10 e 11.↵
30. Atos 11.20.↵
31. Atos 16.6-10.↵
32. Atos 28.31.↵
33. Boer, Harry R. Pentecost and Missions [Pentecostes e missões]. Lutterworth, 1961. p. 161-162.↵
34. Ibid., p. 217. Pergunta a John Stott, na versão original de O Cristão Contemporâneo.↵
35. Filipenses 1.5.↵
36. 2 Tessalonicenses 3.1.↵
37. Colossenses 4.3.↵
38. Efésios 6.19-20.↵
39. 1 Timóteo 3.15.↵
40. 1 Pedro 2.9.↵
41. Filipenses 2.15-16.↵
42. 1 Tessalonicenses 1.6, 8.↵
43. Colossenses 4.5-6.↵
44. 1 Pedro 3.15.↵
45. De seu discurso “A validade duradoura da missão transcultural”, proferido na abertura da nova sede do Centro de Estudos dos Ministérios do Exterior em New Haven, Connecticut, em 5 de outubro

de 1987, e publicado no International Bulletin of Missionary Research, abril de 1988.↵

46. Apocalipse 4.1.↵

47. Apocalipse 7.9-10.↵

48. Gênesis 13.16.↵

49. Gênesis 15.5.↵

50. Gênesis 22.17.↵

51. Gênesis 13.16 (grifo nosso).↵

52. Gênesis 15.5 (grifo nosso).↵

53. Collier, Richard. The General Next to God [O general ao lado de Deus]. Collins, 1965. p. 146.↵

CAPÍTULO 3

1. Bakke, Raymond. Urban Mission [Missão urbana]. Set. 1986. p. 7.↵

2. Henry, Carl F. H. Evangelicals at the Brink of Crisis [Evangélicos à beira da crise]. Word Books, 1967. p. 71-72.↵

3. Ver R. K. Orchard (ed.), Witness in Six Continents [Testemunha em seis continentes]. Edinburgh House Press, 1964. p. 157.↵

4. W. A. Visser't Hooft, in Norman Goodall (ed.), The Uppsala 1968 Report. WCC, 1968.↵

5. Pacto de Lausanne, parágrafos 5 e 6. (John Stott liderou a equipe de redação do Pacto de Lausanne.)↵

6. Evangelism and Social Responsibility: An Evangelical Commitment [Evangelificação e responsabilidade social: um compromisso evangélico], The Grand Rapids Report. Paternoster, 1982. p. 24-25. [Evangelificação e

- Responsabilidade Social. São Paulo: ABU Editora, 2004]. (John Stott liderou a equipe de elaboração do relatório da Consulta sobre Evangelização e Responsabilidade Social.)↵
7. The Manila Manifesto: An Elaboration of the Lausanne Covenant 15 Years Later [Manifesto de Manila: uma elaboração do Pacto de Lausanne 15 anos depois]. Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial, 1989. Parágrafo 4. p. 15. (John Stott liderou a equipe de elaboração do Manifesto de Manila.)↵
 8. Cf. Gálatas 5.6, 13.↵
 9. Cf. Efésios 2.10; Tito 2.14.↵
 10. Evangelism and Social Responsibility. p. 21-24. [Evangelização e Responsabilidade Social. São Paulo: ABU Editora, 2004].↵
 11. Atos 6.1-7.↵
 12. Keele '67, a Declaração do Congresso Nacional Anglicano Evan-gélico, ed. Philip Crowe. Falcon, 1967. Parágrafo 2.20. p. 23.↵
 13. Stott, John. A Missão Cristã no Mundo Moderno. Viçosa, MG: Ultimato, 2010. p. 36, 41.↵
 14. João 15.9.↵
 15. João 17.18; 20.21.↵
 16. Deuteronômio 10.12-20.↵
 17. Miqueias 6.8.↵
 18. 1 Reis 18.↵
 19. 1 Reis 21.↵
 20. Jeremias 19.4.↵
 21. Ezequiel 22.3-4; cf. 36.18-19.↵
 22. Evangelism and Social Responsibility. p. 20. [Evangelização e Responsabilidade Social. São Paulo: ABU Editora, 2004].↵

23. Marcos 6.6.↵
24. Atos 10.38.↵
25. Colson, Charles. Loving God [Amando Deus]. Zondervan, 1983. p. 145.↵
26. Lucas 15.11-32.↵
27. Lucas 10.30-37.↵
28. Booth, William. In Darkest England and the Way Out [A solução para a sombria Inglaterra]. Salvation Army, 1890. p. 14.↵
29. Ibid., p. 45.↵
30. Ibid., Prefácio, p. 4; cf. p. 257.↵
31. Collier, Richard, The General Next to God [O general ao lado de Deus]. Collins, 1965. p. 199.↵
32. João 1.14.↵
33. Bavinck, J. Herman. An Introduction to the Science of Missions [Uma introdução à ciência das missões]. 1954; ET Presbyterian & Reformed, 1960. p. 113.↵
34. O Manifesto de Manila, parágrafo 4: “O evangelho e a responsabilidade social”, p. 15.↵
35. Martin Luther King, em Strength to Love [Força para amar]. Collins, 1963. p. 34. E em Stride Toward Freedom: The Montgomery Story [Passo para a liberdade: a história de Montgomery]. Harper & Row, 1958. p. 198.↵
36. De sua introdução a Christian Mission and Social Justice [Missão cristã e justiça social], por Samuel Escobar e John Driver. Herald Press, 1978. p. 7-9.↵
37. Howard, David. The Great Commission for Today [A Grande Comissão de hoje]. IVP Estados Unidos, 1976. p. 84-85.↵

38. Coomes, Anne. Festa Kivengere: The Authorized Biography [Festa Kivengere: a biografia autorizada]. Monarch, 1990. p. 318.↵
39. Ibid., p. 455.↵
40. Ibid., p. 434.↵

CAPÍTULO 4

1. Relatório Willowbank Relatório Willowbank: Evangelho e cultura. Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial, 1978. p. 28.↵
2. João 17.18; 20.21.↵
3. 1 Coríntios 9.19-22.↵
4. Collier, Richard. The General Next to God [O general ao lado de Deus]. Collins, 1965. p. 91-98.↵
5. West, Morris. Children of the Sun [Filhos do sol]. 1957; Pan, 1958. Especialmente p. 82-104.↵
6. Relatório Willowbank: Evangelho e cultura. Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial, 1978. Parágrafo 6(b). p. 18.↵
7. Sire, James. The Universe Next Door. IVP, 1976; 2. ed., 1990. [O Universo ao Lado. Brasília: Monergismo]↵
8. Your Kingdom Come [Venha o teu reino]. WCC, 1980. p. 143.↵
9. Newbiggin, Lesslie. The Other Side of 1984 [O outro lado de 1984]. WCC, 1983. Especialmente p. 22 e 31. Veja também sua Foolishness to the Greeks [Loucura para os gregos] (SPCK, 1986), na qual ele nos apela para desafiar tanto a cosmovisão científica quanto o materialismo ateu.↵
10. Romanos 12.15.↵

11. Isaías 49.6; cf. 42.1-4.↵
12. Isaías 50.6-7.↵
13. Isaías 52.15.↵
14. Isaías 53.3.↵
15. Isaías 53.4-12.↵
16. Webster, Douglas. Yes to Mission [Sim para a missão]. SCM Press, 1966. p. 101-102.↵
17. João 12.23-24.↵
18. João 12.26.↵
19. Efésios 3.13.↵
20. 2 Timóteo 2.10.↵
21. 2 Coríntios 4.12.↵
22. Collier, Richard. The General Next to God [O general ao lado de Deus]. Collins, 1965. p. 104-109.↵
23. Scott, Carolyn. The Heavenly Witch: The Story of the Maréchale [A bruxa celestial: a história da Maréchale]. Hamish Hamilton, 1981. p. 113.↵
24. Donovan, Vincent. Christianity Rediscovered: An Epistle from the Masai [O cristianismo redescoberto: uma epístola dos masai]. 1978; SCM Press, 1982. p. 193-194.↵
25. Mateus 28.18-19.↵
26. Por exemplo, Salmos 86.9.↵
27. Por exemplo, Isaías 2.1-3.↵
28. Blauw, Johannes. The Missionary Nature of the Church [A natureza missionária da Igreja]. 1962; Eerdmans, 1974. p. 34, 54, 66. Ver também Jeremias, Joachim. Jesus' Promise to the Nations [A promessa de Jesus

- às nações]. 1956; ET SCM Press, 1958. Especialmente p. 58-67, que enfatizam a peregrinação centrípeta.↵
29. Ibid., p. 83.↵
30. Ibid., p. 84.↵
31. Ibid., p. 166.↵
32. Ibid., p. 101.↵
33. Efésios 1.21 (grifo nosso).↵
34. Filipenses 2.9.↵
35. Colossenses 1.18.↵
36. John Hick and Paul F. Knitter (eds.), *The Myth of Christian Uniqueness* [O mito da singularidade cristã]. SCM Press, 1987. p. 20.↵
37. Filipenses 2.9-11.↵
38. 1 Reis 19.10.↵
39. 2 Coríntios 11.2-3.↵
40. Padwick, Constance E. *Henry Martyn: Confessor of the Faith* [Henry Martyn: confessor da fé]. 1922; FIV, 1953. p. 146.↵
41. Romanos 1.5; cf. 3 João 7.↵
42. Citado em Gerald H. Anderson e Thomas F. Stransky (eds.), *Christ's Lordship and Religious Pluralism* [O senhorio de Cristo e o pluralismo religioso]. Orbis, 1981. p. 115-117. Veja também *A Theological Understanding of the Relationship between Christians and Jews* [Uma compreensão teológica da relação entre cristãos e judeus], um artigo recomendado para estudo pela Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos em 1987.↵
43. Citado por Cormac Murphy-O'Connor, então bispo de Arundel e Brighton, em *The Family of the Church* [A família da Igreja]. DLT, 1984. p. 41.↵

44. Mott, John R. The Decisive Hour of Christian Missions [A hora decisiva das missões cristãs]. Sociedade Missionária da Igreja, 1910. p. 193.↵
45. João 7.37-39.↵
46. Temple, William. Readings in St. John's Gospel [Leituras no Evangelho de S. João]. 1945; Macmillan, 1955. p. 130.↵
47. Wells, David. God the Evangelist [O Deus Evangelista]. Eerdmans e Paternoster, 1987.↵
48. The Manila Manifesto: An Elaboration of the Lausanne Covenant 15 Years Later [O Manifesto de Manila: uma elaboração do Pacto de Lausanne 15 anos depois]. Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial, 1989. n. B-5.↵
49. Veja 1 Coríntios 2.1-5; 1 Tessalonicense 1.5.↵
50. O Pacto de Lausanne. Parágrafo 14.↵
51. Atos 1.8,11 (grifo nosso).↵
52. Veja John Stott, The Message of Acts (IVP, 1990), p. 51. [A Mensagem de Atos. ABU Editora, 1994].↵
53. Mateus 24.14; cf. Marcos 13.10.↵
54. Newbigin, Lesslie. The Household of God [A casa de Deus]. SCM Press, 1953. p. 25.↵
55. 2 Coríntios 5.10.↵
56. 2 Coríntios 5.11.↵
57. Ezequiel 3; 33.↵
58. Ezequiel 33.7-8.↵
59. 2 Timóteo 4.1-2.↵
60. Hennell, Michael. John Venn and the Clapham Sect [John Venn e a seita de Clapham]. Lutterworth, 1958. p. 245.↵

CONCLUSÃO

1. Marcos 1.15, como ele traduz êngiken.↵
2. Mateus 12.28, ephthasen.↵
3. Por exemplo, Marcos 1.14-15; Mateus 13.16-17.↵
4. Mateus 12.28-29; cf. Lucas 10.17-18.↵
5. Lucas 17.20-21.↵
6. Por exemplo, Marcos 10.15.↵
7. Mateus 6.10.↵
8. Mateus 6.33.↵
9. Marcos 9.47; cf. Mateus 8.11.↵
10. Mateus 25.34.↵
11. Por exemplo, Isaías 2.2; Mateus 12.32; Marcos 10.30.↵
12. Gálatas 1.4.↵
13. Colossenses 1.13; cf. Atos 26.18; 1 Pedro 2.9.↵
14. Efésios 2.6; Colossenses 3.1.↵
15. Por exemplo, Mateus 13.39; 28.20.↵
16. Romanos 12.2; 13.11-14; 1 Tessalonicenses 5.4-8.↵
17. Romanos 8.24; 5.9-10; 13.11.↵
18. Romanos 8.15, 23.↵
19. João 5.24; 11.25-26; Romanos 8.10-11.↵
20. Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↵
21. Romanos 8.24.↵
22. Filipenses 3.20-21; 1 Tessalonicenses 1.9-10.↵
23. Romanos 8.19.↵
24. Romanos 8.22-23, 26; 2 Coríntios 5.2, 4.↵
25. Romanos 8.23; 1 Coríntios 1.7.↵

26. Romanos 8.25.↵
27. Por exemplo, Isaías 32.15; 44.3; Ezequiel 39.29; Joel 2.28; Marcos 1.8; Hebreus 6.4-5.↵
28. Romanos 8.23.↵
29. 2 Coríntios 5.5; Efésios 1.14.↵
30. Hebreus 6.4-5.↵
31. Salmos 119.105.↵
32. 2 Coríntios 5.7.↵
33. Deuteronomio 34.10; cf. Números 12.8; Deuteronomio 3.24.↵
34. 1 Coríntios 13.9-12.↵
35. Deuteronomio 29.29.↵
36. 1 Tessalonicenses 4.7-8.↵
37. Gálatas 5.16-26.↵
38. 2 Coríntios 3.18.↵
39. Gálatas 5.17.↵
40. 1 João 1.8.↵
41. Filipenses 3.12-14; 1.6.↵
42. Por exemplo, Levítico 19.2.↵
43. João 8.11 (NAA).↵
44. Por exemplo, Romanos 7.17, 20; 8.9, 11.↵
45. 2 Coríntios 12.12.↵
46. Apocalipse 11.15.↵
47. Hebreus 6.5.↵
48. 2 Coríntios 4.10-11.↵
49. Apocalipse 21.5.↵
50. Efésios 5.27; cf. Apocalipse 21.2.↵
51. 1 Timóteo 6.12.↵

52. Efésios 4.3.↵

53. Mateus 13.30.↵

54. 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↵

55. Marcos 13.7.↵

56. Isaías 2.4.↵

O MUNDO

Categoria: Estudo bíblico / Ética / Vida Cristã

Copyright © John Stott com Tim Chester, 2019. Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 2019, por InterVarsity Press, Londres, Inglaterra.

Título original em inglês: *The Bible*

Publicado como o terceiro volume da série “O Cristão Contemporâneo”. Organizado por Tim Chester a partir do livro *The Contemporary Christian* (1992), de John Stott.

Primeira edição: Julho de 2021

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Denis Timm

Revisão: Equipe de revisão Ultimato

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Rafael Brum

Produção do arquivo ePub: Booknando

A menos que indicado de outra forma, os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S888

Stott, John.

O mundo : uma missão a ser cumprida [recurso eletrônico] / John Stott e Tim Chester ; tradução Denis Timm. — Viçosa : Ultimato, 2021.

Dados eletrônicos (e-Pub). — (O Cristão Contemporâneo ; 3) 340 p.

Título original: The world : a mission to be accomplished

ISBN 978-65-86173-25-3

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 2. Vida cristã. 3. Bíblia - Estudos bíblicos. I. Chester, Tim. II. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. III. Título. IV. Série.

CDU 82.1(811.3)

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br



facebook.com/editora.ultimato



twitter.com/ultimato



instagram.com/editoraultimato